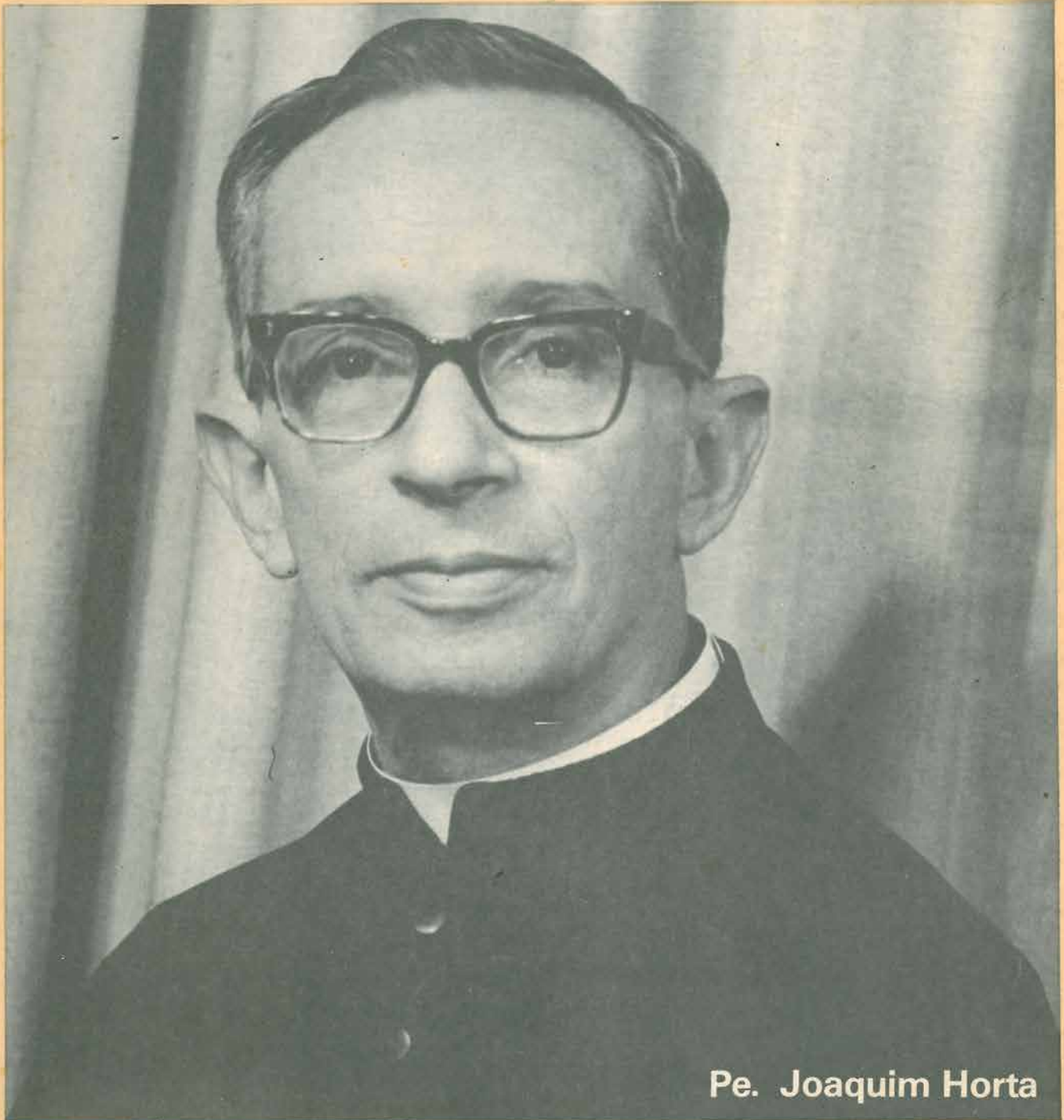




# a chama

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 30 ANOS  
DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

SETEMBRO DE 1989



Pe. Joaquim Horta

## O QUE FOI FEITO DEVERÁ

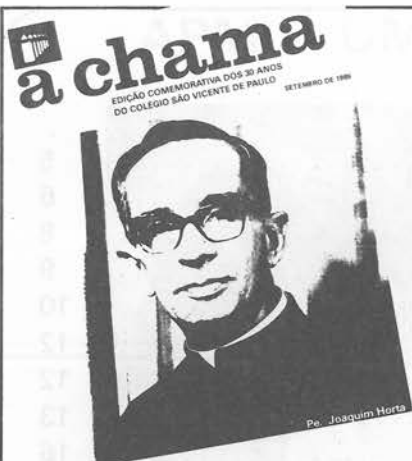
*Milton Nascimento e Fernando Brant*

*O que foi feito amigo  
De tudo que a gente sonhou  
O que foi feito da vida  
O que foi feito do amor  
Quisera encontrar  
Aquele verso menino  
Que escrevi há tantos anos atrás*

*Falo assim sem saudade  
Falo assim por saber  
Se muito vale o já feito  
Mas vale o que será  
E o que foi feito  
É preciso conhecer  
Para melhor prosseguir*

*Falo assim sem tristeza  
Falo por acreditar  
Que é cobrando o que fomos  
Que nós iremos crescer  
Outros outubros virão  
Outras manhãs plenas de sol e de luz.*





## a chama EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241  
Laranjeiras — CEP 22241  
Telefone: 205-0796

Supervisão Editorial:  
Maria Célia Bustamante

Ilustração:  
Marcelo Oliveira

Composição:  
Geniu's Atelier Gráfico Ltda.  
Av. Gomes Freire, 647/504  
Tel.: 252-8580

Os artigos assinados  
são de responsabilidade  
dos autores.

Circulação dirigida:  
5.000 exemplares

Produção e Impressão:  
Altiva Gráfica e Editora Ltda.  
Rua do Senado, 204 - Loja  
Tels.: 232-7869 / 252-5576

## Editorial

**A**contecimentos e fatos cotidianos alinhados num continuum diacrônico constituem a História dos povos e nações. Tais fatos teriam se perdido no tempo, se não tivessem sido registrados e conservados sob qualquer forma de comunicação: escrita ou pictórica. É através de manuscritos, desenhos ou inscrições descobertos por arqueólogos ou pesquisadores que tomamos conhecimento dos costumes, hábitos, moradias, guerras e conquistas de povos que nos precederam há centenas de anos. Só o registro desses fatos nos permitiu a reconstituição da História Universal. É interessante observar que todos estes povos, independente do estágio de desenvolvimento em que se encontravam, sentiram necessidade desse registro, apesar do grande valor atribuído à tradição oral.

Até hoje, pesquisadores e estudiosos tentam descobrir fragmentos de manuscritos ou pinturas ruprestes que lhes permitam continuar desvendando ou reconstituindo o

passado das grandes civilizações.

É, portanto, fácil de avaliar a importância do registro dos fatos que desejamos preservar, já que o passar dos tempos nos desfaz na memória a intensidade dos momentos vividos, restando muitas vezes, (quando restam) tênues recordações.

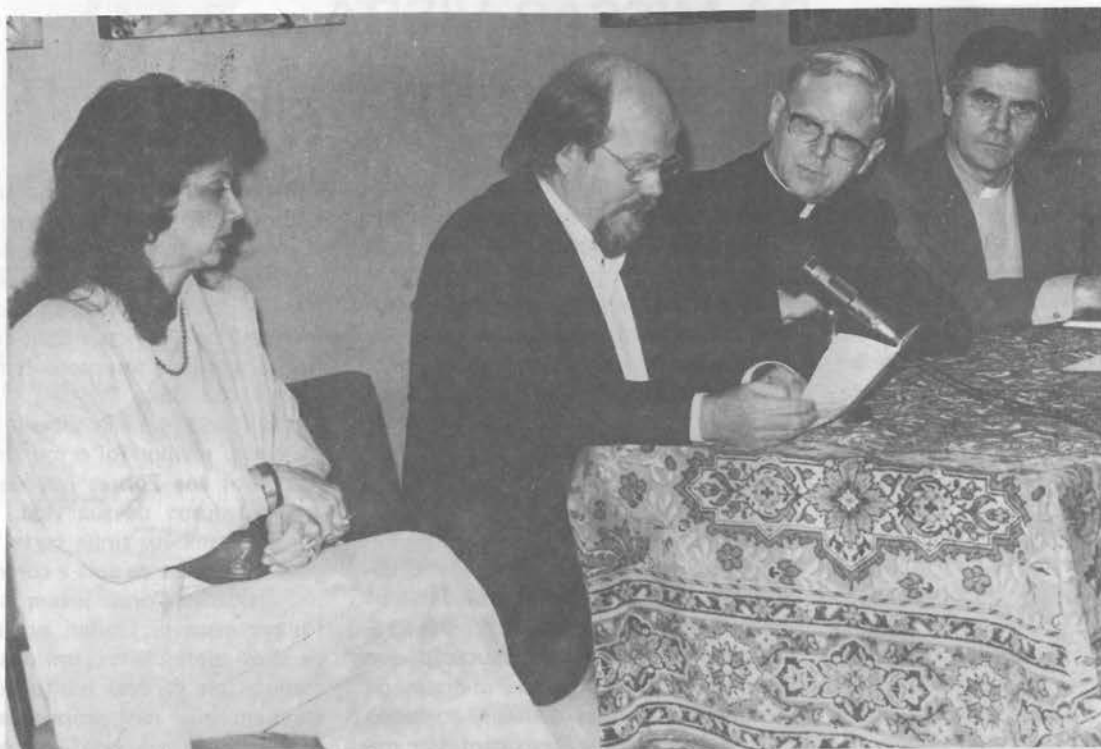
Baseada neste pensamento surgiu A CHAMA, cujo objetivo era registrar o cotidiano do Colégio São Vicente, para que, no futuro, outras gerações pudessem tomar conhecimento de sua história. Além, é claro, de servir de elo de comunicação entre todos aqueles que freqüentam o Colégio ou que indiretamente dele participam, como os pais de alunos.

Queremos, então, fazer um apelo à Comunidade do São Vicente: conservem com carinho o Arquivo do Colégio, que é uma preciosidade para a Congregação da Missão e façam renascer A CHAMA com uma periodicidade constante para que se possa, por ocasião dos 50 ou 100 anos do Colégio, fazer uma retrospectiva de toda a sua história!

ÍNDICE

APM – Uma forma de participação .....	5
O Superior Geral da Congregação visita o São Vicente .....	6
Palavras da coordenadora Nina .....	8
30 anos – O início de uma nova experiência .....	9
Lembranças, ensinamentos ... ..	10
Sem o Pe. Horta teria sido construído o São Vicente .....	12
Terá sentido no São Vicente o Curso Supletivo? .....	12
Se o São Vicente não tivesse existido .....	13
Disciplina, por que não? .....	16
Escolha profissional: pesadelo ou descoberta? .....	17
Cesar Pougy e a APM .....	18
Trem 89 .....	19
O que o São Vicente foi para mim .....	20
A nossa descoberta do São Vicente .....	21
15 de Outubro: Parabéns Mestre .....	22
Poeticamente lícido .....	23
Mestre Goes .....	24
Jubileu sacerdotal .....	25
São Vicente: grupo que se mexe .....	26
Dario Nunes, mestre, educador e amigo .....	27
Tedesco em 10 tempos .....	28
Com amor e saudade .....	29
Louvor à fidelidade .....	30
Alerta Ecologia Jovem .....	31
S.O.S. .... 7	31
Entrevista .....	32
Você sabia que ... ..	34
O Grêmio hoje .....	35
Grata surpresa .....	36
Os Wood Faulhaber: uma maioria vicentina .....	37
Meditando sobre nossa filosofia educacional .....	38
Teatro no São Vicente .....	40
Teatro – ter atos para a vida .....	41
Momentos de saudade .....	42
A invenção do futuro .....	44
Considerações sobre o vestibular .....	45
Cortes e Recortes .....	46
Jorge Luiz .....	47
Por onde andarão eles? .....	48
São Vicente em processo .....	49
O SOE no São Vicente .....	49
Informa da Equipe de artes plásticas .....	50
PUC – Encontro do ex-aluno com o ex-professor .....	52
Curiosidade .....	54

## APM — UMA FORMA DE PARTICIPAÇÃO



*O casal presidente da APM com o Superior Geral*

O país vive um momento de grandes reivindicações, principalmente no setor da Educação, onde os estudantes buscam atingir uma maior identificação com as instituições, seja através de manifestações populares, seja através de movimentos internos quando os Grêmios tornam-se seus melhores instrumentos.

Temos lido os manifestos e sentido que os estudantes querem participar, procurando se integrar às coordenações e direções de seus colégios. Não se encontram estagnados, percebem que podem colaborar para que haja uma melhoria de todo um sistema educacional, seja ele particular ou público.

Com todo este panorama temos nos perguntado onde estão os pais, que tipo de participação eles exercem na comunidade escolar de seus filhos e, com tristeza, constatamos que em sua maioria aguardam que uns poucos participem por eles.

Refletindo sobre o assunto e cientes de que a Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo existe há trinta anos, percebemos que estamos diante de uma exceção, perante uma escola cuja filosofia engaja a família como causa e não como efeito

de sua Educação Libertadora. O dado mais relevante da presente reflexão está no fato de a A.P.M. ter um planejamento que engloba a representação e a participação dos Pais e Mestres na escola, objetivando uma maior integração, uma união de idéias que vem, a cada ano, se firmando como elemento básico para o crescimento da comunidade. No entanto, há que se ressaltar a falta de interesse pessoal. É lamentável observar que somente aí o corporativismo se manifesta amplamente.

É terrível, mas é a realidade, e mais real ainda é quando sentimos que há por parte de alguns pais uma certa rejeição em relação à atuação junto a Associação de Pais e Mestres, observando aqueles que dela participam como aliados da Direção e/ou manipulados por ela. Deveriam, sim, procurar aqueles que junto à A.P.M. os representam para buscar soluções e colaborar para a melhoria do ensino, que irá reverter para seus filhos sempre com boa margem de lucro.

A Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo busca na participação, na representação, o exercício da democracia que vem sendo

tão procurado atualmente, uma democracia onde a manifestação é tão livre que os Grêmios já fazem parte atuante dela, onde os professores, pais, alunos e direção questionam, revêem posições, elaboram projetos, unem-se num único objetivo e até brigam por ele, se necessário.

O exercício desta participação é vivenciado em busca de um ponto de equilíbrio, de um dado profundamente humano — O Aluno, enquanto elemento participativo na sociedade atual e futura; o aluno sinônimo de desenvolvimento primordial de um país — Cultura e Educação.

A A.P.M. neste momento em que o Colégio São Vicente de Paulo comemora 30 anos de existência, convida todos os pais a realmente participar, a dedicarem um espaço para o exercício da cidadania na comunidade educacional de seus filhos, dando a eles o exemplo de que a participação interessada, integrada, conquistada é uma maneira, senão a melhor de todas, de se buscar um futuro melhor para o nosso país.

# O SUPERIOR GERAL DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO VISITA O COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

Seu nome: Padre Richard Mc Cullen. É irlandês, acaba de completar 63 anos de idade e, há nove anos, é o sucessor de São Vicente de Paulo, pelo fato de exercer o ofício de Superior Geral das duas Congregações fundadas pelo Pai dos Pobres: os missionários "Lazaristas" e as Filhas da Caridade — ele já passara por aqui outras vezes. Foi desta que pôde ver nossa escola em funcionamento.

Sua visita estava prevista e pôde ser preparada com cuidado. Aconteceu na noite do dia 7 de agosto. Os Coordenadores, as Diretorias dos Grêmios, os Professores e os Padres da Casa aguardavam um tanto temerosos de que nossa comunidade educativa não correspondesse ao tipo de "obra" a que ele gosta de ver aplicados os "missionários dos pobres".

De temeroso, em sua pessoa, nada transpareceu. Pelo contrário, ele se mostrou uma figura cativante, cheia de compreensão, simplicidade, capacidade de diálogo.

Suas palavras calaram-nos bem fundo. Sua suave presença foi estímulo. Gostaríamos que se repetisse sua visita.

## Palavras do Sr. Padre Superior Geral, Richard McCullen

7 de agosto de 1989  
Rio de Janeiro — BRASIL  
*Professores, Pais e Alunos do  
Colégio São Vicente de Paulo*

Meus prezados amigos,

É uma alegria muito grande para mim, e um verdadeiro prazer, ter esta oportunidade de os encontrar e lhes falar nesta noite. Sinto que os senhores não me são totalmente desconhecidos, porque já faz alguns anos que me sinto muito ligado a este Colégio. Talvez isto os surpreenda, mas na verdade, desde que me encontrei a primeira vez com o Senhor Padre Almeida em Roma, há oito anos, ele me falou muito sobre este Colégio e sua importância para a nossa Província Lazarista do Rio. Também tenho conhecimento da grande

quantidade de trabalho que o Senhor Padre Lauro Palú dedicou à animação e administração deste Colégio, antes de ser eleito Assistente Geral de nossa Congregação, em julho de mil e novecentos e oitenta e seis. Padre Almeida voltou para o Brasil naquele ano e a Providência de Deus o destinou mais uma vez ao cargo de Diretor deste grande e afamado Colégio. Espero que esta Casa de Educação possa crescer e desenvolver-se sempre mais.

Através do Padre Almeida e do Padre Lauro, como lhes disse, acabei conhecendo bastante as realizações e os problemas deste Colégio. Louvo e agradeço a Deus pela boa educação que tem sido dada a tantos milhares de jovens nestas salas de aula, ao longo destes trinta anos. Devo confessar minha incapacidade de contribuir com alguma luz para resolver os problemas de um Colégio. Nem é isto o que os senhores esperam de mim, tenho certeza. Como Congregação da Igreja Universal, temos um empenho bastante grande no campo apostólico da educação. É até difícil saber exatamente quantos membros de nossa Congregação estão engajados a tempo pleno na tarefa da educação, no mundo inteiro. Posso dizer, entretanto, que a maior Universidade Católica dos Estados Unidos, a Saint John's University, está sob nossa responsabilidade, como também outra grande universidade em Chicago e uma das maiores de Manila, nas Filipinas, e uma outra, menor, em Niagara, também nos Estados Unidos. Em todos os Continentes, há Padres e Irmãos de nossa Congregação que se consagram à educação no nível de primeiro e segundo grau e no ensino superior. Trabalham em união com milhares de Professoras e Professores leigos, na formação dos corações e das inteligências dos jovens. Gosto de pensar que, embora seja pequeno o número dos Padres e Irmãos Vicentinos aplicados ao trabalho apostólico da educação, em comparação com o número total dos leigos que colaboram conosco, entretanto alguma coisa muito fun-

damental da filosofia e da espiritualidade de São Vicente impregna todos os nossos estabelecimentos de ensino. De fato, a própria presença dos senhores aqui, nesta noite, é indicativa do interesse que têm por São Vicente de Paulo, de quem sou presentemente um indigno sucessor.

O mundo que São Vicente de Paulo conheceu melhor foi o mundo dos Pobres. Foi aos Pobres que dedicou os anos maduros de sua vida. Mas São Vicente também tinha certa familiaridade com salas de aula e corredores de universidade. Como jovem sacerdote, foi professor particular, por exemplo, de dois adolescentes, um dos quais se tornou um cardeal muito conhecido (se bem que não propriamente pela santidade de sua vida...), o Cardeal de Retz. Já antes, São Vicente tinha estudado em duas universidades da França. Por fim, na sua maturidade, interessou-se muitíssimo pelo sistema educacional dos Seminários da França. Por isso, se estivesse aqui conosco esta noite, penso que iria sentir-se muito à vontade no meio dos senhores que estão empenhados de várias formas na educação da juventude.

Permitam-me que ponha nos lábios de São Vicente três recomendações que ele poderia fazer-lhes, se estivesse aqui a lhes falar nesta oportunidade.

Primeiramente, em sua missão de educadores, elevem o espírito dos jovens para aquilo que é bom, verdadeiro e belo. Muitas vezes, quando visito as instituições de educação de hoje, tenho a impressão de os programas de ensino serem exclusivamente orientados para as avaliações e os exames. E é verdade que seria difícil que fosse de outro modo. Mas é muito justo e conveniente que paremos com frequência e reflitamos sobre o verdadeiro desafio que enfrentamos na educação, o de formar os corações e os espíritos dos jovens para que saibam apreciar o que é bom, verdadeiro e bonito em todas as experiências humanas.

Em segundo lugar, em seu trabalho de educadores dos jovens, façam-nos



O Superior Geral no Colégio São Vicente

refletir sobre a condição daqueles que não receberam da sociedade uma educação como a que eles podem receber neste Colégio. Levem os corações dos jovens a pensar naqueles que estão sofrendo fome de comida, fome de justiça, fome de compreensão, fome de Deus. Talvez nos ajude se pensarmos que, se São Vicente estivesse aqui no meio de nós, iria interpelar muito diretamente as gerações sucessivas de jovens que se formaram neste Colégio com esta pergunta: "E agora, meus jovens, o que é que vocês vão fazer pelos Pobres com a formação que acabam de receber nas Ciências Humanas?"

Em terceiro lugar, elevem os corações dos jovens para a vida que nos espera para além das fronteiras da morte. Uma educação que limitasse os horizontes dos jovens às coisas da vida presente e ignorasse as verdades eternas e a revelação de Deus, não seria digna de ser chamada uma educação

cristã. Devemos formar nossos jovens para que possam edificar não só a cidade do homem mas também a Cidade de Deus. Para citar o Apóstolo São Paulo, "todos nós devemos comparecer à barra do tribunal de Deus". (Rm 14,10). São Vicente de Paulo tinha uma convicção que o queimava e o angustiava: que, sem o conhecimento das verdades centrais do Cristianismo e uma vida conforme os ensinamentos de Cristo, uma pessoa estaria irremediavelmente perdida depois da morte (cf. S.V., XII, 80). Esta convicção lhe deu sempre uma força tremenda em tudo o que fez pelos Pobres.

A educação que se está dando neste Colégio deve ser uma educação evangelizadora, uma educação que dê prioridade aos valores do Evangelho de Jesus Cristo. Fazer menos que isso seria trair Jesus Cristo, seria ser indignos do Santo que é o patrono deste Colégio. O Documento dos Bispos Latino-Ameri-

canos de Puebla nos lança um verdadeiro desafio, quando estabelece que:

*"a educação católica deve produzir os agentes da transformação permanente e orgânica que a sociedade da América Latina requer (Medellin, 4, II, 8), mediante uma formação cívica e política inspirada na doutrina social da Igreja" (Puebla, 1033).*

Meus caríssimos amigos, agradeço-lhes pelas boas-vindas que aqui me deram, nesta noite. Peço a Deus que os abençoe e proteja suas Famílias. Se devo pedir a Deus uma graça especial para este Colégio, é esta: que a união que existe entre Professores e Alunos, entre o Padres da Direção e os Professores, entre Pais e Mestres, se fortifique e aprofunde sempre mais, porque a educação é antes de tudo a formação dos jovens no amor — e formar a juventude é renovar o mundo.

## PALAVRAS DA COORDENADORA NINA — 1º GRAU QUANDO DA VISITA DO NOSSO PROVINCIAL GERAL, Mr. McCULLEN

*Após o discurso do Professor Zacarias — Coordenador do 2º Grau — que situou os rumos atuais da Escola Católica na América Latina, conforme proposições da C.N.B.B., a Professora Nina apresentou um resumo do Projeto Educacional do Colégio São Vicente de Paulo como tentativa de atender às exigências desta proposta.*

O objetivo de formar agentes de transformação social — é o que define nossa identidade de escola católica na América Latina na busca de superar o confronto entre educação formal e educação popular.

Essa identidade não nos é dada de forma definitiva, de uma só vez, mas é algo que vamos construindo numa constante tensão entre o real e o utópico. Real e utópico que se articulam em uma proposta político-pedagógica elaborada em processo participativo, por professores, alunos, pais, funcionários, direção e mantenedora.

Tal proposta, marcada pela vida eclesial e, portanto pela opção política pelos pobres, que busca influir na mudança de valores dos alunos, em sua mentalidade, em suas atitudes e hábitos, levando-os a desembocar no compromisso e na ação, vai-se realizando através:

- dos processos pedagógicos (conteúdos, metodologia, atividades, etc.);
- nas estruturas de relacionamento da escola (ambiência de cooperação e fraternidade, abertura e participação, diálogo e comunhão);
- na articulação com a comunidade.

Vamos relatar algumas ações já concretas em cada uma dessas frentes que acabamos de apontar.

Primeiramente, a referência quanto aos conteúdos: queremos que os conteúdos trabalhados por nossos alunos seja identificado por três marcas — as questões relativas às causas da pobreza, o desafio de promoção da justiça e o

desenvolvimento da crença na possibilidade da transformação. Tudo isto, tendo como pano de fundo nossa realidade de América Latina.

Portanto, o currículo deve incluir uma análise crítica de nossa sociedade, discutindo os mecanismos geradores de pobreza, discutindo as ideologias e as estruturas que perpetuam essa situação e as que propõem mudanças.

Assim tendo como ponto de referência o estudo das Ciências Humanas e as aulas de Evangelização, tratamos de temas como propriedade privada e hipoteca social; luta de classes e o recurso à violência; relações entre trabalho e capital; direitos humanos e liberdades individuais; teorias sobre o poder; relações entre pessoa e economia; conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento e formas de relação entre estes grupos; situações e opressão e marginalização impostas aos negros, aos indígenas, à mulher; questões ecológicas e de defesa da vida humana: poluição, tóxico, aborto.

Entretanto, conhecer os mecanismos que geram injustiça, diagnosticar as causas e os fios secretos que manejam a teia das estruturas injustas que nos aprisionam, ainda não é fazer justiça.

É a ambiência de toda a Escola que por sua vivência prática deve ir semeando critérios, orientação, linhas de ação, oferecendo oportunidades de atividade política, de participação na ação decisória, de engajamento e manifestação do compromisso social. São exemplos de tentativas dessa natureza:

o Grêmio Estudantil, a Associação de Pais e Mestres, ambos aqui presentes, os Conselhos de Classe, que não sendo uma associação propriamente dita, constituir-se numa atividade periódica de avaliação de nosso processo pedagógico, reunindo todos aqueles nele envolvidos: professores, alunos, coordenadores, orientadores. E, mais que tudo isso, as relações institucionais e pessoais que se estabelecem dentro da Escola, buscando a desmistificação das hierarquias de poder, um convívio de respeito mútuo e, principalmente, a fraternidade.

Com relação à participação no processo decisório, ainda nos limitamos ao especificamente pedagógico, a participação na gerência administrativa e financeira é outra etapa a conquistar.

Agora, falemos de nosso maior desafio. Como nos ensina Paulo Freire, nosso consagrado educador da Pedagogia da Libertação, poderíamos dizer que a consciência não se transforma com cursos e discursos, mas pela ação dos homens sobre o mundo.

Sabemos, por isso, que nossa práxis de movimentação interna, na busca de viver relações que prenciem um mundo melhor, é insuficiente — é preciso que nos proponhamos a vivenciar as experiências de inserção na cruel realidade dos pobres de nossa comunidade. É esse o caminho que ainda nos escapa.

E o problema não está tanto em que não nos decidamos a lançar os jovens em programas de serviços e experiências fortes de injustiças, mas que



os lancemos e não os acompanhemos suficientemente. O Grêmio tem tomado algumas iniciativas de unir-se a movimentos junto à Associação de Estudantes Secundários e à integração com outros Grêmios Estudantis — experiências de que poderá falar.

Outra forma de ação social tem sido exercida pelas Senhoras da Caridade, entretanto, numa linha ainda explicitamente assistencial.

Quando os jovens em suas iniciativas propõem ir mais longe do que podemos prever e então percebemos que

entramos demasiadamente num campo sobre o qual não temos controle — aí se encontra a barreira de nossas limitações; é esse o obstáculo que precisamos transpor.

Diz a sabedoria que a vida começa aos 30 anos e isto pode ser observado a nossa volta, pois é a partir deste tempo que o jovem fica mais amadurecido, as árvores dão os mais ternos frutos e a terra plantada dá as melhores colheitas, dando a impressão que o dito popular é verdadeiro, pois a partir deste espaço de tempo, no tempo de cada um, é que atingimos a maturidade no nosso desenvolvimento tornando-nos aptos a enfrentar desafios mais complexos e efetuar conquistas mais arrojadas.

O Colégio São Vicente de Paulo trilhou um longo caminho desde o seu início até os tempos atuais e este foi repleto de desafios e de trabalho árduo, fazendo com que pouco a pouco, a cada passo, ele ganhasse experiência e maturidade.

Uma pergunta deverá ficar sempre em nossas mentes, será que caminhou sozinho ou foi ajudado em sua trajetória por anônimos? Gostaríamos de lembrar aqui a história daquele homem que caminhava pela vida sem saber que tinha o Pai a seu lado. Pensando serem suas as pegadas que via na areia, não se

# "30 ANOS— O INÍCIO DE UMA NOVA EXPERIÊNCIA"

dava conta que Ele o carregava nos braços.

Todos nós que fazemos parte da Comunidade do Colégio São Vicente de Paulo temos responsabilidade com este momento histórico e, se cada segmento (Pais, Professores, Alunos e Funcionários) fizer a sua parte no contexto, procurando se integrar com mais afinco e ardor, deixando de lado vaidades e superioridades teremos certamente contribuído e ajudado na caminhada para o futuro.

Neste ano em que o São Vicente alcança a sua maturidade, após 30 anos de existência, há que se olhar para o futuro com confiança e orgulho, pois a experiência adquirida no passado e a vontade e perseverança de todos no presente colocam o Colégio em condições de continuar ocupando o espaço, que é seu por direito, na formação de jovens que ocuparão lugar de destaque na luta por uma sociedade mais justa.

*Pedro Paulo e Anamaria*  
Casal Presidente da Associação de Pais e Mestres — Colégio São Vicente de Paulo — 1989

## LEMBRANÇAS, ENSINAMENTOS E AGRADECIMENTOS DE UM EX-ALUNO

André de Faria Pereira Neto  
Pres. Grêmio Colegial 74/75

Escrever sobre o São Vicente, pensar nos anos que vivi neste Colégio como aluno e uma tarefa carregada de emoção e verdade. Minha vida mudou fundamentalmente pelo fato de ter absorvido a filosofia e a prática educacional propostas pelo Colégio São Vicente. Padre Almeida costuma dizer que sou um dos exemplos de "convertido". Filho das elites do Rio de Janeiro, eu tinha quase tudo para hoje estar "contando meus metais", ser individualista e avarento.

Entreí no Colégio São Vicente de Paulo em 1970, depois de ter passado saudável infância na Ilha do Governador. Tinha aproximadamente 12 anos e o Brasil vivia momentos de violenta ditadura. Talvez não possa falar muito dos quatro anos ginasiais que vivi no Colégio. Lembranças tenho de bons mestres como Sergio Drago, Leodir, Tedesco... lembranças de amigos como Luis Eduardo, Cícero e Mônica, entre tantos outros. No último ano ginasial fui diretor do Jornal do Grêmio. Muito ingênuo e esperançoso, fazia das tripas coração para o jornal sair. Um jornal com crônicas, artigos sobre problemas do Colégio, mas nada sobre a situação política por que passava nosso País.

Em 1974 entreí para o primeiro ano do segundo grau. Naquele tempo você entrava no segundo grau e tinha que escolher uma turma segundo a opção por o temível vestibular. Influenciado por minha família, entreí para a turma das "Ciências Humanas" pois deveria fazer, alguns anos mais tarde, Vestibular para Direito. Existiam ainda duas turmas para as áreas "exatas" e uma turma para as áreas "biomédicas". A turma que freqüentei durante todo o ginásio se desmembrara. Muitos alunos de fora entraram no Colégio. Eu tinha a nítida impressão de que era um outro Colégio

ou então um outro André estava se formando. Hoje eu acredito que as duas opções se combinaram. O Colégio era bem diferente: turmas por área, novos colegas, outros professores e outros coordenadores. Eu estava em plena adolescência, na flor da vida, morrendo de sede de saber mais, de desvendar os mistérios da vida.

No início do ano muitas apresentações: o coordenador: Professor Jorge Luis; o coordenador dos "cursos profissionalizantes", Professor Moacyr de Góes; o coordenador extra-classe: Professor Ivo Barbieri. Uma colega estudante, presidente do Tribunal do Grêmio, passara em turma tentando animar os colegas para a formação de chapas para concorrer ao Grêmio. A desmotivação era muito grande. Só uma chapa se havia inscrito. Foi então que resolvi junto com alguns colegas — entre eles Carlos Sandroni — montar uma chapa. Ela se chamou "MASSA" e queria dizer Movimento Ativo e Social a Serviço dos Alunos. Pelo nome da chapa, posso notar hoje que, detínhamos uma noção de Grêmio como instituição prestadora de serviços aos estudantes. Foi com estas noções que começamos a campanha. Nossos dois principais temas nas passagens de turma foram: contra a corrupção e pelo cinema de graça. O candidato a presidente na outra chapa havia sido tesoureiro do Grêmio Ginásial. Naquele tempo existia um livro-caixa onde o tesoureiro deveria prestar contas das despesas efetuadas pelo Grêmio. No livro-caixa do Grêmio Ginásial constavam, entre outros, jantares comemorativos de aniversários de membros de diretoria do Grêmio. Eu considerava isto inadmissível. Naquele tempo os alunos contribuía voluntariamente para o Grêmio junto com a mensalidade do Colégio. A quantia

correspondia ao preço de uma entrada de cinema. Propúnhamos que, se eleitos, passaríamos no mínimo um filme por mês no auditório do 4º andar e que o ingresso para os estudantes do Colégio seria gratuito. Com isso obtivemos uma enorme vitória eleitoral. Propostas como estas podem ser consideradas, por muitos hoje, moralistas e populistas. Para nós soavam como plenamente verdadeiras. Foi com esta convicção que começamos a trabalhar no Grêmio.

Nossas promessas não ficaram no papel. O livro-caixa foi colocado à disposição dos estudantes pelo menos uma vez por mês para que eles pudessem verificar qualquer irregularidade. Exibimos mais de um filme por mês. A máquina de 35 milímetros funcionava normalmente e o auditório do 4º andar se transformou em um espaço alternativo para exibição de filmes. De "cabaret" a filmes científicos. De filme de surg a "Morangos Silvestres" de Bergman. Nosso intuito era atender às aspirações do conjunto dos estudantes.

Nossas atividades não se esgotaram por aí. Preocupados em 1974, com os problemas do meio ambiente organizamos o primeiro reflorestamento do morro. É isto mesmo... o morro atrás do Colégio estava praticamente sem vegetação. Organizamos debates com biólogos e ecologistas para discutir os problemas de poluição e do meio ambiente durante uma semana de atividades. No sábado, depois do recreio, todo o Colégio — alunos, professores, funcionários e pais — subiram o morro. Cada um com uma mudinha na mão.

Outro momento que guardo na lembrança foi o Primeiro Sarau. Nos anos 70 ainda vivíamos um pouco a atmosfera dos "Festivais" que caracterizaram os últimos anos da década de 60. Prêmios, medalhas, concorrência foram elementos sempre pouco incen-

tivados no Colégio. Sendo assim, foi surgindo a idéia de um "Sarau" onde os estudantes apresentariam suas músicas, poemas ou canções, sem receberem nenhuma recompensa material por isto. Apenas o prazer de mostrar o que estávamos fazendo para os colegas. Alguns nomes da música brasileira de hoje começaram neste Sarau, entre eles Clara Sandroni e Lobão. O Teatro também se fez presente. Vendíamos, a preços reduzidos, ingressos para peças de Teatro. Almir Telles, grande mestre e amigo, desde 1974 incentiva a prática teatral junto aos estudantes. Me lembro bem que naquele ano o grupo de teatro encenou "Calabar" de Chico Buarque. A peça e o disco tinham sido apreendidos pela polícia federal mas no São Vicente a peça estava sendo encenada. A censura existia no Brasil e a liberdade no São Vicente. Mas vivíamos o medo.

O medo de ser preso, de desaparecer, de acontecer alguma coisa com a nossa vida estava presente nas nossas cabeças e bocas. Apesar disto, começamos a nos reunir com presidentes de outros Grêmios. Fizemos algumas atividades conjuntas. A primeira foi em junho de 1974. Realizamos um Show com o MPB-4. Censurado, o grupo só cantava pra estudantes nas universidades. O Show foi um sucesso. A vontade de construir uma entidade que reunisse os diversos grêmios ia tomando forma. Fizemos diversas reuniões. Os Grêmios do São Vicente, do Brasil América, do Schollem Alehan e do Santo Inácio chegaram a elaborar os estatutos da UNGE — União dos Grêmios Estudantis. Um certo dia, com o estatuto da UNGE prontos, resolvemos rasgar tudo — com medo. Junto a este medo vivia a coragem. Resolvemos então que, em vez de institucionalizar esta união, o mais importante seria viabilizá-la. Para cumprir esta finalidade resolvemos realizar, no pátio interno de São Vicente, um show com "um tal" de Milton Nascimento. E foi assim. Os ingressos foram vendidos nos colégios. No dia do Show chovia. Consegui, graças à boa vontade do Padre Almeida, o pátio coberto da Casa do Minho. A Rua Cosme Velho parou. No pronunciamento que fiz, antes de Milton cantar "Coração Americano", afirmei a importância daquele

Show enquanto um momento de união dos estudantes secundaristas. Minha vida ia pouco a pouco adquirindo uma dimensão social. Sentia que junto a outros tinha chance de mudar os rumos da História. Medo e esperança eram sentimentos muito fortes e misturados naquele ano de 1974.

Um outro momento, em que o sentimento de medo foi muito forte, se deu quando da elaboração do Jornal do Grêmio. Um grupo de alunos resolveu fazer o Jornal Oficial do Grêmio. As primeiras matérias eram alusivas ao regime militar, à censura, à repressão. Disse que aquele jornal só seria Órgão Oficial do Grêmio se os artigos fossem assinados por seus autores.

Tinha medo que a repressão da polícia federal caísse sobre mim por ser Presidente do Grêmio e por isto responsável pelo que se publicasse no jornal. Este caso foi levado à Assembleia Geral. Derrotado, tive que aceitar o "Comunicado" como órgão oficial do Grêmio.

Minha vida no São Vicente não era só extra-classe. Dentro de sala de aula é que a filosofia do Colégio mais se evidenciava. A Matemática com Celso Henrique e Duílio não era feita de números sem vida. A tal ciência "exata" era ensinada com toda a sua imprecisão. O mesmo podia ser acompanhado nas aulas de Física com Zé Luis e Murilinho. Movimentos e corpos em atritos constantes nas salas se identificavam com aquilo que era ensinado. Não foi por acaso que alguns amigos meus resolveram fazer Faculdade de Matemática, Física ou Biologia. Marcos Cavalcanti, Cabeça, Paulinho, Alpina, Norma, são alguns nomes que vêm à lembrança. No caso das letras, Anésio e Ivo Barbieri davam uma dimensão ao estudo de nosso idioma inédito na minha vida. E o que falar das Ciências Sociais? Clovis Dottori, Luiza, Aquino, Cunca, Fernando, João Rua e Moacyr de Góes formavam uma equipe que foi responsável direta por esse meu namoro com a História. As aulas de Organização Social e Política do Brasil (OSPB), ministradas pelo Coordenador Jorge Luis eram um estímulo para o despertar da consciência crítica. O Decreto-Lei 477 e o AI5 eram, por exemplo, debatidos em sala.

A vontade de vencer o medo com atitudes corajosas não era um patrimônio dos estudantes. A análise destes dois textos jurídicos pode ser considerado como exemplo deste despojamento. Para que os jovens de hoje tenham uma noção da dimensão desta atitude, bastaria lembrar uma passagem de minha formatura. O orador foi Ricardo Chaves, hoje padrinho de meu filho Rafael. Em um certo momento de seu discurso, com a sala do sub-solo repleta de parentes e amigos, Ricardo fez referência à lei que iria reger nossa vida na Universidade e começou a ler o Decreto-Lei 477. Ler o Decreto-Lei 477, em dezembro de 1976, foi o suficiente para um pai, no meio do público, gritar: "Cala a boca, comunistas"!

E como diz Cazusa... o tempo não pára. O Brasil é outro, o São Vicente é outro. Restaram as lembranças que compõem a história da minha vida. Permaneceram os ensinamentos que contribuíram para a formação de meu caráter, de minha personalidade e de meu compromisso com a mudança deste mundo de injustiças. Viver os anos que vivi no São Vicente foi a experiência mais importante que tive nestes meus 31 anos de vida. Por tudo que já foi dito aqui não posso deixar de concordar com o Padre Almeida: Sou um "convertido". Poderia até dizer que esta designação é válida para um conjunto bem grande de ex-alunos. Muitos deles encontram comigo "nos bares da vida" e resgatam emocionados a importância de terem estudado e aprendido, no São Vicente, a ser gente do mundo.

Uma proposta pedagógica como a do São Vicente só teve condições de se viabilizar naquele momento e daquela forma porque tinha grandes MESTRES à sua frente. Homens comprometidos com a transformação da sociedade e com a educação, seja ela libertadora ou evangelizadora. O processo de desvalorização profissional do magistério aliado a outros fatores afastou todos estes MESTRES do convívio com o Colégio. Como professor de História no 2º grau (1987/1989) pude constatar que o São Vicente hoje é outro, como é outro o Brasil. Ficam as lembranças, os ensinamentos e os agradecimentos.

## SEM O Pe. HORTA, TERIA SIDO CONSTRUÍDO O COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO?

É uma questão a que não se pode dar resposta definitiva; entretanto, como toda obra de vulto, o Colégio São Vicente teve nele, no Padre Joaquim Silveira Horta, o seu *homem providencial*.

Quando empreendeu esta construção, por ordem da Direção dos Padres Vicentinos, o Padre Horta preparava-se para celebrar suas Bodas de Prata sacerdotais; 25 anos de atividades eram mais que suficientes para comprovar a capacidade daquele franzino mineiro de Diamantina, quer no campo do relacionamento pastoral e social, quer no da construção e administração de obras. O Seminário de Prainha, em Fortaleza, tanto quanto a Paróquia São Vicente de Paulo, de Moinho Velho, em São Paulo, já davam agradecido testemunho de sua passagem por aquelas Comunidades. Além disso, a

parte ativa que ele tomara no IV Congresso Eucarístico Nacional, em 1942 (São Paulo), como Secretário Geral, e no XXXV Internacional, em 1955 (Rio de Janeiro), como auxiliar de D. Hélder Câmara, o haviam feito extrapolar os limites municipais. A amizade com que o honrava Juscelino Kubitschek, seu conterrâneo, então Presidente da República, completou nele as condições para, em 1957, iniciar este

edifício onde em 1959, começaria a funcionar o São Vicente. Foi uma operação de incrível ousadia, cujos pormenores não caberiam nesta página.

O milagre aconteceu; sem os recursos materiais necessários, mas com a visão da esperança, o Padre Horta soube canalizar para sua obra as atenções de quantos o admiravam e podiam cooperar com ele: gente grande e gente miúda; políticos, jornalistas, profissionais liberais, técnicos, operários e também muita gente devota a rezar fervorosamente para que aqui surgisse esta comunidade educacional.

A todos estes queremos homenagear na pessoa de quem foi o grande catalizador de energias, das quais, com a bênção de Deus, surgiu a obra cujas primeiras 3 décadas comemoramos.

Obrigado, Padre Horta, pelo São Vicente que você nos deu.



## TERÁ SENTIDO, NO COLÉGIO SÃO VICENTE, O CURSO SUPLETIVO?

A pergunta ainda aparece, após dezesseis anos de funcionamento do Curso. Na verdade, diante de 30 milhões de analfabetos, nossos 300 alunos representam a gotinha perante o oceano. Pelo menos, todos os trezentos terão consciência do benefício (quase mormomia), de estudar em escola particular, com bons professores, pagando mensalidade assás modesta?

Mesmo face à resposta negativa, prossegue quixotesicamente, o Supletivo do São Vicente, a receber, cada semestre, levadas de novos alunos e a devolver à sociedade alguns deles ostentando o certificado de conclusão do 1º Grau.

Assim, gota a gota, 3.154 já se matricularam no Curso e 495 concluíram a série final.

Esperamos que tal passo haja representado para eles uma promoção. De um ou outro, com efeito, viemos a saber que tenha conseguido até grau universitário e é hoje profissional libe-

ral.

Mais gratificante, entretanto, seria a certeza de que a promoção os faça também "agentes de transformação social". Utopia? Pode ser; sem ela, não existiria o esforço de uma educação que liberte.

Em nome desta utopia é que recomendamos aos alunos o esforço de irem além da ambição de um certificado, buscando integrar-se à comunidade como membros participativos. Os representantes de cada turma, democraticamente eleitos, são os responsáveis pela liderança e organização das promoções, excursões, celebrações...

Ainda mais, como Escola religiosa, posto que respeitando a liberdade individual de consciência oferecemos aos que o desejam a oportunidade de aprofundar a fé pela catequese, recepção dos sacramentos e oportuna prática da prece comunitária.

Contamos com professores competentes e devotados à causa da educa-

ção, alguns deles ex-alunos de nosso curso regular. A partir de agora, além do benefício de uma orientação pedagógica, terão nossos alunos também a ajuda de orientadores educacionais e a oportunidade de freqüentarem regularmente a biblioteca. Pequenos passos, aparentemente, mas que representam para os alunos grande avanço pedagógico.

Faltarão, ainda, muita coisa para que o Supletivo seja perfeito. Criatividade artística, esporte organizado, grêmios de alunos e tanta coisa mais! Não importa; o essencial é que o pouco que se produz esteja em harmonia com que o Colégio globalmente adota como sua filosofia educacional.

Mais importante ainda é que o Supletivo é a expressão, cada vez mais autêntica da vida e do espírito de São Vicente de Paulo, em sua total doação a Deus através do serviço aos pobres...

## SE O SÃO VICENTE NÃO TIVESSE EXISTIDO...



Construção do prédio

Meses atrás, apareceu-me uma senhora, até então desconhecida, antiga moradora deste local onde se acha construído nosso Colégio. Contava ela que aqui vivia, menina pobre, junto aos seus, num quarto de aluguel de grande "cabeça-de-porco"... daqui saíra alguns anos antes da transformação da paisagem. Por que voltava agora pela 1ª vez? Porque alguém lhe afirmou que uma capela fora construída sobre os passos de sua infância. Quis, então, aqui vir rezar, derramando, quem sabe, lágrimas de saudade sobre os sofrimentos de outrora...

Muitos sentimentos — até lágrimas, talvez — poderão brotar, igualmente do interior dos alunos — fundadores, dos primeiros mestres e funcionários, do Padre Joaquim Horta, enfim, construtor da Casa e seu 1º animador, ao nos visitarem por ocasião desta comemoração dos 30 anos: Em muitos,

predominará a saudade; em outros, quem sabe, certa decepção: "porque as coisas mudaram". Esperamos que, sobre tudo isso, prevaleçam a alegria do esforço consciente e de alguns resultados gratificantes nestas 3 décadas, e a esperança de novos avanços na caminhada da comunidade educativa.

1. No Cosme Velho de hoje, muitos arranha-céus se erguem sobre as ruínas de residências de gente nobre ou ilustre. E muitos exclamam: "que pena!"

O prédio do Colégio São Vicente, neste local alterou certamente a paisagem, mas, cremos, para dar lugar à permanente construção de um edifício espiritual. E, então, deveríamos exclamar: "que bom!"

Os alunos "fundadores", em 1959, eram cerca de 350, todos semi-internos e mais da metade almoçando no Colégio... No correr dos 30 anos, 9.000

alunos regulares (afora os 3.154 do Supletivo) aqui se matricularam, dos quais 2.153 aqui concluíram o 2º grau (90% aprovados para Faculdades) e cerca de 1.700 formam a atual "clientela". Seria preciso ouvi-los para saber como tem sido a vida de cada um, sem o São Vicente. Sei que, para muitos, sobretudo os que praticamente não conhecem outra escola, a vida seria impensável. Até que ponto, entretanto, terá havido uma influência profunda na vida deles?

Neste ponto, seria necessária uma pesquisa formal. Uma ou outra declaração espontânea torna-se gratificante; como exemplo, a presença aqui, a convite da APM, em 1987, do Deputado Cássio Cunha Lima, cujo testemunho foi o mais lisongeiro em relação à influência do São Vicente em sua vida. Gratificante, mas insuficiente.

2. Para que uma Escola marque em profundidade, é imprescindível que adote pedagogia baseada em claros princípios filosóficos. O São Vicente dos anos 60 ansiava por uma filosofia educacional bem definida. A reunião dos Bispos latino-americanos em Medellín, em 68, apresentou-nos um "prato-feito" que imediatamente adotamos, talvez até apressadamente, mas não sem garantias. Um grupo de educadores capazes de "perder tempo" refletindo, conseguiu levar adiante o projeto que continua a ser a espinha dorsal do São Vicente e sua carta de identificação.

O diálogo, a participação, a luta pelo uso responsável da liberdade, tudo isso com base no respeito à pessoa humana, de sorte que se considere o educando o principal agente do próprio crescimento, são realidades do dia-a-dia do São Vicente.

E daí? — Daí, a existência dos Grêmios de alunos em notável continuidade institucional e de inegáveis influências na construção da consciência política, no aprendizado do trabalho em equipe, na vivência da micro-administração, na prática do diálogo entre gerações distantes. Instado a

apontar os frutos do nosso sistema educativo, ousei afirmar, um dia, que, entre outros, havia a capacidade de liderança que nossos ex-alunos demonstravam em todo o ambiente universitário do Rio. Um dos que me escutavam era membro do Conselho Federal de Educação e, posteriormente, mandou pesquisar, parabenizando-me por ter podido confirmar o acerto.

Os pontos mais visíveis, entretanto, são os colhidos aqui dentro mesmo. A consciência cívica desenvolveu-se muito nos anos de ditadura militar, quando, enfrentando riscos, os grêmios conseguiram manter livres seus jornais e suas eleições. Aperfeiçoavam-se a pedagogia, e principalmente o capítulo das punições. Casos disciplinares — extremamente graves — tradicionalmente “resolvidos por expulsão” — foram encaminhados pelo SOE e SOP, passo-a-passo, com sabedoria, até se atingir a atitude de conversão de uns, e de perdão, de outros... Foram momentos emocionantes...

3. Outro testemunho, quicá mais convincente, é o do nosso próprio ambiente, cuja informalidade, ausência de títulos e redução das “normas” de comportamento ao mínimo indispensável fazem sentir-se em casa o aluno, o mestre, o funcionário, o visitante. A experiência tem mostrado como os alunos gostam desta “sua casa”. São, permanentemente alegres, barulhentos, críticos, cheios de iniciativas, ciosos da própria capacidade de criar, de organizar. Por isso, o “São Vicente” está longe de ser lugar tranqüilo, asseado, silencioso. Um Diretor de Colégio que aqui passou como estagiário, chegou mesmo a se interrogar e a nos interrogar se era possível um trabalho pedagógico em meio a tal balbúrdia... Um dos antigos alunos soltou, de chofre, esta incrível definição do São Vicente: “É uma ‘bagunça’ organizada”. Estaria, quem sabe, mais próxima da verdade a inversão: “É uma organização ‘bagunçada’!” Na realidade, existe um esforço permanente em vista de maior responsabilidade e seriedade no cumprimento do dever... e, sobretudo, da necessidade do trabalho sério em sala de aula.

Às vezes penso: se, com aparente pequeno esforço, nossos bacharelados

conseguem tão bons resultados nos exames vestibulares, que não conseguiriam se fossem mais aplicados?

Certamente, conseguiriam muito mais: em tal hipótese, o risco seria certa descaracterização da própria vida do Colégio. O desejável equilíbrio não é fácil!

4. “O São Vicente, um dos mais tradicionais Colégios religiosos do Rio”...

Tenho sempre feito restrição a este qualificativo “tradicional”. Quando de sua fundação, o São Vicente já se diferenciava em muitos pontos dos chamados colégios tradicionais, mas, convenhamos, tinha muito em comum com eles, sobretudo no que diz respeito à prática religiosa, predominantemente devocional, de então. Tínhamos na 1ª hora, os cursos de alfabetização (montessoriana), primário (4ª série) e “admissão” ao ginásio.

Com o tempo, com o Concílio Vaticano II (de João XXIII a Paulo VI) com as vicissitudes políticas dos anos 64 em diante, com Medellín a Puebla, o São Vicente assumiu posições definidas, criou sua estrutura interna de reflexão, assumindo progressivamente a dimensão social que caracteriza a educação para a libertação.

a) A liderança dos movimentos de intercâmbio intercolégio (quatro colégios religiosos masculinos e quatro femininos), com realizações inesquecíveis, como as semanas da amizade, tirou o São Vicente do conformismo a que o sujeitava sua posição de caçula dos colégios religiosos do Rio.

b) O forte contingente de reflexão que crescia dentro de nossos muros levou-nos a algumas medidas que, a partir de 68, modificaram a estrutura, demasiado elitista: admissão da educação mista, supressão gradativa do semi-internato, auto-congelamento de anuidades, consideradas acima da média. Tais medidas, somadas ao bom resultado de nossa primeira turma de vestibulandos, atraíram grande número de candidatos (em 2 anos, a população dobrou) e modificaram a organização; por exemplo o ginásio adquiriu seu 1º Coordenador; o SOE começou a criar expressão e uma filosofia educacional se fez necessária e foi encontrada nas páginas do Documento de Medellín.

Aí nascia o São Vicente não tradicional, inconformado com a situação política, o São Vicente das passeatas dos cem mil, dos grupos de dentro e de fora que atravessavam noites refletindo e programando, o São Vicente das mil atividades “extra-classe”, o São Vicente dos Grêmios politicamente atuantes, o São Vicente que acolheu, durante meses, em suas salas, no horário noturno, os alunos “vestibulandos” do Colégio André (da Henriette Amado) vítimas do violento fechamento da escola pelo Governo. — Sem dúvida, terá havido naquele São Vicente, não tradicional, boa dose de “progressismo”, de “liberalismo” e, mesmo de contestação ao ensino “tradicional” da religião.

Era o tributo pago ao tempo e ao sistema...

5. Se o São Vicente não tivesse existido, como estaria a Província Brasileira da Congregação da Missão, que é sua entidade mantenedora?

5.1) Ao nascer o São Vicente, obra pioneira do grande realizador Padre Joaquim Horta, assessorado por grupos de amigos de influência na sociedade carioca, e sob o benévolo patrocínio do Presidente Juscelino Kubitschek, seu conterrâneo diamantinense, havia certo espanto em nossas fileiras. Conhecidos nas últimas décadas como formadores do clero nos Seminários, os “missionários dos pobres” iriam então passar à pedagogia da classe média, dita “alta” e assim caracterizada nos 105 dias do Colégio?! Seria quase um escândalo, se a história da Província não nos acudisse, mostrando que a educação da juventude de classe média foi, na realidade, em terras de Santa Cruz, nossa primeira obra, concretizada no Colégio do Caraça, fundado em 1820 pelos dois 105 vicentinos aqui chegados, a convite de D. João VI.

Do Caraça, então única Escola Secundária para rapazes em todo o país, procedeu, de certa forma, em 1837, o Colégio Pedro II, que teve, na pessoa do Reitor do Caraça, Padre Leandro Rebelo P. de Castro, um de seus principais organizadores. E assim, a Congregação da Missão penetrou, bem cedo, no mundo da educação da juventude e na própria sociedade carioca. Por algum tempo tivemos a responsabi-



1º dia de aula no São Vicente

lidade de formação do clero local. Dali em diante, nossa ocupação seria a de humildes Capelães da Santa Casa de Misericórdia, em muitos de seus estabelecimentos, tornando-nos praticamente desconhecidos da sociedade.

Nesta, o aparecimento do Colégio São Vicente veio reintegrar a Província através das Famílias dos alunos e de nossos Mestres e Funcionários. Seria este um capítulo vastíssimo a ser desenvolvido; aqui, desejo apenas mencionar quanto tem sido importante para a Província Brasileira da Congregação da Missão a presença atuante e fiel de tantos amigos; os amigos da 1ª hora, na fundação do Colégio; os de todas as horas, sobretudo através da Associação de Pais e Mestres e do Conselho Administrativo. Sem a ajuda deles, a Província dificilmente teria podido levar avante esta obra.

Não obstante, só com a fundação do Curso Supletivo noturno, de alfabetização e 1º grau, em benefício de alunos adultos de condição modesta, o São Vicente passaria a ser visto com "bons olhos" por muitos de nossos Coirmãos. Um deles, santo ancião, ao ouvir a notícia, exclamou numa Assembléia: "O Colégio São Vicente está salvo, pois já tem um curso para os pobres". Hoje podemos dizer que o Supletivo já matriculou 3.154 alunos, incluindo funcionários da casa; 495 conseguiram concluir o 1º grau. E alguns deles são hoje diplomados em curso superior.

A consciência de missionários dos pobres deverá estar sempre alerta e cobrar do São Vicente sua parte ou atenção aos que, na sociedade, são sem voz nem vez. Neste sentido, além da ação do Curso Supletivo, como anali-

sar o São Vicente? Não pretendo fazê-lo aqui, mas, já que "feri a antífona, devo pelo menos entoar o salmo".

5.2) Desde a 2ª hora de sua existência, o São Vicente teve o seu núcleo da 1ª ASSOCIAÇÃO DE CARIDADE, fundada pelo Patrono; hoje conhecidas como "Voluntárias da Caridade de São Vicente de Paulo". Foi fundada em agosto de 1960, logo após a instalação da Associação de Pais e Mestres. As duas, na maior parte dos 29 anos de existência, vem caminhando juntas; autônomas, mas solidárias.

Desde os anos 70, pelo menos, o orçamento das Voluntárias recebe contribuição fixa da APM, além de ajudas ocasionais. A família do Colégio se acostumou a buscar no bazar das Voluntárias, na portaria do Colégio, os presentes para as mães, os pais, etc. E

elas, com o dinheiro que entra, com o trabalho silencioso, com o carinho materno, vão alegrando os corações daqueles que vêm podendo assistir... Talvez seja pouco, mas tem sido constante, ininterrupto. Farão mais um dia? Depende, certamente, delas e dos que se dispuserem a cerrar fileiras com elas...

5.3) Mas, ainda omitindo o Supletivo e o núcleo das Voluntárias com APM, terá o São Vicente marcado presença missionária?

Um de nossos Provinciais afirmou, em público, que a mudança de mentalidade da Província se deve, em grande parte, ao Colégio São Vicente. Foi, certamente, do Colégio que mais se irradiou para todo o território da Província — senão todas as mentes — a concepção de educação para a libertação, posteriormente assimilada à sua própria legislação. Ora, a teologia missionária de hoje está profundamente ligada ao sentido de libertação, por menos que se queira vinculá-la às chamadas "Teologias da Libertação", nome — espantoso para não pouca gente, ainda hoje...

5.4) Terá saído daqui, nestes 30 anos alguma vocação missionária? Pos-

so responder que, para nossas fileiras de Congregação religiosa, certamente não. O São Vicente, como toda escola similar, é ambiente pluralista, apesar de ter sido a quase totalidade batizada na Igreja. Por isso, dificilmente será um caminho de devoção. Há dias, em nossa Paróquia São Vicente de Paulo de Moinho Velho, em São Paulo, celebrando a missa ao povo no término do mês vocacional, eu lhes recordava que nestes primeiros 50 anos (1940-1990) nenhuma vocação sacerdotal foi ali suscitada ou encaminhada; no entanto, era, pelo menos no início, paróquia de bairro operário. Vê-se que o problema é mais amplo.

O importante é que seja caminho para a justiça, para os valores humanos da verdade, lealdade, solidariedade, serviço desinteressado... Tais valores serão os veículos para a convicção religiosa. Quantos de nossos ex-alunos estariam nesta categoria? Alguns pelo menos? Respondam-nos eles.

5.5) Ao transmitir um cargo que ocupei por 6 anos, na Associação da Educação Católica do Rio de Janeiro, entre os agradecimentos que recebi veio um singular. Uma religiosa me agradecia pelo testemunho cristão que

o Colégio São Vicente vinha dando às demais Congregações Religiosas, pelo fato de empregar no próprio Colégio, alguns de nossos Coirmãos que haviam deixado a Congregação e o exercício do ministério sacerdotal.

De fato, se hoje isso parece simples, não o era naqueles dias tempestuosos. Aquele agradecimento foi um dos que mais me emocionaram em toda a minha vida, pois, sendo Diretor de Colégio e membro do Conselho da Província, eu tinha a responsabilidade direta nos fatos, sem, entretanto cogitar que eles ultrapassavam nossos umbrais!

Hoje, estou convencido de que este e tantos outros gestos semelhantes do São Vicente, como instituição, bastariam para lhe justificar a existência e que, portanto, ele vem acrescentando algo ao ambiente onde, há trinta anos se erguia uma casa-de-cômodos; a antiga moradora aqui veio, atraída por uma Capela. Teremos erguido não apenas uma capela, mas um templo do Espírito Santo, através de uma comunidade que luta por ser cristã!

Pe. José Pires de Almeida, CM.  
Diretor CSVP

## DISCIPLINA, POR QUE NÃO?

Um colégio é mais que conceitos, horários, currículos... É o lugar onde sistematizam-se normas de conduta e de organização.

É o lugar onde convivem crianças, jovens, adultos... pessoas, e este convívio será cada vez melhor, na medida em que sejam observados certos regulamentos. (Regulamentos aqui? Para quê?)

Para garantir o direito de cada um; para promover a harmonia coletiva; e, principalmente, para desenvolver reciprocidade.

Sem disciplina nossa filosofia educacional — Educação pela transforma-

ção — corre o risco de ser mal entendida, mal realizada... nos conduzindo a um buraco — negro educativo.

Disciplina não é a simples obediência. Ser disciplinado é organizar-se dentro de um contexto sócio-cultural. Logo, não é a partir de medidas "disciplinares" policiais, limitadoras ou restritivas que pensamos disciplina. Mas como o trabalho efetivo de toda uma equipe — coordenadores e inspetores — integrada ao objetivo de levar o aluno a perceber que, em coletividade, vive-se melhor, com disciplina. A percepção dos próprios limites.

Nosso trabalho é sobretudo educa-

tivo. Não objetivamos a punição, mas a transformação. Sem autoritarismos, cobramos certas limitações decorrentes da necessidade que a própria vida comunitária impõe.

Importante no Colégio São Vicente de Paulo, ao lado do processo ensino-aprendizagem, é criar laços de amizade. É zelar pelo ambiente de camaradagem e respeito à pessoa humana. É conviver.

Assim, é fácil estudar, aprender, crescer, educar-se, entusiasmar-se... SER FELIZ!

Sara Rozinda Martins Moura  
Sá dos Passos



## ESCOLA PROFISSIONAL: PESADELO OU DESCOBERTA?



Durante muitos anos, o trabalho de *Orientação Profissional*, realizado no Colégio São Vicente de Paulo, tem sido uma preocupação constante para todos e, em especial, para o SOE. Não é incomum observarmos estudantes chegando ao 3º ano do 2º grau, sem a menor perspectiva em relação ao que fazer. Além disso, percebemos que os jovens desconhecem a grande variedade de opções na vida profissional. Mais ainda, alguns de nossos alunos inscrevem-se em vestibulares sem nenhuma noção das várias áreas e isso acarreta, em muitos casos, uma decisão por exclusão.

Todos sabemos que a escolha pouco refletida leva ao descontentamento em relação à universidade. Ocasionalmente, vemos estudantes "pularem" de curso em curso e, na pior das hipóteses, concluírem a faculdade, seguirem a profissão escolhida, mas sempre insatisfeitos — pessoal e profissionalmente.

Da forma como entendemos, a escolha de profissão, longe de ser um pesadelo, deveria ser uma descoberta. Descoberta de aspirações, expectativas, potencialidades, limites e desejos; um conhecimento sobre si mesmo que levaria o jovem a querer conhecer o imenso mundo do trabalho, livre, o mais possível, de preconceitos, pressões familiares e sociais.

Acreditamos que em todo esse processo, a família tem um papel essen-

cial. No entanto, cabe à escola ser facilitadora deste momento que integra o passado, o presente e o futuro de cada um de nossos alunos. Assim, optamos por introduzir este ano, no colégio, um trabalho que abrangesse da melhor forma possível, toda a complexidade de fatos que envolvem esta difícil e fascinante descoberta.

Numa primeira abordagem, os alunos receberam uma apostila onde constavam as diferentes áreas profissionais, quais os cursos, a duração dos mesmos, quais as melhores universidades etc. Foi descrito também como o Cesgranrio e a PUC dividem as suas áreas, em que horário funcionam as faculdades, enfim, tudo que consideramos imprescindível em termos de informação. Após a discussão desses dados em sala de aula, pedimos que cada um preenchesse um questionário onde, entre outras coisas, colocasse suas áreas de interesse. Pudemos desta forma, listar quais as carreiras que mais atraíam os alunos e, num segundo momento, convidamos profissionais das mais diferentes categorias para virem conversar com eles.

Foram encontros muito ricos: em alguns, tivemos um só profissional, em outros, vários (como no caso dos médicos e engenheiros), recebemos também estudantes (em advocacia, psicologia e artes cênicas) e fizemos até mesas re-

donadas com profissionais de áreas afins. Para que isso pudesse ser realizado, contamos com a colaboração de ex-alunos, pais de alunos e até amigos que, mesmo sem nenhum vínculo direto com a escola, se dispuseram a vir aqui falar sobre sua vida e seu trabalho. Conversamos bastante sobre as gratificações, as frustrações, as aptidões necessárias, as tarefas e o mercado de trabalho de cada profissão.

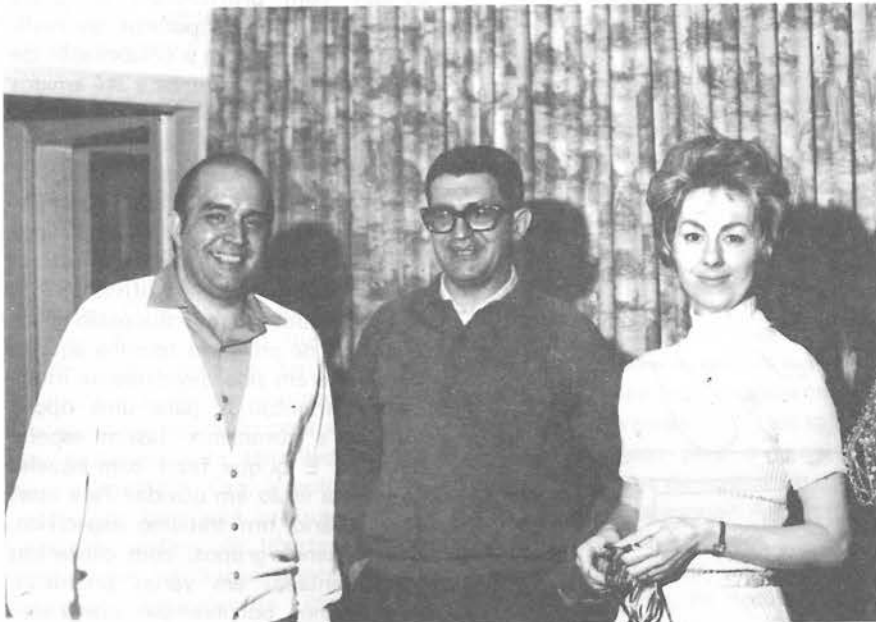
Para alguns jovens a discussão sobre a escolha de profissão termina aqui; o fato de terem sido devidamente informados orientou-os para uma opção madura e consciente (assim esperamos...). E o que fazer com aqueles que ainda estão em dúvida? Para esses é necessário um trabalho específico, em pequenos grupos, com dinâmicas fundamentadas em várias premissas. Acreditamos, por exemplo, que a eleição de uma ou outra carreira é multideterminada entre outros fatores, pela família, o contexto social, a estrutura educacional e os meios de comunicação de massa, que vão cristalizando a ideologia do sistema social em representações das profissões, dos pré-requisitos para alcançá-las, seu sentido social; ou seja: o próprio valor do trabalho. Pensamos também, que neste instante de dúvidas, emergem contradições, lutas, conflitos e que só o reconhecimento e reflexão de toda essa situação será capaz de envolver o jovem na importância de sua decisão.

Já realizamos dois grupos desse tipo, no ano passado, um novo grupo deve começar agora, no segundo semestre, desde que haja demanda por parte dos alunos.

Temos observado que, na maioria dos casos, a escolha profissional ainda está submetida à busca de benefícios econômicos, de poder e prestígio. Como já foi dito, não há ilusão no que concerne ao limite deste trabalho dentro da escola. Mas, na medida de nossas possibilidades, vamos tentando pacientemente caminhar com nossos alunos.

*Serviço de Orientação Educacional*  
Maria Eleonora Caldeira  
(Orientadora Educacional)  
Patrícia Mendes Rubim  
(Psicóloga)

## CESAR POUGY E A APM



Casal Pougy com Pe. Almeida

Comemorações são ocasiões próprias para recordações, reflexões e saudades. Momentos em que se passa em revista o passado, se examina o caminho percorrido, se formulam novos propósitos e linhas de ação. Momentos em que voltam à memória as pessoas que marcaram com sua presença, seu trabalho e seu exemplo a trajetória do Colégio nesses seus 30 anos de existência. Uma dessas pessoas foi Cesar Pougy, que, com sua mulher Dorothy, presidiu a APM no biênio 1969/70.

A Associação de Pais e Mestres — APM, fundada no ano seguinte ao da fundação do Colégio, tem por finalidade básica debater temas educacionais com as famílias dos alunos e promover contatos entre estas e o Colégio, aproximando assim as duas principais fontes da educação. Foi na administração Paulo Montenegro (67/68) que Cesar e Dorothy começaram a participar da direção da APM, como casal — tesoureiro.

Com apenas 6 anos de existência, a APM, naquela ocasião, ainda vinha se firmando em seu papel de ligação entre famílias e Colégio. Já realizava algumas programações, sendo talvez a principal delas a Festa Junina, sempre muito concorrida, destacando-se Dorothy co-

mo uma das principais organizadoras. Esta festa era também uma importante fonte de receita mas, de resto, a Associação dispunha de poucos recursos. Coube a Cesar, como profissional de finanças que era, dar à gestão financeira uma maior eficiência, possibilitando assim uma expansão das atividades da APM. Na eleição seguinte, uma das mais animadas da história da Associação, Cesar e Dorothy foram eleitos casal-presidente para o biênio 69/70.

Muito organizado, Cesar imprimiu à administração da APM um caráter profissional, visando um funcionamento mais formal, no sentido de uma maior objetividade. Promoveu várias oportunidades de aproximação entre as famílias e o Colégio, não só de tipo mais formal, como palestras, mas também de puro convívio, como o futebol dos pais. Reservou um horário à tarde, no qual dava uma espécie de plantão no Colégio, para estar à disposição dos pais, do Grêmio, ou de quem quer que precisasse de um apoio da APM. Isto estimulou muito o relacionamento com o Grêmio, que viu seus programas apoiados e incentivados. Numa época em que se achavam exacerbados os conflitos entre Pais e Filhos, esta aproximação foi de grande valia, pois conti-

nha uma clara mensagem de apoio, colaboração e orientação por parte dos pais.

Cesar e Dorothy souberam conduzir com harmonia sua administração, com excelente entrosamento entre os diversos diretores, do que resultaram amizades duradouras. As reuniões passaram a se realizar com regularidade, sempre registradas diligentemente pelo secretário, o Tilson. Com sua caligrafia impecável, lá ia ele pondo no papel tudo o que se dizia. Se alguém queria fazer um comentário informal, era preciso pedir a ele que suspendesse a pena por um instante, senão lá ficava tudo na ata. Marisa e Homero, o casal vice-presidente, estavam sempre a postos, ajudando em tudo o que era necessário, como aliás era o caso de todos os demais colaboradores. Enfim, uma diretoria operosa e criativa, que pôde entregar à Administração seguinte uma APM já adulta, que marchava com suas próprias pernas, com um dinamismo que continuou pelos anos afora.

Interessante notar como as qualidades de uma pessoa às vezes precisam de um ambiente propício para se manifestar. Cesar sempre foi uma pessoa tímida, nunca se animou a disputar honrarias ou lideranças. No entanto, no ambiente da APM, em que a recompensa pelo trabalho não estava na busca do poder, mas sim na satisfação de bem servir a uma coletividade, aquelas virtudes encontraram campo propício para se manifestar.

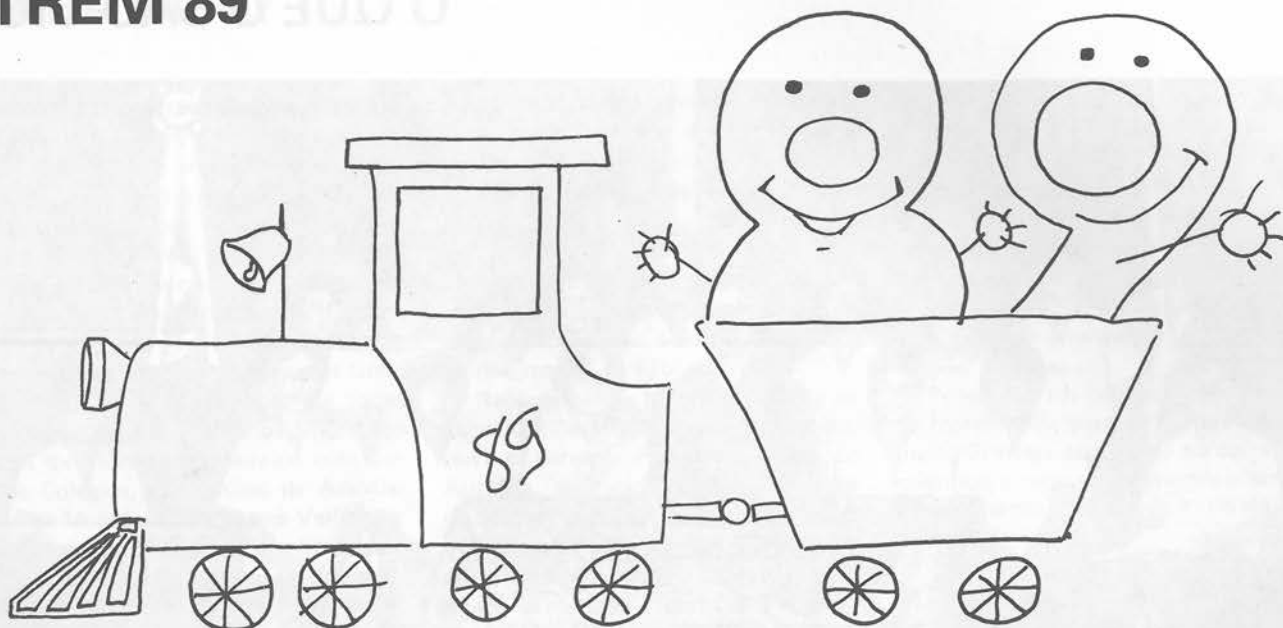
Com seu sorriso largo e franco, que convidava à confiança, com sua pronta disponibilidade para quem dele precisasse, com sua natureza bondosa e inalterável, grangeou a amizade e o reconhecimento de todos quantos lidaram com ele. Mas aquele seu temperamento retraído lá de vez em quando cobrava o seu tributo, como quando tinha de falar em público: a coisa só saía com muito pigarrear e torcer de mãos...

Após deixar a presidência da APM, Cesar passou a fazer parte do Grande Conselho, onde suas palavras e posições equilibradas continuaram ajudando a direção do Colégio a encontrar as linhas de ação mais adequadas para a condução desta delicada tarefa que consiste em educar o Brasil de amanhã.

Cesar nos deixou em 1987, prematuramente, um ataque cardíaco o levou. Mas continua vivo na memória de todos quantos receberam dele o bem.

João Carlos Resende Martins

## TREM 89



Convivi com o São Vicente durante cinco anos, tanto através de minhas três filhas, assíduas e fanáticas alunas, como através de um contato intenso com tudo o que acontecia na vida do Colégio: reuniões da APM, missas aos sábados com o Padre Lauro e mais sete ou oito insistentes companheiros, participação em debates e na gestão do Padre Almeida muita discussão voltada para a dinamização da APM, cuja diretoria contava com minha presença.

Foram anos cheios de desafios, em que participar da vida do Colégio era um complemento indispensável à minha condição de cidadão e pai.

Quando eu me sentia descontente com algumas tendências predominantes, neste ou naquele momento da vida do São Vicente, me sentia à vontade de sugerir, cobrar e apontar alternativas. Assim, sem ser da APM, acabei num primeiro momento, sugerindo ao Benino e Padre Lauro que trouxéssemos ao São Vicente gente com lastro político e projeção nacional ou regional, que viesse, naquela fase anterior ao período da Constituinte, discutir saídas para um Brasil em ansiedade. Entre os que vieram, trouxemos Bernardo Cabral, cuja atuação como Presidente da OAB fora considerada respeitável e digna de consideração. (Sem saber, estávamos trazendo ao São Vicente alguém que teria presença bem marcante na futura Constituinte!). Depois, trouxemos de Osasco, o Humberto Parro, prefeito de atuação voltada

para a periferia e para uma ação social sedimentada nas camadas mais humildes.

Quando o Padre Almeida voltou à direção do Colégio, com sua vocação carismática de transformar cada momento numa oportunidade de rediscutir os modelos e rever as atividades, acabei entrando na APM, onde junto com o Celso e Cidinha (presidentes) e todos os demais integrantes da Diretoria, conseguimos lançar as bases de uma gestão participativa. Antes de tudo, procuramos nos conhecer e nos integrar. Em decorrência, alguns frutos foram nascendo: retorno da revista A CHAMA, debates, reuniões com pais e mestres.

Entre os debates, promovemos a vinda de alguns ex-alunos do São Vicente, gente com projeção nacional, independentemente de suas convicções e raízes ideológicas.

Veio o Cássio, o mais jovem deputado federal da Constituinte, cheio de idéias, um verdadeiro furacão, que conseguiu movimentar a juventude (não muito numerosa), ali presente. Depois veio o Collor, então governador de Alagoas. Com uma comitiva enorme, mas bastante espontaneidade, Collor falou e depois submeteu-se a uma hora de perguntas. (Naquele tempo, ele já tinha esse visual de hoje e já mostrava sua preferência por falar na caça aos marajás). Houve perguntas de fina sagacidade, em que alguns alunos queriam saber de onde vinha seu dinheiro

para tantas viagens e até mesmo como Collor conseguir gerir seu Estado, se ele passava a maior parte do tempo viajando...

Hoje, à distância fico torcendo para que o Colégio São Vicente continue formando gente de visão aberta, mentalidade arejada e pensamento crítico, recriando soluções e projetando alternativas, que possam proporcionar, à sua população questionamento dos modelos e um novo modo de repensar o Brasil.

Sinto falta das divergências e da ansiedade que tomavam conta dos meus colegas de APM, aqueles poucos que ainda tentavam juntar as forças e as idéias para somar sugestões na busca de uma educação libertadora! Sinto vontade de me sentar na primeira segunda-feira, de cada mês, lá na biblioteca, ao redor da enorme mesa de madeira e discutir com a presidência interina (Gilbert e Vera), Padre Almeida e os que ainda resistiram, bravamente, na diretoria, os planos de ação, as estratégias e as metas para conseguir envolver mais uma centena de pais nos problemas educacionais do São Vicente. Mas, agora, há outros pais discutindo, há outra realidade nos imprensando contra a parede do tempo e o jeito é correr para não perder o trem de 89, aquele que esperávamos há 25 anos e que vem na curva, cheio de fumaça, cheio de promessas, cheio de dúvidas!

Antonio Carlos de Lima  
Campinas, 9 de setembro de 1989

## O QUE O SÃO VICENTE



Pe. Lauro antes de ir para Roma

Trabalhei no Colégio São Vicente seis anos e meio. Antes disso, durante quinze anos, fui formador de Padres, nos Seminários Maiores de Mariana (MG), do Escolasticado (Filosofia e Teologia) de nossa Congregação em Petrópolis (RJ), de Aparecida (SP) e do Filosofado de nossa Congregação em Belo Horizonte (MG). Ao mesmo tempo, fui professor de Filosofia, na Universidade Católica de Petrópolis, no Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia de Lorena (SP) e na Universidade Católica de Belo Horizonte. Fiz um curso de pós-graduação em Teologia, especializando-me para a missão de formador do Clero.

Então, minha experiência profissional, até vir trabalhar no São Vicente, era totalmente diversa da que se exige de um educador num Colégio. O que eu tinha, parece-me, ao chegar ao São Vicente, era cara e coragem. Faltava-me totalmente o conhecimento da prática do dia-a-dia de um Colégio. Quem me viu, desde os primeiros dias de janeiro de 1980, com a prancheta na mão, tomando nota de tudo, poderia pensar que eu desejava controlar tudo, vigiar, anotar para poder cobrar depois, essas coisas. Mas não era por isso: era uma necessidade elementar de conhecer o que é um Colégio, o que era o São Vicente. Vocês falam de coisas do

São Vicente como quem fala de Vasco, Arpoador ou Galeão, isto é, coisas que são conhecidas e sabidas. E eu, lá ia olhar os papéis da Diretoria, ler o Informativo do Colégio ou **A CHAMA** e as resenhas do Conselho Pedagógico, para descobrir o que significavam SOE, SOP, 1º Grau 2, Conselho de Classe, Conselho Pedagógico, Coordenação Vertical, atividades extraclasse. No final de meus seis anos e meio de São Vicente, eu até que já sabia todas essas coisas e várias outras! . . .

O que me fez aceitar a Direção do Colégio São Vicente, quando me foi oferecida, no final de 1979, foi um pensamento bastante sério: a nossa Congregação (Congregação da Missão) propõe-se seguir Jesus Cristo, no trabalho da evangelização do mundo. Nós temos como opção fundamental o mundo dos Pobres. Optamos também por formar novos Padres, para atender melhor aos Pobres. Mas sentimos que não basta formar Padres. É preciso também formar os Leigos, para que levem a sério sua vocação cristã e sobretudo para que se empenhem em ajudar os mais pobres, segundo o espírito de São Vicente, fundador de nossa Congregação e patrono do nosso Colégio.

Por isso aceitei ser Diretor do Colégio São Vicente: porque era uma for-

ma de estar cumprindo o objetivo de nossa Congregação.

De minha experiência anterior, valeu-me muito a prática do magistério de 1º e 2º Grau e de nível superior. Também o esforço de trabalhar sempre com o método da educação libertadora, o empenho de fazer o processo da educação com a prática constante das revisões de vida. No São Vicente, tudo isso se repetiu e se multiplicou: em vez de 100 ou de 40 Alunos, de um ou dois auxiliares, passaram a ser quase 2.000 Alunos, duas centenas de Professores e Funcionários, um milheiro de Famílias dos Alunos, freqüentemente tão presentes no Colégio.

No São Vicente encontrei coisas notáveis. Não sei o que me impressionou mais, mas posso lembrar alguns aspectos. O *Conselho Pedagógico*, a reunião dos Padres da Direção, dos Coordenadores do SOP e do SOE, da Disciplina, das atividades de formação extraclasse e da formação religiosa, era o momento forte de minha semana no São Vicente, porque era o tempo e o espaço para *pensar o processo* de fazer educação no Colégio. Mais que uma reunião para "apagar fogo", resolver os problemas de cada dia, era o fórum adequado para avaliar nossa prática e planejar o futuro. Mas o dinamismo dos dias corridos quantas vezes nos arrastou sema-

## FOI PARA MIM?

nas e semanas atrás de alguma solução inadiável e difícil. As reuniões por setores me faziam encontrar os Funcionários, os Mestres de Disciplina, os Coordenadores, os Orientadores Educacionais, etc. As promoções extraclasses para os Alunos. As reuniões com os Pais, desde a Escola de Pais até as chamadas após os bimestres letivos. Posso ir enumerando tudo, pois tinha muito gosto em participar de todas estas coisas. Acrescento os Encontros com ex-Alunos, os contatos com outros Colégios, as reuniões da Associação de Moradores do Cosme Velho.

No aspecto religioso, lembro desde as missas de aniversários, os casamentos, batizados, primeiras comunhões,

crismas, missas de corpo presente de 7º e de 30º dia, até as missas que eu celebrava de madrugada ou alta noite, quando o São Vicente ainda não despertara ou já sossegara, e onde eu revia...

Em resumo, posso dizer que o São Vicente foi para mim uma escola de vida. Posso não ter sido um aluno brilhante, mas sei que fui esforçado.

Recentemente, na recepção feita ao Superior Geral no início de agosto, ouvi o Diretor, Padre José Pires de Almeida, o Presidente da Associação de Pais e Mestres, os Representantes dos Grêmios dos Alunos, os Coordenadores Pedagógicos do 1º Grau 1 e 2 e do 2º Grau, uma Professora e o Coor-

denador Hugo de Vasconcelos Paiva exporem o que é o São Vicente, qual seu sonho, qual seu caminho, quais seus agentes do processo de educação. O que senti não foi saudade, embora relembresse meus primeiros dias do Colégio em 1980. O que me dominou violentamente, como um impulso, foi uma vontade enorme de vir trabalhar no São Vicente.

Penso que foi isto que o São Vicente representou para mim, seis anos e meio. Entrego este texto ao correio e continuo a repassar na memória tantas pessoas, tantos dias, cada experiência.

Apucarana, 8 de setembro de 1989  
Padre Lauro Palú

## A NOSSA "DESCOBERTA" DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

Em 1984, com a nossa recente transferência de moradia para o Rio, buscamos identificar um Colégio, que preenchesse nossos anseios básicos para educação de nossos filhos, especialmente de um menino, que acabava de concluir no ano, o Curso de Alfabetização.

Nosso filho mais novo tinha encontrado dificuldades para completar adequadamente o ciclo de alfabetização, devido às diferenças do currículo escolar existente entre o pré-primário de São Paulo e o curso de alfabetização do Rio de Janeiro.

O primeiro contato que tivemos com o Colégio São Vicente de Paulo foi através de um artigo do Jornal do Brasil de novembro de 84, que partici-

pava os 25 anos de fundação dessa entidade de ensino e relatava, brevemente, a sua filosofia de educação.

O impacto da leitura do artigo do jornal foi positivo. Os contatos posteriores até a matrícula mostraram a preocupação do Colégio São Vicente de Paulo com a integração do aluno e dos pais às suas diretrizes educacionais. Ressaltava-nos, naquele momento, o lado humano da educação, onde uma "Semana de Convivência" do aluno na escola substituíra os testes de seleção, verdadeiros "vestibulares" a que são submetidos os pequenos estudantes.

A orientação educacional foi eficiente. A recuperação do aluno foi gradativa e consciente. À medida que mais conhecíamos o Colégio, maior era

nossa admiração pelo método de ensino e principalmente pela sua filosofia: a formação da consciência crítica.

O Colégio São Vicente de Paulo é uma escola católica, orientada para a formação de jovens comprometidos com a realidade social. É um instrumento que promove valores de solidariedade, de diálogo e de justiça participando nos problemas, dos diferentes níveis da sociedade.

Agora, em 1989 — o Colégio São Vicente de Paulo comemora seu 30º Aniversário. Parabéns Colégio! Que muitas crianças possam "vencer" neste Colégio, como tem conseguido o nosso filho, que está cursando a 5ª série.

Maria Rosa e Mário Túlio de  
M. Castro

# QUINZE DE OUTUBRO:

*Ao estampar a lista do pessoal contratado pelo Colégio São Vicente de Paulo, "A CHAMA" deseja homenagear a quantos, nos serviços diversos, nas salas de aula, nas coordenações, na direção, aqui vêm assumindo, durante trinta anos, a responsabilidade de educadores, em vista da construção de nova sociedade.*

## PADRES, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DO COLÉGIO SÃO VICENTE

- |                                      |  |   |
|--------------------------------------|--|---|
| 1. Abgail Anália de M. Barbosa       | 53. Elpídio Tergine Veras              | 105. Lilian Salomão Moreno              |
| 2. Adahyl Lourenço                   | 54. Esther Cohen                       | 106. Lúcia de Fátima N.N. Monteiro      |
| 3. Adriana Penna Milagres            | 55. Euripes José da Silva              | 107. Lúcia Maria Machado Musso          |
| 4. Alcyr Barreto Ribeiro             | 56. Filomena Lúcia V. Cavalcante       | 108. Luiza Regina M. Braga              |
| 5. Alexandre Garcia Monteiro         | 57. Francisco Félix Pereira            | 109. Luiz Eduardo Marcondes Cabral      |
| 6. Alexandre Rodrigues Junqueira     | 58. Francisco Pereira da Silva         | 110. Luiz Sérgio Dias                   |
| 7. Alexandre Souza Chaves            | 59. Geraldo Antônio C. Primo           | 111. Manoel de Jesus Maia               |
| 8. Alice Gonçalves                   | 60. Geraldo Constantino Teodoro        | 112. Manoel Vieira                      |
| 9. Almir Terceiro Teles              | 61. Geraldo Humberto Venuto da S., Pe. | 113. Marçal Versiani dos Anjos          |
| 10. Alzemira de Assis Paula          | 62. Gerson Vellaco Junior              | 114. Marcelo Motta Carneiro, Pe.        |
| 11. Ana Maria de Abreu Azevedo       | 63. Gerson Vicente Alves               | 115. Maria de Assis Vieira              |
| 12. Anna Mansur                      | 64. Gisele Pinto Costa                 | 116. Marcia Ferreira do Nascimento      |
| 13. Andréa Severino Vieira           | 65. Graça Maria Belo do Rosário        | 117. Marcia Lima Vitória                |
| 14. Antônio Batista de Araújo        | 66. Helenita Marques Barbosa           | 118. Marco Antônio G. de O. Menezes     |
| 15. Antônio Luís de Andrade          | 67. Heloisa Fernandes Caldas           | 119. Margarida Maria M.N.N. Carneiro    |
| 16. Antônio Milão Pinto              | 68. Heloisa Pereira S. de Carvalho     | 120. Maria Amélia do M. Lima            |
| 17. Antônio Miguel da Silva          | 69. Hugo Santos Martins Pinheiro       | 121. Maria Cláudia de Amorim            |
| 18. Antonio Morais Silva             | 70. Hugo de Vasconcelos Paiva          | 122. Maria da Conceição Santos          |
| 19. Antônio Rogério C. Coelho        | 71. Homero Rodrigues Saraiva           | 123. Maria Concetta Centola Lamori      |
| 20. Antônio Simplício R. Farias      | 72. Humberto Pedro Barbosa Arêas       | 124. Maria Cristina Maciel Teixeira     |
| 21. Antonio Soares de Oliveira       | 73. Iara Telles Lima Costa             | 125. Maria Cristina S.P. Caldas         |
| 22. Araciema de Moura Neves          | 74. Inah Brider                        | 126. Maria Eleonora M. Caldeira         |
| 23. Aristides José de Souza          | 75. Inésia Maria C. Mendonça           | 127. Maria Emília Martins Alves         |
| 24. Benedita Souza Caldas Moreira    | 76. Isaura Maria de Oliveira           | 128. Maria Eugênia Pondê Trigona        |
| 25. Bianor Florêncio dos Santos      | 77. Ivone Vieira                       | 129. Maria da Glória R. Cabral          |
| 26. Carla Di Gregório Porciúncula    | 78. Ivonete Costa                      | 130. Maria da Graça dos S. Vasconcellos |
| 27. Carlos Holbein A. de Menezes     | 79. Jerônimo Cabral da Silva           | 131. Maria José Bustamante Soares       |
| 28. Carlos Severiano Dantas          | 80. João Carlos Rodrigues Gomes        | 132. Maria de Lourdes A. Trindade       |
| 29. Catia Ferreira de Miranda        | 81. João Coutinho de Barros            | 133. Maria de Lourdes R. Tura           |
| 30. Célia Maria Duque E. Meyer       | 82. João Chagas de Oliveira Netto      | 134. Maria Lúcia Vasconcellos Gomes     |
| 31. Célia Maria P. Costa             | 83. João Paulo Fernandes da Silva      | 135. Maria Margarida C.F. de Souza      |
| 32. Cláudia de Carvalho Marçal       | 84. Joaquim Batista de Souza           | 136. Maria das Neves Oliveira           |
| 33. Cláudio Mário G. da Silva        | 85. Jorge Ubirajara M. Souza           | 137. Maria Rosa Momesso de Castro       |
| 34. Cláutenes Antonia F.F. Lopes     | 86. José Alceu Silva                   | 138. Maria do Socorro dos Santos        |
| 35. Clea de Albuquerque Coelho       | 87. José Carlos Vieira Campos          | 139. Maria Tereza Falcão Koblitz        |
| 36. Cosme de Souza                   | 88. José Cláudio dos Santos            | 140. Maria Theresina P. da Serra        |
| 37. Cristiane Coelho Pessanha        | 89. José Darcy Rodrigues               | 141. Marlene Lydia Bluhm                |
| 38. Dairene Bezerra F. Magalhães     | 90. José Eugênio de Macedo             | 142. Marlene Maria de Figueirôa         |
| 39. Darcy Moreno da Silva            | 91. José Fernandes da Silva            | 143. Marlúcia Silva de Oliveira         |
| 40. Darli Frois                      | 92. José Pereira de Lima Sobrinho      | 144. Marly Gomes Corrêa                 |
| 41. Débora Maria Carvalheira Montano | 93. José Pires de Almeida, Pe.         | 145. Marly Marreiro do N. Januário      |
| 42. Denise Vieira Castro             | 94. José Trajano da Silva              | 146. Maria Passaroni F. da Silva        |
| 43. Derli Silveira                   | 95. Kedma de Oliveira Silva            | 147. Mariza da Silva Nobre              |
| 44. Dinah Ribeiro Costa              | 96. Laerte Martins Guerra              | 148. Milton Andre Salces de Souza       |
| 45. Dirce de Camargo                 | 97. Lauro José de O. Basile            | 149. Moacira Garcia V. Silva            |
| 46. Dirlene Ferreira Kinup           | 98. Leda Carneiro                      | 150. Mônica Miceli Roque                |
| 47. Domingos da Silva, Pe.           | 99. Leda Siqueira Machado              | 151. Mozart Rodrigues Saraiva           |
| 48. Domingos Óliver de Faria, Pe.    | 100. Leila Alvarenga Bastos            | 152. Neisa Graça Gomes                  |
| 49. Édison Nunes Abreu Teixeira      | 101. Lúcia Graça Nunes Neves           | 153. Nice Pereira dos S. Ballado        |
| 50. Edna Gonçalves Cardoso           | 102. Lúcia Maria Madeira da Costa      | 154. Nilo Sérgio dos Santos             |
| 51. Édson Bóia do Nascimento         | 103. Luci de Araújo Moura              | 155. Nina Maria V.I. da Cunha           |
| 52. Eliana Martelotta                | 104. Lillian Bouzon Saraiva            | 156. Noemia B. Cavalcante               |

# PARABÉNS, MESTRE!

- |                                       |                                      |                                    |
|---------------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------|
| 157. Norma Thereza M. Goes de Andrade | 177. Rosani Clementina do Nascimento | 197. Sueli Santana Machado         |
| 158. Osvaldo de Araújo                | 178. Sandra Correia Matri            | 198. Tarcísio Basílio de Almeida   |
| 159. Patrícia Mendes Rubim            | 179. Sandra de Castro Miloni         | 199. Terezinha Cunha               |
| 160. Paula Francinete G. Fernandes    | 180. Sandra Maria Motta Marques      | 200. Terezinha de Jesus G. Benegas |
| 161. Paulo César Moreira de Souza     | 181. Sara Rosinda M.M. Sá dos Passos | 201. Terezinha Eveline Saade       |
| 162. Paulo Pereira Nascimento         | 182. Sebastião Ulisses dos Santos    | 202. Terezinha Freitas de Azevedo  |
| 163. Paulo Roberto Barbosa            | 183. Seimar M. Santana               | 203. Valério Bartelli              |
| 164. Pedro Augusto de Souza           | 184. Sérgio Luiz Alves Drago         | 204. Vânia Maria de M.C. Remy      |
| 165. Renato Zoghbi                    | 185. Sérgio Luiz Silva               | 205. Vera Maria Rozário Canázio    |
| 166. Reynaldo Campos Pereira          | 186. Severino Firmino de Farias      | 206. Verli Aparecida L. Pezzotti   |
| 167. Ricardo Oliveira da Silva        | 187. Severino Pereira da Silva       | 207. Vilma Gledice Lins Cavalcanti |
| 168. Rita Maria dos Santos Leandro    | 188. Sheila Dain                     | 208. Wander Francisco de Paula     |
| 169. Roberto Gomes Corrêa             | 189. Sidney Moraes de Vasconcellos   | 209. Wilka Maria P.C. Brito        |
| 170. Rogéria Pinheiro R. Gouveia      | 190. Silvéria de Jesus Nascimento    | 210. Willian Alves dos Reis        |
| 171. Ronald de Oliveira Manno         | 191. Silvio Castro Rodrigues         | 211. William José Batista          |
| 172. Rosana Mota                      | 192. Simone Gonçalves de Souza       | 212. Wilmary Josemar da Silva      |
| 173. Rosângela Maria M. Pena          | 193. Solange Gonçalves Borba         | 213. Wilmington Oliveira Collyer   |
| 174. Rosane Rocha da Silva            | 194. Soraia Machado Braga            | 214. Zacarias Jaegger Gama         |
| 175. Rosemaria Verônica de A. Pereira | 195. Sueli de Lima Moreira           | 215. Zulma G. de Goes Telles       |
| 176. Rose Mary da M. Oliveira Manhães | 196. Sueli Rangel Maia               |                                    |

## POETICAMENTE LÚCIDO

*Este conto ganhou o "Concurso de Contos" da 1ª Série do 2º Grau promovido pelo Professor Marco Antônio com o apoio do Grêmio em 1989.*

Outro dia, quando eu menos imaginava, assisti à comunhão, mas não a de homem com Cristo e sim a da natureza com ela mesma.

Foi de repente, graças a uma revolução realizada pelo frio e pelo calor, que transformaram minhas longas horas de sono numa linda audiência singular, já que só eu a assisti.

Quando sobre meu cobertor o calor incomodava, ao livrar-me dele o frio vinha atrapalhar o meu doce sono.

Já era de madrugada, e eu já sem forças para novamente pegar no sono, resolvi aceitar ao convite, de minha sempre maltratada janela, de ver o mundo de um ângulo raramente utilizado.

Mas juro que me amedrontei, ao perceber o terrível domínio do concreto, a natureza me pareceu — não sei porque, mas pareceu — escravizada, como o negro pelo branco, ou como o pobre pelo rico. O concreto florescia

rápido, sementes de um ato não pensado do homem. O natural se escondia, dominado por esse maléfico ato de destruição. Não só as grandes árvores com densas e verdes copas eram dominadas, mas também a terra abaixo, de onde surgiriam suas descendentes. O concreto crescia alto, comprido, quase comprimindo o azul e indefeso céu.

Mas juntos, lutando, o azul e o verde, naturais, tentavam dominar o concreto artificial. E se amavam . . .

Aconteceu em algum lugar, não sei onde, sei que vi. Não sei quando, sei que vi.

Graças ao calor e ao frio contemplei a mais bela visão, da mais perfeita União.

Uma floresta virgem é inexplorada à direita. À esquerda, o dourado e jovem trigo, recém florescido. Ao centro um campo, pasto de selvagens animais. E acima de tudo, o céu, negro, povoado pelas estrelas e pela lua, inatingida pelo

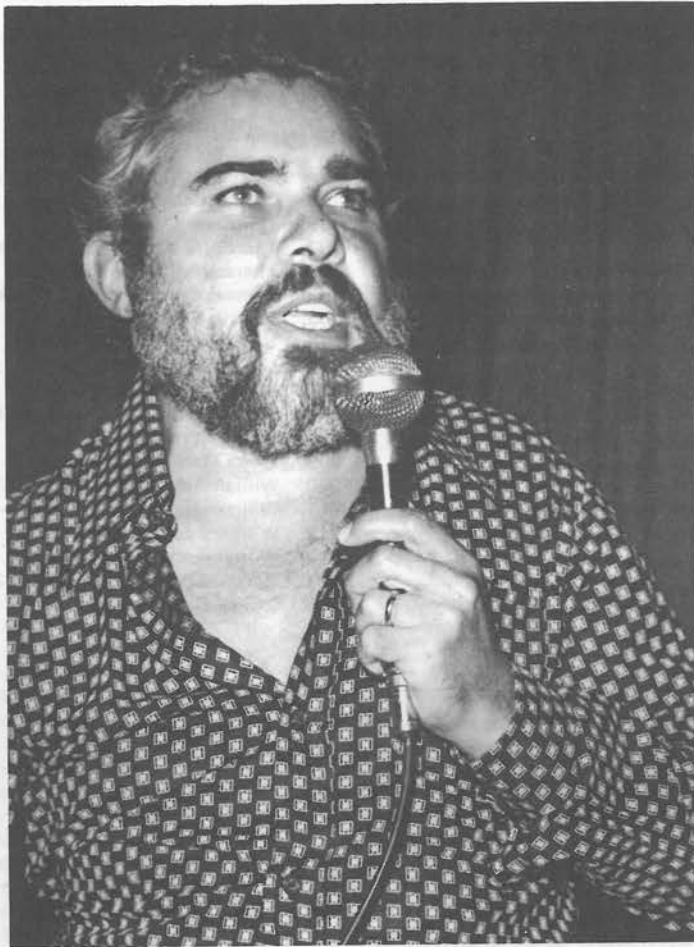
homem.

Logo, envergonhada por ser observada retirou-se a meiga lua, dando lugar ao majestoso Sol. Acho que não era o verde que se combinava com o azul, e nem o azul que se combinava com o verde, e sim a natureza que se combinava com ela mesma. Foi essa a paixão, testemunhada pelo dia e pela noite, por Deus e pelo diabo, e EU, poeticamente lúcido.

Lembro-me então que enquanto eu poeticamente lúcido, presenciava aquele inexistente momento, todos estavam dormindo, mas isto em nada, em nada o diminuía.

**Obs.:** Estar poeticamente lúcido seria estar acordado ou dormindo?

Saulo Pizzo  
Turma 1º-A — 2º Grau



## MESTRE GOES

### 05 – VOCÊ E O C. PEDAGÓGICO

Revejo você, meu irmão, em nosso hebdomadário C. Pedagógico. Ninguém sabia como você, se posicionar entre os pólos de conflito, feito "algodão entre cristais" – Admirável mestre do diálogo em tudo. Senso democrático no discurso e na práxis.

### 06 – O EDUCADOR GOES

– Grande e fraterno companheiro Moacyr de Goes! Como poucos, tinha você o dom de repartir, o gesto de acolher, a palavra e o calor do coração para aproximar.

O São Vicente sem você, não teria tido o mesmo colorido (com 1 só L), a mesma tonalidade, o mesmo nível de casa de Educação, que foi uma agência transformadora, comprometida com a História.

### 07 – A DIÁSPORA E A SAUDADE

– Mestre Goes: depois veio uma diáspora progressiva e muito dolorosa. Mas, como a providência não finca prego sem estopa, carregamos conosco toda a riqueza, toda a aprendizagem adquirida neste campo exuberante do São Vicente de Paulo, para reparti-la em outros contextos. Nem mesmo a diáspora conseguirá separar jamais o que as mesmas metas, a mesma luta, o espírito fraterno tornou comum, incorporou ao nosso ser. Se deixasse esta caneta solta, entraria por tantos outros campos onde seu valor e sua competência fizeram história...

Quem sabe, em outra oportunidade...

A saudade se encarregará de alimentar todo este universo que gira em torno do nosso sempre querido São Vicente.

A.R. Tedesco

### 01 – A SAUDADE E A HISTÓRIA

Quanto mais longe da emoção – mais perto da razão. Olhando para trás, tentando rerepresentar um longo trecho de nossa caminhada vicentina – não desejo afastar a emoção da razão. Não se ganha separando a cabeça do coração. Fica mais verdadeiro. Mais humano e completo, as duas juntas.

### 02 – O COLEGA, O AMIGO, O IRMÃO MOACYR DE GOES

Recordar você é reconstituir um sonho bom, um sonho dourado. De você, somente recordações macias, luminosas e transparentes. Lembro-me de sua chegada ao São Vicente em 1965. Você trazia as marcas de sua história dolorosa e gloriosa lá do Rio Grande do Norte. De seu famoso e triunfante projeto "De pé no chão também se aprende a ler". E de sua prisão ditada pelas forças anti-povo, repressoras, retrógradas. O São Vicente, farejador de homens identificados com os valores humanos e evangélicos, acolheu você

com alegria e carinho. Lembro-me de você, sobraçando mapas e apostilas, grande mestre-escola, grande educador, a caminho da sala de aula, dia após dia.

### 03 – VOCÊ É A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Lembro-me de você integrando aquele nosso grupo pioneiro que, em 69, recolhido no Vale da Boa Esperança, plantou os marcos da filosofia educacional do São Vicente. Medellín, não a do Cartel, mas a dos bispos da América Latina, em seu documento histórico, foi a fonte inspiradora desta famosa filosofia.

### 04 – VOCÊ E O PROFISSIONALIZANTE

Lembro-me de você, meu irmão, Mestre Goes, gestando, implantando e guiando os polêmicos cursos profissionalizantes. Sua competência e clarividência conseguiram extrair água potável daquele deserto de imposições legais...



## JUBILEU SACERDOTAL

O dia 20 de setembro de 1989 tem especial destaque neste número comemorativo de "A CHAMA": É o dia dos 25 anos de ordenação presbiterial de dois membros da Diretoria – o Padre Lauro Palú, "emérito" Diretor da Casa e Superior da Comunidade; o Padre Geraldo Humberto Venuto da Silva, Professor de Literatura no 2º grau, Coordenador da cadeira de Língua Portuguesa.

Nasceu o Padre Venuto em Buenópolis, aos 27/8/37, então distrito de Diamantina, MG. Seu falecido pai, João Venuto da Silva, funcionário da "Central do Brasil", piedoso patriarca, 2 vezes viúvo, foi casado 3 vezes; dos 18 filhos vivos, dois são sacerdotes vicentinos e uma, religiosa franciscana. Mal chegou a conhecer a mãe, D. Maria das Dores dos Reis Venuto, que muito cedo deixou este mundo.

O Padre Lauro é natural da localidade de Rebouças, no Paraná, onde nasceu aos 11/12/39, filho de Olívia e Arthur Palú, que têm mais três filhos homens. Iniciados em Curitiba os estudos secundários, decidiu-se o Padre Lauro pela vocação vicentina, indo terminar o curso no Caraça. Ali, junto do Santuário do Irmão Lourenço, ele encontrou o Venuto que viria a ser o colega de estudos e de ordenação (aos 20 de setembro de 64) e, posteriormente de convivência e colaboração no ministério de educador.

Muito teriam, certamente, a nos dizer sobre a convivência dos longos anos de companheirismo. Mais ainda, do tempo em que trabalhavam juntos no Seminário de Aparecida, como formadores de Seminaristas e, muitíssimo, dos anos de Colégio São Vicente, para onde vieram em 1980, Padre Lauro como Diretor e Padre Venuto como Professor.

As dissemelhanças entre ambos ressaltam os pontos de contato que os unem. Ambos dotados de fina inteligência, perspicácia, pendor artístico, dedicação à Literatura, que enriquecem com seus escritos, e, sobretudo, com seus poemas.



*Homenagem do Colégio S. Vicente aos Jubilandos.*

Eleito para participar da Assembléia Geral da Congregação, em 1986, o Padre Lauro foi ali "pescado" pelos votos para um mandato de seis anos renováveis. Faz parte, portanto, da alta Direção da Congregação em Roma e vem desenvolvendo brilhante atividade em todas as tarefas que lhe vêm sendo confiadas. Uma delas, foi a de Coordenador da Comissão Central que preparou o Encontro das PROVÍNCIAS da Congregação da Missão, ocorrido aqui no Rio de Janeiro, durante julho passado. Terminado o Encontro, ele secretariou o Supervisor Geral de Norte a Sul do país, fazendo as traduções simultâneas dos discursos do mesmo Superior Geral e assessorando-o em todas as circunstâncias.

Quanto ao Padre Venuto, tendo sido nomeado secretário do Superior Provincial e redator do Boletim Informativo da Província, teve de deixar as

aulas de Literatura, continuando, porém, no Colégio, como Coordenador e membro da Diretoria.

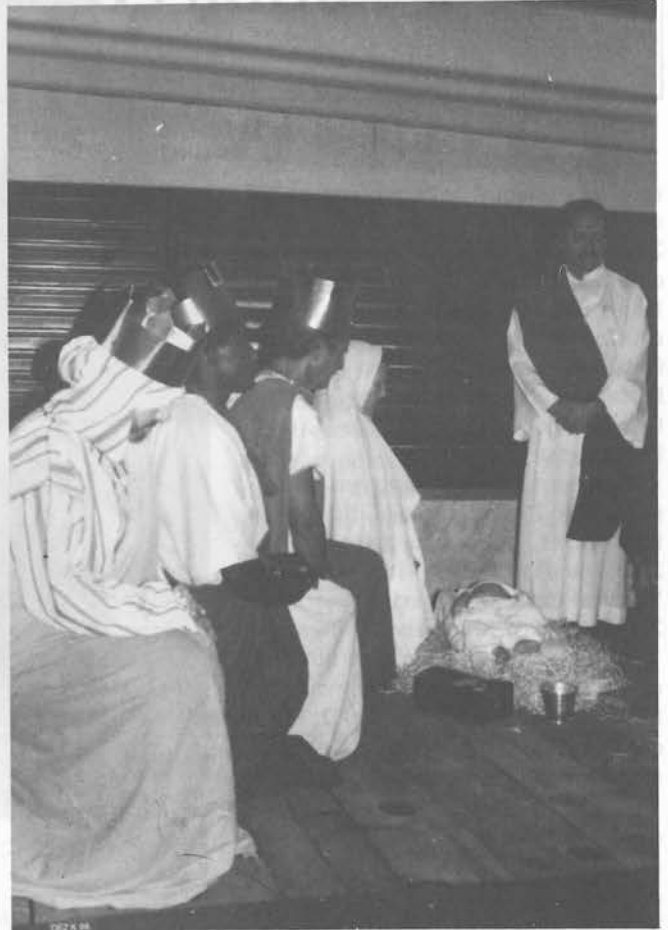
Aqui prestamos a ambos nossa homenagem de admiração e gratidão, em especial, pela contribuição ao crescimento do Colégio. Tal contribuição, generosamente prestada, especialmente em relação ao Padre Lauro, foi pontilhada de sofrimentos, pois não é fácil saltar de Mestre de Novíços para Diretor de Colégio. É com alegria que a Comunidade os saúda como vencedores; "dando a volta por cima", habilitaram-se para outras missões a que a Província os destinava.

Lauro, Venuto, queridos amigos, a CHAMA (que tanto deve a você, Padre Lauro) se une a todo o Colégio São Vicente de Paulo neste abraço carinhoso de PARABÉNS pelas Bodas de Prata Sacerdotais! . . .

## SÃO VICENTE — GRUPO QUE SE MEXE



*Presépio vivo*



*Comemoração do Natal — 1986*

Se mexe para quê?

Muitas respostas caberiam aqui: se mexe, para crescer, para formar, para ensinar, para aprender . . .

Talvez . . . se mexe para ser grupo. Vale, então, recordar alguns esforços neste sentido.

Falemos da PÁSCOA, do NATAL, dos ENCONTROS DE CONFRATERNIZAÇÃO.

O Natal sempre foi um momento de união da família vicentina. A partir de 1986 a vontade de renovar (será que podemos falar assim do Natal?), de trazer algo de novo, uma pequenina surpresa, a possibilidade de fugir um pouco do estável, do esperado. No São Vicente sempre há lugar para o novo e ele veio, de uma forma simples, como quase tudo aqui.

— 1986 — O Presépio Vivo (lembram-se da linda família do Professor Sergio Maia? E os Reis Magos? Migdon, Chocolate e Graça fizeram seu pa-

pel.)

— 1987 — O Auto de Natal apresentado por um grupo de crianças, filhos de professores e funcionários. Impossível esquecê-los!

— 1988 — A celebração que culminou com um significativo "Presépio quebra cabeça", montado por representantes de todos os setores do nosso São Vicente. Sem esquecer a figura do Papai Noel, a mais popular entre as crianças, o inspetor Mozart.

— 1989 — O que será?

É importante lembrar, também, das novenas que antecederam cada Natal. Durante duas semanas nos reuníamos na capelinha do subsolo, para rezar e refletir sobre o dia-a-dia à luz da esperança que renovamos ao celebrar o nascimento do Menino Deus.

A alegria e o sucesso do Natal nos fizeram pensar: por que não fechar o 1º semestre com outro momento deste grupo que se mexe? Aí veio a Páscoa,

refletindo sobre alguns mártires da Igreja (1987); em 1988, o grande mural, onde escrevíamos sobre o tema, a celebração penitencial e a missa.

Este ano, a brincadeira do "amigo oculto" entre todos os membros da comunidade, foi um momento muito rico. O consumismo foi combatido no "presente" da comunicação escrita ou oral e na criatividade ressaltada a cada momento de alegria, emoção e segredo na correspondência aberta e repartida com os outros, no telefonema "anônimo" e até no telegrama, prenúncio de má notícia, que se tornou anúncio de boa nova, de alegria, de sábia relação.

Outras atividades marcaram novos encontros: os almoços de confraternização e as viagens ao Caraça.

E agora, grupo que se mexe? Itapirica nos aguarda!

## DARIO NUNES MESTRE, EDUCADOR, AMIGO

*O mineiro é um personagem, historicamente confinado entre montanhas, preso à terra, o que faz dele um mestre da vida, um sonhador e obcecado pela liberdade . . .*

Há pessoas que marcam uma instituição com o vigor de sua presença, com o ardor de seu trabalho, com a generosa dedicação à causa que a define, confundindo-se com ela e lhe emprestando o próprio nome. E foi, por isso, que o estabelecimento de ensino da Rua Cosme Velho, em seu nascedouro, era mais conhecido como Colégio do Padre Horta, seu idealizador e primeiro diretor.

A década de 60 ligou o nome de Dario Nunes ao Colégio São Vicente de Paulo, pelo peso de sua atuação junto à juventude e incansável luta por uma educação libertadora. Na verdade, pregava uma filosofia educacional, voltada para a responsabilidade, com o engajamento de cada um no processo de transformação da comunidade, pensando um país adulto, autônomo e democrático, com redução das diferenças e criação de oportunidades para todos. Projeto de um sonhador, dir-se-ia —, Dario acreditou nele e o imprimiu em sua conduta de educador, levando-o a professores e alunos, dentro e fora do colégio.

Os colégios particulares, no Rio de Janeiro, desenvolviam suas atividades pedagógicas isoladamente, pouco trocando experiências entre si. Dario liderou um trabalho revolucionário entre os colégios da Zona Sul, fomentando o intercâmbio esportivo e cultural, o que aproximou muito as instituições, numa troca criativa e somatória, tempo memorável, até hoje lembrado por quantos viveram aquele compartilhamento fecundo. E Dario pensou mais. Lutou para que o Colégio São Vicente se tornasse um colégio misto, abrindo um precedente entre os colégios confessionais que aderiram, pouco a pouco, à prática da co-educação.

Ninguém poupa elogios à lembrança de Dario Nunes no São Vicente de Paulo. Esse carinho nasce espontâneo em cada segmento da comunidade do colégio, dele falando empregados, professores e ex-alunos com respeito e saudade. Sabia lidar com dada um. Antecipava-se como porta-voz de suas reivindicações e projetos, além de se lhes oferecer como escuta para discutir problemas educacionais e, não raro, pessoais, sempre disponível, por mais atarefado que fosse seu dia. Igual atenção dedicava a funcionários e empregados, habitualmente cortês e bem-humorado, valorizando as aptidões de cada um, independentemente de sua arte ou ofício. Parecia ter o "dom da ubiquidade" e sabia encontrar solução satisfatória para as questões todas, algumas complexas, que batiam, diariamente, em seu gabinete.

Na comunidade dos padres, Dario era o companheiro confiável, o conselheiro sólido e o amigo fraterno de todas as horas. Foi, certamente, um privilégio conviver com ele.

Testemunho de sua conduta coerente, há que se evocar o ano de 1968. O Brasil, sob regime militar, era sacudido pela crise política dos movimentos populares, comandados pelos estudantes universitários e secundaristas. Seu espírito jovem entendeu a essência das aspirações "dos moços", como dizia, e se pôs ao lado deles, sonhando com um país dinâmico, emergindo das sombras do subdesenvolvimento, retomando a ordem democrática, graças à conscientização do povo.

Sem deixar suas atividades no colégio, foi lecionar na favela do Catumbi, alfabetizando adultos, não lhe faltando tempo para defender os estudantes na rua contra as tropas de choque, a

cavalaria, disposta ao massacre. Quem consultar os jornais da época vai se deparar com a foto de Dario Nunes, as mãos para o alto, gritando: "deixem os moços passar!", ele mesmo quase pisoteado pelas patas dos indóceis cavalos, à frente da Candelária, após a Missa por um estudante morto.

Nascido em Minas, trouxe de lá sua vida interior, sem os vícios da esquizofrenia que costuma conviver com o mineiro. "Dario não reflete, rumina", brincava-se a seu respeito. E isso o fazia adorável na conversa. Ouvia mais do que falava, sorria quando convinha e revelava um bom senso extraordinário ao emitir uma opinião ou apresentar propostas.

Diz-se que todo mineiro é um inconformado crônico e incurável conspirador. Não se conforma por Minas não possuir praia e conspira para tomar da Bahia ou do Espírito Santo um pedaço do mar. Não passava por aí a indignação de Dario. Por isso, teve, sob sua liderança, boa parte do clero, com o qual trabalhava as conquistas sociais do Concílio Vaticano Segundo, pensando uma ordem social mais justa, como imperativo e marca do cristão. Essa mesma santa ira o fez ter ao lado um grupo de intelectuais, que, quase diariamente, comparecia ao Colégio São Vicente, nos conturbados anos do final da década de 60. Vale a pena lembrar alguns nomes de ilustres brasileiros que passavam horas com Dario Nunes, refletindo sobre problemas do país, como Mário Pedrosa, Otto Maria Carpeaux, Hélio Pellegrino, Jânio de Freitas, Washington Novaes, Antônio Callado, Márcio Moreira Alves, Dom Cândido Pudim, Dom Waldir Calheiros, Dom José Maria Pires, Dom João Batista Motta, entre outros que saltam à memória.

Coração magnânimo, têmpera de aço, generoso e desprendido, são alguns dos muitos qualificativos que poderiam ser reservados a Dario Nunes. Alegre, calmo, denso como seu bom senso, era leal de tempo integral. Escolheria para defini-lo sua qualidade maior, homem-para-o-outro, que fez dele o amigo sem jaça, a gema de boa cata, o vinho de bom travo.

Rio de Janeiro,  
19 de setembro de 1989  
João Batista Ferreira

Hoje, Dario Nunes é Reitor da Universidade de Goiás.

## TEDESCO EM DEZ TEMPOS



1. É descendente de italianos, mas tem um nome germânico: Tedesco. Não satisfeito com esta contra-mão, entrou em outras, pela vida a fora. Irredento gaúcho (herança do irredentismo italiano de 1870?) mas apaixonado professor de francês, vez por outra, canta a Marselhesa nos Pampas: entre um churrasco e um vinho, planta Leon Bloy em Garibaldi e ainda fala com o penacho do Rio Grande, da fronteira, tché! Foi Irmão Marista, voltou ao estado leigo e hoje, casado, é diretor do Colégio Marista do Recife (aliás, acho que é o único caso de diretor leigo em educandário marista). Por falar em casamento: casou com moça de família rica e é pobre. E mais: é o único pacifista que conheço que teve uma metralhadora escondido em sua sala de trabalho: isto para proteger a mãe de uma aluna, guerrilheira nos idos de 70, procurada pela repressão.

Portinari tem um Quixote — magro, alto, olhos grandes, bigodes espetando o mundo. Acho que foi inspirado nele. Por dentro e por fora.

2. Por mais de dez anos, quase quinze, dividimos a mesma sala de coordenação do Colégio São Vicente de Paulo. Ele, coordenador da 5ª à 8ª séries (antigo ginásio) e professor de francês; eu, coordenador do profissionalizante no antigo colegial (hoje, segundo grau) e professor de história. Juntos, conhecíamos mais da metade do Colégio e juntos pensávamos no Colégio como um todo. Sob a batuta do Padre Almeida tocávamos a nossa

sinfonia da utopia em educação. Depois, ele foi embora. Virou nordestino. Leon Bloy continua a beber chimarrão, mas, agora, palita os dentes com xique-xique. Conheço o cabra-da- peste. Por dentro e por fora.

3. Nascia a Teologia da Libertação. O discurso dos movimentos de educação popular dos anos 60, de Paulo Freire e outros, ganhava, de novo, espaço na Igreja. A resistência à ditadura se fazia. Dario abrigava nas salas do Colégio reuniões da UNE clandestina. Às vezes figuras, cujos nomes ninguém perguntava, dormiam no Colégio e de manhã desapareciam. Era uma nova categoria que estava surgindo, à sombra da tradicional hospitalidade generosa da Igreja: os educadores e educandos da Liberdade. Tedesco, Almeida, Dario, Marçal, Jorge (os dois, o leigo e o padre), Márcio, João Batista, Paiva, Leodir e outros, depois Lopes, estudavam Medelin e as encíclicas de João XXIII e Paulo VI.

4. Tedesco ajudava a trazer o mundo para dentro do Colégio. Medelin inspirou a redação do documento "Princípios Educacionais de São Vicente". Muitas reflexões. Muitas discussões. Muitas reuniões. "La nave va" rumo à utopia. Os padres na Passeata dos Cem Mil. João Batista na comissão para falar com Costa e Silva. O Colégio resistia.

5. O movimento estudantil desagregava-se. Ibiuna, como no verso de Drummond, já era uma fotografia na parede e como doía... Durante toda a ditadura, a cada ano, havia uma eleição para os grêmios estudantis: o do primário, o do ginásial, o do colegial. Tedesco incentivando os grêmios. Ouvindo os estudantes. Discutindo. Respeitando cada um.

6. "É preciso ter coerência. O jornal dos estudantes não deve ser censurado". Na tensa reunião das coordenações a voz de Tedesco era pelo bom senso, pelo diálogo.

7. Às quartas-feiras, pela manhã, reunião de todas as coordenações, em todos os níveis. Almeida havia criado este fórum para preservar a unidade do Colégio. A calma de Tedesco arredondava as questões. Jamais uma ofensa, uma ironia, a armação de uma cilada. A ética sempre foi a tônica de seu

comportamento.

8. Humilde, ao discordar. Quando muito, uma nuvem de tristeza passava-lhe pelos olhos. Passava, não ficava. Sempre teve a alegria dos bons e dos justos. Jamais cultivou o ressentimento. Nem mesmo quando foi ludibriado por um colega de trabalho e perdeu o pequeno apartamento, único bem material que acumulara, então.

9. Em Tedesco a religiosidade é profunda e tranqüila. Seu humanismo cristão é aberto à Rosa-dos-Ventos. Ouve e respeita qualquer um que pense diferente, ateus, comunistas, etc. Também o amor, nele, flui como um rio perene. A mulher Hildinha e os filhos sabem.

10. Finalmente, a lembrança da ajuda que Conceição e eu recebemos de Tedesco. Com cinco filhos no Colégio, não foi fácil desempenhar os meus papéis de pai, professor e coordenador. Mais complicado do que administrar esta tríplice função só o entender do Mistério da Santíssima Trindade (este, nem Santo Agostinho!) E foi aí neste cotidiano, superando conflitos, contradições e angústias que sempre contei com a ajuda solidária dele:

— Tedesco, Clara Raissa, com 13 anos, chegou em casa com um documento da Quarta Internacional escondido na calcinha!

— Tedesco, José foi a uma reunião clandestina dos secundaristas, em São Paulo!

— Tedesco, vão reprovar Moacyrzinho por faltas!

— Tedesco, Maria Idália quer ir acampar em Ouro Preto com o namorado!

— Tedesco, a professora colocou Leon de castigo, de pé, em baixo do relógio do pátio, durante todo o recreio!

As pequenas aflições de cada dia eram partilhadas, como eram partilhados os grandes riscos de defender a Liberdade na Escola, nos sombrios tempos da ditadura.

Nesta edição comemorativa da CHAMA aí está um perfil de um grande educador, de um dos construtores do São Vicente.

É bom lembrar que este Colégio tem história.

Moacyr de Góes

# COM AMOR E SAUDADE



*O sonho realizado . . .*

Escrever sobre o São Vicente . . . Como é difícil! Escrever sobre o São Vicente é tarefa tão ampla que colocá-la num pequeno trecho requer escolher a dedo entre os melhores momentos e os melhores motivos, lembrar os maiores amigos, reviver os dez anos passados no convívio do que foi meu verdadeiro segundo lar, cheio de segundos — irmãos e pais. Agora, há quase oito anos de distanciamento, escrever sobre o São Vicente é mais complicado ainda pois ambos mudamos e muito do que vivi tornou-se somente recordações, mesmo.

Entretanto, o São Vicente que eu freqüentei foi uma grande lição de vida. No duro! Aprendi a me esforçar, a retribuir quando exigida; despertei meu potencial como ser humano, como cidadã e como pessoa. Tornei-me versátil pelas múltiplas capacidades que vi florescerem em mim; me conscientizei sobre meu país, meu mundo, mim mesma; descobri que na realidade é o *nosso* país, o *nosso* mundo, e *nós*. Aprendi o senso do coletivo, o coletivismo, a responsabilidade comum e a liberdade de opção.

Estudei no São Vicente desde a 3ª série primária até a 3ª série do 2º grau. Saí com saudades, grandes saudades, mas com a certeza de estar preparada para os novos e imensos desafios que a vida me traria. Era lá que sonhava em ser como "Brita", dos livrinhos da Biblioteca que incansavelmente lia em

todos recreios, e ter meu pônei para ir à escola, e cuidar e escovar cavalos. Deste sonho, aparentemente irrealizável, veio sua concretização na Universidade Rural, onde fui em meu cavalo para assistir às aulas e onde pude cuidar e escovar inúmeros outros cavalos. Na Rural, passei noites em cocheiras, em vigília, tomando conta de meus pacientes, lembrando o quanto um sonho de infância pode ser o ponto de partida para uma realização de adulto. Foi lá que me transformei de criança em adolescente e descobri os encantos e segredos da juventude. Foi lá que fiz ballet, joguei vôlei, bati papo até tarde, matei aula, li quadrinhos no banheiro, quebrei o braço, quebrei o dedo, ri muito, chorei bastante, coloquei amigos debaixo de sete chaves, no fundo do peito, dentro do coração, de onde não saem mais. É lá que estão Rosana, Verena, Graziella, Rodrigo, Alessandra, Marcus Vinícius, Carlos Braga, Neco, Ana Maria e tantos outros. Lá se encontram Padre Almeida, Padre Nogueira, Wander, Zezé, Professores Fernando (Geografia), Vasconcellos (Biologia), Aquino e Luíza (História), Teresinha e Tedesco (Francês), Everardo (OSPB), Ricardo (Educação Física), Sérgio Drago (Matemática) e "∞ + 1" amigos de caminhada, como os inspetores Trovão, Xerife e Germana, e a Magnólia (que nos punha pra correr do banheiro!). São amigos que vi chegar, convivi, alguns vi partir; alguns, se en-

cantar (a gente não morre!); alguns, casar e ter filhos. Mas todos, inequivocamente todos têm cadeira cativa eterna no meu coração. Por tudo que foram e fizeram, por todos os exemplos, bons e maus, pelo quanto foram nossa família, nossos ombros amigos, nossa repreensão, nossa compreensão . . . E falo aqui pelos colegas não presentes, que infelizmente o turbilhão da vida levou para longe, mas que estão aqui bem pertinho, escrevendo agora comigo e lendo com vocês.

Peço a Deus que os nossos colegas da "nova geração" do "novo São Vicente" sejam muito amigos uns dos outros e de si mesmos. Que possam crescer e se educar neste ambiente de elevado (e raro!) intelecto, afeto e interesse pelo estudante. Queira o Senhor que aprendam a ser cidadãos do Brasil e do mundo para que, a serviço da Humanidade, construam um mundo mais Justo, Igual e Fraternal, onde as barreiras dos preconceitos e rancores se tornem pó. E que possam, esses novos colegas, esses grandes amigos, falar disso tudo que viveram, um dia, com saudades, para seus filhos, novos amigos e novos colegas.

Com amor e saudade,

*Maria Cristina Fortes  
Santos de Bustamante  
25 anos, Médica Veterinária  
(UFRuRJ) 20/9/89*

# LOUVOR À FIDELI

Na noite de 21.09.89 o São Vicente comemorou, festivamente, os 25 anos de sacerdócio dos padres Lauro e Venuto, tendo o Diretor do Colégio preparado, cuidadosamente, a celebração. Como Diretor, cabia-lhe festejar os irmãos; mas, cabia à comunidade comemorar um fato que passou quase despercebido: os 40 anos de sacerdócio do Padre Almeida, no dia 08.09.89. Com exceção de alguns amigos que se lembraram da data, nada de extraordinário aconteceu! Durante a missa do dia 21, um representante das Equipes de Nossa Senhora pronunciou uma oração de agradecimento.

Já não tenho mais filhos no São Vicente, já não faço mais parte da APM, já não sou mais diretora da CHAMA, mas não poderia ficar calada diante de tão relevante acontecimento. Há 25 anos atrás tivemos no São Vicente uma enorme festa: alunos, professores, funcionários, pais de alunos, APM, membros da AEC do Brasil, Equipes de Nossa Senhora, enfim toda uma multidão de pessoas privilegiadas que conviviam com o Padre Almeida durante os anos de direção do Colégio estavam ali reunidas para lhe prestar uma justa homenagem e lhe agradecer a discreta e constante atuação em todos os momentos necessários.

Foi uma noite inesquecível pela espontaneidade da alegria e pelo calor humano que unia os corações. De lá para cá passaram-se 15 anos! Hoje, ele comemora 40 anos de sacerdócio. Apesar da saúde excelente, os cabelos estão mais brancos e, sem dúvida, mais umas rugas devem lhe adornar o rosto. Novas experiências vieram enriquecê-lo; entre elas 6 anos em Roma conhecendo e visitando as comunidades vicentinas espelhadas pelo mundo. Mas, "O bom filho à casa torna", e, para alegria de todos Padre Almeida reassumiu o seu lugar à frente do Colégio. Mais vivido, mais viajado, mais experiente, humilde e discretamente retornou ao posto. (Nossos votos para que nele permaneça por muitos anos).



... e lá se vão 15 anos!

Mas, o que quero exaltar hoje, aqui, não é apenas a sua função no Colégio. O que me levou a escrever são os seus 40 anos de sacerdócio. Gente, 40 anos não são 40 dias. Quarenta anos constituem uma vida! Hoje nos admiramos se vemos um casal completar 15, 20 ou 25 anos de casados. Por que? Porque isto apresenta uma exigência de FIDELIDADE e AMOR. Essa exigência não se restringe à vida matrimonial. Ela faz parte também da vida sacerdotal. Fidelidade à promessa, fidelidade à palavra dada, fidelidade ao empenho de dedicar sua vida ao OUTRO, aos OUTROS. Não é uma tarefa fácil!

Sem dúvida, ao longo destes quarenta anos houve horas de incertezas, de indecisões, de desânimo, de descrença, de solidão intercaladas com momentos de alegria, entusiasmo e fervor. E é aí que reside o mérito. Saber resistir aos momentos de fraqueza, ten-

do certeza de que são temporários e transitórios, e impostos pelas contingências humanas para nos permitir valorizar mais os instantes alegres e prazerosos. Para atingir o cume da montanha é necessário muito esforço, muita paciência, muita persistência e também algumas quedas e arranhões... Assim é nossa vida. Toda vitória traz em si uma infinidade de lutas, de sacrifícios que justificam a alegria da conquista.

É a FIDELIDADE à sua vocação de sacerdote que desejo exaltar no Padre Almeida. Que esta fidelidade permaneça sempre, permitindo que ele continue dando, generosamente, mostras de sua doação a todo aquele que com ele conviver, especialmente à comunidade do Colégio São Vicente de Paulo.

Parabéns Padre Almeida!

Maria Célia Bustamante

## DADE

ALERTA  
ECOLOGIA  
JOVEM

Sr. Administrador  
do Bairro do Cosme Velho

Quero agradecer ao Senhor por ter botado novos sinais em algumas ruas.

Também devo dizer que o Senhor deve botar guardas nos sinais. Ali perto do Túnel Rebouças estão queimadas muitas matas. O senhor deve botar, nas matas ainda vivas, placas ou arame farpado.

Espero que minha carta seja lida com atenção!

Henrique — Colégio São  
Vicente de Paulo - T. 34

— o —

Jovem aluno da 3ª série encaminha à Administração Regional suas preocupações com Ecologia.

Rio, 31 de agosto de 1989

Ao Jovem

Henrique Buarque de Gusmão  
Rua Mal. Pires Ferreira, 42/201  
Cosme Velho

Em resposta à sua carta recebida nesta Região Administrativa, informamos ao prezado jovem que encaminhamos sua solicitação à Diretoria de Parques e Jardins.

Queremos, nesta oportunidade, parabenizá-lo por sua atitude em defesa do meio ambiente e esperamos que esta seja também a preocupação das autoridades encarregadas da preservação de nossa ecologia, para que tenhamos um futuro mais promissor.

Com todo nosso apreço, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

Paulo Roberto Correa  
Assessor da IV R.A.  
Prefeitura da Cidade do RJ

S  
O  
S



As "Voluntárias da Caridade do Colégio São Vicente de Paulo" estão precisando de auxílio!

O nosso grupo está pequeno. E é cada vez maior o número de pobres, necessitados, doentes, velhos, abandonados, esclerosados que batem à nossa porta. A maioria sem condições de trabalhar mesmo que houvesse um emprego para eles.

Temos cerca de 35 famílias credenciadas que uma vez por mês (2ª quinta-feira) são recebidas em nossa sala, no fundo do pátio de esportes do Colégio.

Os nossos assistidos vêm sempre acompanhados de filhos ou netos ou amigos, ou vizinhos. Tomam lanche, conversam, rezam, cantam e quando saem levam uma sacola de mantimentos básicos e um pouco de carinho e amizade. Com esse grupo festejamos a Páscoa, dia das mães, a chegada do inverno (com distribuição de coberto-

res), dia de São Vicente e Natal.

Distribuímos também enxovais para bebês, às gestantes inscritas, que pagam uma taxa mínima. Damos preferência às moradoras do bairro e exigimos sempre o exame pré-natal.

Temos ainda um "Bazar" de roupas usadas e o "S.O.S." que ajuda com mantimentos, remédios e agasalhos os que vêm nos procurar nas horas de maior dificuldade.

Há muitas e muitas maneiras de nos ajudar. Procure-nos, estamos precisando de auxílio!

Todas as 3ªs e 5ªs feiras estamos no Colégio, na sala das Voluntárias das 14:30 horas às 17:00 horas. Por telefone ligue para Dinah — 265-8349 — Administração do Colégio.

Uma visitinha sua será para nós um estímulo e o motivo de grande alegria!

Rosetta Pougy de Castro Santos  
Setembro/1989

## ENTREVISTA FEITA PELA PROFESSORA MÁRCIA VIEIRA (TURMA 12) AO COORDENADOR COMUNITÁRIO JOÃO CARLOS R. GOMES

1) Como você se sente sendo convidado para escrever um artigo sobre o Migdon, na Revista CHAMA que comemora os 30 anos do Colégio São Vicente de Paulo?

R.: Relutei muito antes de escrever este artigo, pois sei que toda pessoa polêmica, como o Migdon, tem seus defensores e árdios atacantes. Não me reporto a nenhum deles, pois a função deste texto, nessa revista, é resgatar a história e, até mesmo, prestar uma justa homenagem a quem contribuiu em muito para que o Colégio São Vicente de Paulo chegasse hoje a ser o que é.

2) Como foram seus primeiros anos no Colégio São Vicente de Paulo e o seu encontro com o Migdon?

R.: Iniciando não posso deixar de me remeter a 1968, ano em que entrei no Colégio e que, garoto ainda, já tinha minha paixão por eletrônica e mecanismos engenhosos. Não podia fazer vôos muito altos, pois mexer com essas coisas em 68 era para "gente rica".

Em 1969, já mais interado do que era o São Vicente e ingressando no Ginásio (atual 5ª série) fiquei sabendo que na 4ª série ginásial existia um CURSO DE ELETRÔNICA dado por um "padre da casa". É claro que daí para frente o Colégio tomou um outro rumo para mim.

Nestes três "longos" anos de espera participei do Colégio mais como "estudante muito competente" do que como integrante do Colégio como um todo. Sabia da existência de um "CLUBE DE AEROMODELISMO" mais voltado para os alunos maiores (do 2º Grau), de viagens para a Europa nas férias de janeiro, de seções de cinema de 35 mm no auditório e da confecção, por alunos, de um placar para jogos que deveria ser instalado no pátio do Colégio; e em todas essas atividades um nome estava presente: PADRE MIGDON.

Finalmente em 1972 entrei no último ano do ginásio e, nessa altura já conhecia bem o Padre Migdon. Nesse

ano ele foi meu professor de Português (Gramática e Literatura) e de Eletrônica no Curso que acontecia todas as 3ªs e 5ªs feiras, após as aulas, no Laboratório de Eletrônica do Colégio que ficava no 5º andar. Sobre esse Laboratório tenho muito o que falar.

3) Então fale sobre esse trabalho.

R.: Para a época era algo de surpreendente, não só por gostar desta atividade mas pela sua estrutura: 15 bancadas com luminárias próprias, ferramentas individuais e equipamentos de medição e testes de componentes. A concepção do Laboratório era do Migdon que contou com a ajuda do Darcy, eletricista do Colégio até hoje.

Pela minha atuação no Curso, Migdon logo me convocou como monitor responsável pelo Laboratório naquele ano, função que prontamente aceitei e em que contei com a ajuda de um amigo inseparável: Edgar Hofmann, meu colega de turma e também fascinado por eletrônica. Logo na 1ª Semana de "trabalho" organizamos totalmente o Laboratório espalhando por todo ele plaquetas com frase de alerta bem ao estilo do Padre Migdon. Uma das que

sempre me lembro é aquela que dizia "TRATE ESSE LABORATÓRIO COMO SE FOSSE A SUA MÃE. JÁ IMAGINOU ELA COM AS PEÇAS FORA DO LUGAR?". (Edgar hoje é Engenheiro Eletrônico, casado com dois filhos).

4) Faça para nós uma retrospectiva de sua convivência com o mestre e amigo, destacando o que mais marcou sua vida ao longo desta convivência.

R.: Migdon era um bom professor de Português, mas o que mais o aproximava dos alunos era sua forma de agir, nada convencional para a época: nos campeonatos de futebol dos alunos dava meio ponto na média para o que fizesse mais gols, estava sempre conosco nas atividades e festas fora do Colégio e tinha histórias que nos fascinavam. Uma das que mais me lembro era a do "famoso TÚNEL embaixo da Rua Cosme Velho". Ele dizia que o Colégio era cheio de labirintos, túneis etc.

Outra história que ele sempre nos contava era de como os Padres do Colégio iniciaram e tiveram vitória no movimento de deixar de usar batina





diariamente. Um escândalo para a época! Nesta estória uma pessoa aparecia como um grande herói: o Padre Guerra, secretário do Colégio até 1987 e um grande amigo que tive nessa casa.

Durante 1972 fiz o CURSO DE ELETRÔNICA, montei meu primeiro rádio e reformamos o Placar Eletrônico do Campo de Futebol (um aparelho sofisticadíssimo para a época). Certamente meu desempenho em Eletrônica foi bem mais brilhante do que em Português.

No ano seguinte, já no 2º grau, surgiu uma mudança estrutural no Colégio: o início do PROFISSIONALIZANTE obrigatório, por Lei, no 2º Grau. Tínhamos então cinco cursos oferecidos: Publicidade, Arquitetura, Análises Clínicas, Processamento de Dados e Eletrônica. Por motivos óbvios, o Curso que teve menos problemas de se estruturar foi o de Eletrônica. Com a verba recebida do MEC, o Laboratório foi reformado e melhor equipado. Vale a pena lembrar que a maioria dos outros colégios do Rio ou desrespeitavam esta Lei ou ofereciam "Cursos de Datilografia" para seus alunos de 2º grau!

Durante todo o 2º grau fiquei como responsável direto pelo Laboratório de Eletrônica do Colégio e tentamos até implantar um Curso de Eletrônica Básica para o Supletivo. Foi nessa época que conheci o Professor Moacir de Góes que era então o Coordenador do Profissionalizante e que lutando contra tudo e contra todos nos deu uma grande lição de o que é ser EDUCADOR e como podemos superar tudo com um trabalho sério e dedicado.

Os projetos implementados pelo Laboratório de Eletrônica junto com o Grêmio aumentavam a cada ano! Reinstalamos o sistema de som e luz do auditório (que funciona até hoje), projetamos, montamos e instalamos o placar digital da Quadra de Esportes, reformamos o som do sub-solo e do recreio, fizemos o primeiro protótipo de Secretária Eletrônica (em 1974 ninguém sabia o que era isso), enfim... foi uma época de sonhos realizáveis e por trás de todos eles alguém não deixava que eles se acabassem: MIGDON.

Em 1976 fui para a PUC fazer o Curso de Engenharia Eletrônica e du-

rante todo ele fiquei dando aula de Laboratório de Eletrônica no Profissionalizante do Colégio.

Migdon deixou de ser Padre, casou e foi morar em Minas Gerais. Alguns anos depois Migdon voltou ao Colégio, atuando como Coordenador do Profissionalizante (durante o último ano de existência deste) e como Coordenador Comunitário, cargo que ocupou até 1987 quando regressou a Minas Gerais.

5) Hoje, passados 21 anos de seu encontro com o educador que foi tão importante para sua formação no Colégio São Vicente de Paulo, o que você teria a dizer?

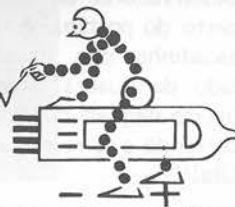
R.: Para finalizar este texto-homenagem gostaria que sempre nos lembrássemos que só nos sentiremos felizes se conseguirmos ajudar as pessoas a crescer, a se realizar e a respeitar os outros enquanto indivíduos com suas falhas e virtudes.

*Obrigado Migdon, você me fez crescer, respeitar e ser respeitado neste Colégio que hoje é mais do que a minha casa, é minha opção de vida.*

# Instituto de Pesquisas Eletrônicas S. Vicente



Eletrônica para Principiantes



O presente Diploma certifica que o aluno

\_\_\_\_\_ série \_\_\_\_\_ curso \_\_\_\_\_

concluiu com aproveitamento o curso de "Eletrônica para Principiantes", realizado no Colégio S. Vicente de Paulo

Rio de Janeiro \_\_\_\_\_

PADRE MIGDON P.C. GONÇALVES  
ORIENTADOR DO CURSO E PROFESSOR  
DE ELETRÔNICA



Para melhorar a movimentação na portaria interna, há muito tempo se pensa numa passarela? Sonhando...: uma passarela que nascesse no pátio de recreio, passasse pela frente do prédio, na altura do primeiro andar, no "janelão" junto às salas de aula e elevadores (Olá, urubusservadores da rua!) e acabasse perto do portãozinho (trancado! — escadinha dos namorados —) ao lado da quadra! Acabaria com o barato daquela confusão de menino correndo e carro entrando e saindo! Ufa!!!

Muitos dos serviços da Administração e da Secretaria estão sendo feitos por computador?

Os serviços da Mecanografia receberam nota dez, pela eficiência, capricho e dedicação (Ai, MARLY, GRAÇA, LÍGIA e ANTÔNIO!) e pelo moderno maquinário (Viu só, Tio DOMINGOS!)?

Os Grêmios dos Alunos têm agitado o pedaço, com promoções e participação nas Comunidades interna e externa?

As Equipes (sem falar das outras, hein?) de Ensino Religioso e ICH (Introdução às Ciências Humanas) se têm reunido, faça sol ou chuva, semanalmente?

## VOCÊ SABIA QUE...

O candidato do PCB foi o vencedor na prévia que o Grego / Gregi realizou entre os Alunos? E o vencedor na prévia entre os Professores foi o candidato do PDT?

São duas Mulheres, uma no turno da manhã, outra no turno da tarde, que coordenam, com eficiência, o Serviço de Orientação Disciplinar (SOD — Alô, Suely e Sara!)?

O SOE (Serviço de orientação Educacional) promoveu, no primeiro semestre, com o 2º Grau, mesa redonda de Profissionais das várias áreas, entre os quais ex-Alunos e Pais de Alunos, com o objetivo de informação a respeito do campo e mercado de trabalho e da postura do profissional, diante da realidade, e que os Alunos gostaram paca e participaram horrores? E que, nesta mesma linha, o SOE elaborou uma apostila sobre os vários cursos e as melhores faculdades?

Segundo nosso serviço de informação, SICHAMA, os Alunos estão contentes com o atendimento de várias estrelas de nossa Cantina (Como é que é, Xavier e seus the blue collar workers?)

Nosso índice de aprovação no vestibular é superior a 94,5%?

No ano passado, quando das inscrições para 1989, quatro horas da madrugada, a fila de pretendentes já se alongava pela entrada, e foram mais de seiscentos pedidos?

No São Vicente tá assim de Filho de ex-Aluno?

Colégio tem muitos ex-Alunos com muito boa atuação, hoje, nos vários setores da sociedade, e que você, Aluno de hoje, é que estará, amanhã, como eles, trabalhando na construção de uma nova sociedade?

Em julho último, nosso Grupo de Teatro Calabouço realizou uma apresentação internacional, "Celebração Negra", inspirada no tema da Campanha da Fraternidade de 1988, que chamava a atenção dos Cristãos para o problema do Negro?

Visitaram o São Vicente, cuja obra educacional muito admiraram, além do Superior Geral da mantenedora do Colégio (PBCM), Superiores Provinciais da mesma Congregação no mundo inteiro: Brasil (Curitiba e Fortaleza), Equador, Guatemala, Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, México, Peru, Porto Rico, Venezuela, Costa Rica, Panamá, Canadá, Estados Unidos, Índia, Indonésia, Líbano, Filipinas, Taiwan, Espanha, França, Irlanda, Holanda, Áustria, Bélgica, Itália, Alemanha, Hungria, Iugoslávia, Portugal, Austrália, Polônia, Camerum, Madagascar, Etiópia, Moçambique e Zaire?

O São Vicente oferece aos Alunos cursos especiais para a Primeira Eucaristia e a Crisma, proporcionando às Famílias oportunidade de uma reflexão mais profunda e responsável no que se refere à vivência dos valores religiosos?

Há missa diária, no final de cada turno (11:45 e 17:00h), na capela do Colégio (Subsolo), onde podem também realizar-se batizados, casamentos, missas de 15 anos e pelos Mortos?

Organizamos uma Semana de Comunicação, por oportunidade do tema da Campanha da Fraternidade deste ano: Comunicação para a Verdade e a Paz?

Semanalmente, realizamos o Conselho pedagógico (membros da Diretoria e Coordenadores dos vários setores e níveis), reunião do SOE, SOP e SOD (Serviços de Orientação Educacional, Pedagógica e Disciplinar) e reuniões de Coordenações Verticais (Comunicação e Expressão, Matemática, Estudos Sociais, Ciências e Artes), que acompanham o desenvolvimento e a dinâmica dos conteúdos programáticos, atividades estas que constituem a espinha dorsal de nosso fazer educativo?

O Curso de Teatro do 1º Grau 1, coordenado pelo Professor Lauro, está fazendo o maior su?

Nossa Escolinha de Futebol e Voleibol para o 1º Grau 1 é promessa de muitos craques?

O Gregi, logo que tomou posse, realizou uma super gincana, cujos campees estão sendo premiados com excursões (por Turmas)?

Professores universitários procuram o Colégio São Vicente para seus Filhos, por conhecerem o desempenho de nossos Alunos no 3º Grau, onde se posicionam de maneira

crítica e com liderança?

Os Funcionários da Zeladoria estão continuamente laboriosos para que estejamos sempre em casa muito limpa? E que seu trabalho diário se inicia, quando as estrelas ainda estão brilhando?

A Paula (Secretaria) e a Dequinha (Audiovisual – Cá prá nós, você sabia que ela se chama ARACIEMA?), Funcionárias ali ó, da primeira hora, estão querendo aposentar-se?

Teresina da Tesouraria já foi cantora (muito badalada!) na noite?

O Padre Horta, a quem devemos nosso Colégio, já com mais de 80 anos, trabalha numa Paróquia em Brasília e está querendo vir morar na Casa Central (atrás do Colégio)?

O Padre Almeida, de seus quarenta anos de Padre, comemorados no último dia 8, passou mais da metade no Colégio São Vicente?

## O GRÊMIO HOJE



Vitória da chapa "Eu acho é pouco" – 1989

O Grêmio está longe de ser "antro de vadiagem e rebeldia", como é visto por muitos.

O Grêmio é, antes de tudo, um órgão plenamente voltado para os interesses dos alunos. É um elemento extremamente participativo nas questões políticas atuais, como o voto aos 16 anos, que vimos como um grande espaço aberto e conquistado. Não poderíamos deixar passar isso em branco e cientes desta importância, participamos de campanhas como: "Quem vota faz a hora" (Campanha promovida por vários Grêmios, através da AMES, instituição indispensável para o encaminhamento dos ideais estudantis e que procura fazer do voto do governo um

voto consciente e interessado).

Desde o início do ano procuramos manter um bom relacionamento com a Direção, Coordenação, APM e Funcionários, para que a comunidade também participe, pois ela é o meio em que o aluno vive. Isto na prática se reflete no Grêmio presente em reuniões da APM, um espaço de discussão, que facilita o desenrolar dos trabalhos. Este espaço foi conquistado através da responsabilidade, sob a qual o Grêmio trabalha e luta para ser reconhecido.

São feitas reuniões periódicas com representantes de turma para conhecermos as opiniões deles sobre os eventos, os fatos ocorridos e as preocupações gerais. Nós queremos mais do que

um Grêmio festivo. Queremos um Grêmio que discuta politicamente, que abranja todas as idéias de interesse dos jovens. Por isso a importância deste reunião, além daquela do Departamento de Divulgação, onde colocamos o resultado das diversas reuniões da semana, que possibilitam uma representação real dos alunos. Sempre mantendo uma permanente luta pela união e pela participação do aluno São Vicentino, dentro e fora do Colégio, esperamos na prática nos tornar agentes de transformação para uma nova sociedade.

# GRATA SURPRESA

*Em dezembro de 1976, A CHAMA escrevia: "Depois do asfaltamento dos últimos 20 quilômetros da estrada, ocorrido em agosto deste ano, o Caraça tornou-se centro de intensa movimentação turística, recebendo, em média a visita de mil pessoas em cada fim de semana.*

*Observa-se, entretanto, que obras urgentes devem ser feitas para a conservação do prédio, bastante danificado depois do incêndio. Para citar apenas um exemplo: o Museu, que possui objetos de grande valor histórico, está reduzido a um único cômodo. Uma verba destinada à restauração do mesmo não foi recebida até hoje. A CHAMA faz aqui um*

*apelo a algum pai de aluno que tenha relação, direta ou indireta, com o Patrimônio Histórico para que interceda em favor da liberação de auxílio substancial, adequado às necessidades de preservação deste famoso Colégio, onde estudaram tantas personalidades ilustres da vida política e intelectual do Brasil. O momento nos parece oportuno, justamente agora quando se procura incentivar o turismo interno."*

*Treze anos depois, vimos com enorme satisfação, no "O GLOBO" de 29 de setembro a seguinte informação:*

## HOJE VAMOS ENTREGAR O CONJUNTO ARQUITETÔNICO DO CARAÇA NA FESTA DE PREMIAÇÃO DO 3º PRÊMIO NACIONAL DE ECOLOGIA.

*A Companhia Vale do Rio Doce inaugura hoje, restaurado, um monumento à educação no Brasil: o antigo Colégio do Caraça. Construído em 1774, o Caraça foi o mais importante conjunto de ensino secundário do Império. E o maior centro de estudos humanísticos de Minas. Estes 215 anos de História foram recuperados para que as próximas gerações possam aprender com o passado.*

*A restauração da ala direita do prédio*

*atingido por incêndio há 21 anos mantém as características originais do conjunto arquitetônico. Um trabalho que reuniu a CVRD e o Governo do Estado de Minas Gerais através do seu Patrimônio Histórico e Artístico.*

*Mas a Companhia Vale do Rio Doce também se preocupa com o futuro. Ela entrega hoje, no próprio Colégio do Caraça, o 3º Prêmio Nacional de Ecologia. Uma aula prática de como se preserva a História e se incentiva a Ecologia do Brasil.*

Derechos Rio



Companhia  
Vale do Rio Doce

MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA

*Os parabéns d'A CHAMA aos realizadores deste empreendimento. Aproveitamos a oportunidade para comunicar aos*

*interessados que o São Vicente pretende realizar uma excursão ao CARAÇA no início do próximo ano.*

## OS WOOD FAULHABER: UMA MAIORIDADE "VICENTINA"

*"Há em cada homem estranhas possibilidades. O presente seria cheio de todos os futuros se já o passado não projetasse nele uma história. Mas, aí de nós, um único passado propõe um futuro único — projeta-o à nossa frente como um ponto infinito no espaço".*

*André Gide*

Hoje completam-se quase dez anos que desliguei-me do Colégio São Vicente de Paulo e mais de um ano que me transferi para Brasília. Escrevo, assim, duplamente distante: espacial e temporalmente. Escrevo provocando-me lembranças de um passado e ataçando-me saudades de um tempo que convivi cotidianamente e no qual minha formação se fez de forma crucial. Crucial por ter sido nesta época que se fundamentou toda uma estrutura em meu ser, projetando-me para um futuro que hoje se faz presente.

Participar desta confraternização gratifica-me muito e ser lembrado para escrever este pequeno artigo de reminiscências, sem dúvida, dá-me alegria. Alegria não apenas minha mas de toda minha família por ter em vinte e dois anos compartilhado deste comunidade. Vinte e dois anos, nos quais, os quatro irmãos de uma mesma família jamais conheceram outro colégio a não ser este! Não o trocamos por passividade apenas, todavia, por ter o Colégio São Vicente de Paulo representado uma continuação natural de nosso lar e, simultaneamente, uma abertura para um mundo externo a ele, uma dicotomia interessante de ser vivida.

Quantas pessoas em nossas vidas passaram neste período? Quantos amigos queridos de então foram deixados para trás pelo próprio curso da vida? Quantas experiências novas tivemos a cada ano e a cada dia que freqüentamos esta casa? Quantos futuros distintos tiveram como ponto comum este mesmo passado marcante de viver como membro desta família vicentina?

Nós, os Wood Faulhaber, vivemos intensamente o prazer de partilhar este mundo e hoje tê-lo em nosso coração como patrimônio por ter-nos proporcionado todo um saber e ter-nos ensinado mais do que as primeiras letras do alfabeto e o ensino introdutório para as carreiras que seguimos a posteriori, mas, principalmente, por ter-nos gerado um aprendizado muito mais im-

portante, o do questionamento.

Questionar é um ensinamento fundamental; observar que a vida constitui-se de dúvidas e que estas fazem crescer a humanidade. Duvidar de certezas indubitáveis é perceber que o simples nunca é tão simples como parece. O exercício de questionar e, conseqüentemente, duvidar não se faz em um só momento e, face a isto, não apercebido nos tempos idos de colégio. Olhar para trás e perceber que o passado nos propôs este futuro pelo próprio ato de por em dúvida valores e noções apreendidas por toda uma estrutura e ter coragem de reanalisá-los e notar que a verdade não é única e, muitas vezes omissa, é algo paradoxal mas verdadeiro. Estranho, hoje, para mim, ver isto como um legado vicentino. Um legado fruto de ensinamentos extra-curriculares em meus mais de dez anos de Colégio São Vicente de Paulo . . .

Não posso afirmar quais tenham sido as marcas que este Colégio deixou em meus irmãos. Mas certamente o ensino lhes proporcionou de forma decisiva o presente deles e o meu. Se meus irmãos já estão com a trilha dirigida dentro de parâmetros regulares, a minha indica-me que muito chão existe pela frente.

Um passo inicial que o Colégio São Vicente de Paulo deu a meus irmãos mais velhos — Jorge Eduardo e Marcelo Henrique — foi o fato de, pela capacidade e mérito de ambos, permitir que lecionassem no 2º Grau por alguns anos e fossem considerados em suas áreas. Já Luiz Arthur e eu não tínhamos este dom de passar nosso conhecimento a outrem.

Hoje, como os queridos amigos de nossos tempos idos que vivemos nesta comunidade, estamos separados uns dos outros. Isto não se deve por não sermos mais amigos, muito pelo contrário. Mas em cada homem há estranhas possibilidades. E estas estranhas possibilidades nos levaram a diferentes partes . . .

Quando Marcelo Henrique se casou, os quatro se separaram do seio familiar, a velha casa da Almirante Salgado ficou um pouco vazia, mas ao menos ficou na mesma cidade onde se formou em Medicina pela antiga UEG e prosperou em sua carreira graças a seu preparo intelectual invejável e grande esforço. Hoje tem dois filhos e dirige o Laboratório Dr. Sérgio Franco, no Humaitá; a seguir, Jorge Eduardo transferiu-se para Campinas onde tivera uma boa proposta de emprego, casou-se em janeiro de 1982 e hoje tem três filhos e, com amigos, formou uma firma que já expande-se naturalmente pela gana e pela sua sagacidade tão peculiar; ainda em 1982, Luiz Arthur se casou em agosto e, no mesmo mês, transferiu-se para Portugal onde até hoje constitui, em país tranqüilo, sua família com duas lindas filhas e lá trabalha em Coimbra; e eu, João Mario, o último dos Wood Faulhaber a sair da casa matriz familiar, resido há um ano e meio em Brasília, onde curso o Mestrado em Economia na Universidade de Brasília, após formar-me pela PUC-RJ, tenho algum caminho ainda a trilhar, por este não parecer, para mim, dirigir-se regularmente como para os demais e, ainda, minhas oportunidades estarem repletas de bifurcações e sugerirem estranhas possibilidades . . .

Todos nós tivemos inúmeros fatores em comum, além de sermos irmãos. Estudamos em um mesmo estabelecimento de ensino, as mesmas possibilidades e tudo mais, entretanto, por sermos seres distintos, os futuros de cada um nos proporcionou diferentes caminhos. Todavia, grande parte deste presente existe graças aos vinte e dois anos que tínhamos como segundo lar o Colégio São Vicente de Paulo. Um convívio que poucas famílias tiveram a ponto de se atingir uma maioria vicentina.

# MEDITANDO SOBRE NOSSA

## PARA QUE ENSINAR?

Há professores que não fazem nunca a seguinte pergunta: o que espero com meu trabalho escolar? Ensinar história, geografia, matemáticas ou outra matéria qualquer, sem perguntar para que a história? Para que a geografia? Para que as matemáticas?

Não perguntam porque já têm a resposta. Consideram que sua tarefa é a de transmitir às novas gerações o acervo cultural, acumulado pela humanidade, no passado. Saber que projeto de sociedade e de pessoa humana subfaz ao que se faz na Escola é questão que não os aflige. Não relacio-

nam os conteúdos, as diferentes práticas e atividades, que constituem o currículo, com um tipo de pessoa a formar e, muito menos, com uma proposta de nova sociedade a realizar. Não levam em conta o que a Escola pode fazer para a inserção, progressiva e crítica do Aluno na existência de uma sociedade de classes, em que entram em jogo interesses antagônicos, geradores de graves injustiças.

Alguns chegam mesmo a afirmar que a escola nada pode fazer: está fatalmente condenada a reproduzir as estruturas sociais existentes.

## PEDAGOGIA LIBERTADORA

O "São Vicente", porém, pertence àquele grupo de colégios convictos de que a Educação não é neutra. Constitui uma prática social sempre politicamente definida. Ou está a serviço do sistema injusto, reforçando a submissão e a dominação, ou a serviço de um processo de libertação, da expressão de um projeto utópico de homem mais justo e fraterno e de uma nova sociedade. Em uma palavra, a Educação não é a mola mestra da transformação, mas a transformação não se fará sem a Educação.

O "São Vicente" tem um Projeto



Depoimento do Coordenador Hugo V. Paiva para o Superior Geral

# FILOSOFIA EDUCACIONAL

Educacional, fruto das determinações da Igreja Latinoamericana em Medellin (Colômbia, 1968) e Puebla (México, 1979). Todos os Pais que matriculam seus filhos tomam conhecimento dele através do Informativo, que recebem, no ato da matrícula. Sob o título "Nossa Filosofia", apresenta uma síntese, em que se destacam os seguintes pontos: queremos uma Educação para a responsabilidade e o serviço comunitário, uma Educação para a justiça e uma Educação para a transformação.

Este Projeto Educacional nasceu de uma tríplice constatação: vivemos numa sociedade, que é a 8ª economia do mundo, mas em que grande parte da população vive em situação de pobreza absoluta; numa sociedade democrática, mas sem participação; numa sociedade cristã, mas onde o Evangelho está ausente.

O Projeto Educacional do "São Vicente" é conhecido pelo nome de Pedagogia Libertadora. Ela implica três coisas:

1ª) Uma filosofia educacional que considera as pessoas na Escola em processo de libertação, mediatizadas pela realidade.

2ª) O projeto utópico de uma pessoa humana fraterna, crítica, participativa, capaz de lutar por uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

3ª) Enfim, uma utilização dos recursos humanos e físicos coerente com sua filosofia e antecipadora de seu projeto social.

## AS MENSAGENS NÃO-VERBAIS

Estes três níveis estão interligados, mas é, ao nível da prática, que melhor se manifestam as incoerências entre o

que fazemos e o que queremos fazer, entre o que somos e o que queremos ser. Mais fortes do que o que pregamos são as experiências que o currículo proporciona, são as mensagens não-verbais ou o clima do Colégio, as relações Professores e Alunos, Alunos entre si, etc. que marcam a formação, ou reforçando o egoísmo e individualismo ou revitalizando as atitudes justas, fraternas e participativas das pessoas.

Como querer que os Educandos sejam agentes de participação, se os mantemos passivos? Como formar pessoas corresponsáveis e capazes de participar, se as avaliações continuarem a ser classificatórias dos Alunos, alinhando-os aos já aprovados, aos que correm risco e aos certamente já reprovados, em vez de ser um diagnóstico que identifique as dificuldades e estabeleça, juntos, em comum, as medidas de superá-las?

## EDUCAÇÃO, TAREFA POLÍTICA

De acordo com nossos critérios, qualquer conteúdo não é significativo para a formação pela qual o "São Vicente" optou. É preciso que os conteúdos contribuam para que o Aluno compreenda melhor o mundo em que vive e se posicione a favor de sua transformação, em vista do bem comum.

Educar numa sociedade, marcada pelos conflitos entre a violência e a resignação, entre a liberdade e a opressão, entre a pobreza e a riqueza, entre o atraso e a modernidade, torna-se uma tarefa política. E o primeiro passo a dar é modificar nossa compreensão da pobreza social. Não é fruto da irresponsabilidade dos indivíduos pobres, mas consequência social de estru-

turas injustas, que cabe a todos nós transformar.

## EDUCAÇÃO NA E PARA A JUSTIÇA

O que completa a Educação Libertadora é a Educação para a justiça e na justiça. Eis aí um ponto em que se vem insistindo, com freqüência, no "São Vicente". A própria Escola, em todas as relações interpessoais que vivemos, deve antecipar o que quer para toda a sociedade. Numa sociedade escandalizada com tantas e tão variadas formas de corrupção, a Educação Libertadora é também Educação para a construção de uma sociedade justa e esforço para despertar as consciências para a solução de nossos problemas crônicos de Saúde, Educação, Habitação e Alimentação e para os novos vícios que dissolvem a ordem social, sem nada propor, como a violência, a toxicomania, os abusos administrativos.

A proposta de uma Educação Libertadora constitui um desafio, ainda mais porque não conta com o preparo dos Professores, que têm dificuldade de organizar o trabalho escolar, de tal modo que o ensino seja meio para explicar os problemas colocados pela vida. É, no entanto, a proposta mais conseqüente com a doutrina da Igreja no Vaticano II, que definiu a Igreja como Povo de Deus, e da Igreja, na América Latina, que fez da opção preferencial pelos pobres sua nova estratégia pastoral.

A Educação Libertadora é também um fator básico e decisivo, em nossa época, cheia de anelos de participação, de emancipação, de libertação de toda escravidão de natureza pessoal e de integração coletiva.

Hugo V. Paiva

# TEATRO NO COLÉGIO

## UM EXEMPLO DE PE

Era um momento mais sombrio do que agora debaixo do teto brasileiro.

Era uma ditadura militar — uma coisa sem sentido — uma saída medrosa — desumana e muito cara, pois até hoje estamos pagando um preço muito alto (corrupção — deseducação — despreparo — empobrecimento, em fim de um povo). Debaixo desta opressão perigosa havia um COLÉGIO no Cosme Velho — RJ, que cumpria sua missão de Oásis dentro deste sistema. Era o SÃO VICENTE DE PAULO, onde as pessoas certas estavam nos lugares certos. Havia um movimento, uma resistência. Coordenação — Direção — Grêmio e os alunos, todos do mesmo lado, juntos. Era bonito ser São Vicente.

Jornais — Cinema — Música numa efervescência de protesto visando clarear, elucidar e todo mundo trabalhando, mas faltava o TEATRO, e foi aí que eu entrei. Responsável por esta parte da briga. Eu e mais quinze alunos nos juntamos e logo começamos a trabalhar e o resultado foi o espetáculo CALABOUÇO, textos de Glauber Rocha e músicas de Sérgio Ricardo, as idéias do São Vicente eram definidas agora, também no palco e foi só alegria, mais de dez espetáculos se sucederam com o comparecimento em massa dos alunos, participamos de festividades, vencemos por unanimidade. Voltamos para o nosso espaço e tornamos a lotar e daí tudo começou. O grupo foi batizado

por CALABOUÇO e uma série de espetáculos lutando pelos direitos humanos aconteceram e até hoje a nossa preocupação central continua sendo esta. Apresentamos logo em seguida o INTERROGATÓRIO, um texto de Peter Weiss, onde denuncia as atrocidades e torturas no maior genocídio da história, os campos de concentração de HITLER, tomando como paradigma o Campo de Aushwitz. No espetáculo a analogia da repressão que abatia o País ficava muito clara.

Depois foi a vez de DEUS E O POVO, MINHA IRA MINHA ESPERANÇA, onde o grupo se colocava ao lado da Igreja Progressista, se solidarizando com os martirizados pela repres-



Almir e o Grupo Calabouço, 1987



# SÃO VICENTE DE PAULO: RESISTÊNCIA E SUCESSO

são direitista militar. Este espetáculo teve vários problemas com as autoridades e na ocasião, esta revista "A CHAMA", fez um dossiê completo dos acontecimentos, foi um momento forte de solidariedade no São Vicente, onde os pais se colocaram efetivamente do nosso lado.

Depois veio a trilogia da loucura: LITURGIA DA LOUCURA, coletânea de textos sobre os loucos iluminados reprimidos pelos ditos "normais"; CONVERSAÇÃO SINFONIETA de Jean Tardieu, numa primorosa tradução de Manuel Bandeira e completando a trilogia veio o ALIENISTA, de Machado de Assis, numa adaptação musical de Claudio Botelho, ex-integrante do grupo.

Uma noite emocionante de Teatro no Colégio, foi quando da estréia de BRASIL NUNCA MAIS DE GETÚLIO AOS GERAIS, uma revista musical, um tanto desajeitada que fazia um retrospecto político social desde os anos difíceis do Estado Novo, até Figueiredo, o último do "quinteto da morte".

No ano que passou, o Brasil comemorou cem anos da Lei Áurea, e por conta disso o São Vicente, promoveu a Semana do Negro, um evento muito bonito e o teatro encerraria esta comemoração, e para isto o grupo preparou A CELEBRAÇÃO NEGRA, um compacto sobre a penosa problemática. O espetáculo mostrava fatos e dados sobre esta ignorante divisão, Preto e Branco, que até nos nossos dias só trouxe sofrimento, através da violência, do medo e sede do poder. Até hoje este espetáculo corre espaço, em festivais e favelas, tentando abrir brecha para esta discussão e para tentar ver implantado o hábito do teatro para o adolescente, uma faixa etária muito lembrada pelo consumo vigente, mas

muito esquecida pelo modelo cultural comprometido. O Calabouço, com suas parcas possibilidades, faz o que pode.

Numa tentativa de buscar o nosso folclore, o Calabouço montou de Ariano Suassuna, TORTURAS DE UM CO-RAÇÃO, e este ano, ao completar quatorze anos de atividade constante no Colégio, ele vai buscar mais uma vez os préstimos de Suassuna, em seu texto mais aplaudido no Brasil e no mundo. O AUTO DA COMPADECIDA, uma obra prima do nosso teatro, que juntamente com Jorge Andrade, com a MORATÓRIA, é considerado o marco da brasilidade, de nossa dramaturgia.

Em outra oportunidade relatarei o histórico do Grupo do ginásio — FAZ ESCURO MAS EU CANTO — que tem uma trajetória tão difícil e tão meritória quanto a do Calabouço. Mas vale um adianto como dica, este ano vai falar na Inconfidência Mineira, na voz de Cecília Meireles. Vale a pena conferir.

Nada deste movimento teria acontecido se não fossem as pessoas, algumas, que nem mais por aqui estão, mas que sempre foram tão carinhosas e reconhecidas nas nossas lutas e dificuldades. Com todas estas pessoas, principalmente com os Atores e Técnicos que dedicaram boa parte de seu tempo aqui, o Calabouço divide os resultados e não poderia ser de outro jeito.

Agradecemos a todos, e que a CHAMA do AMOR e da ARTE queime cada vez mais, com ardor no coração e na mente de todos nós.

Almir Telles — Diretor do Grupo

## TEATRO

### TER ATOS PARA A VIDA

Objetivamente o teatro na educação visa: sensibilizar, integrar, aumentar o poder de observação, concentração e imaginação, liberar os movimentos, aumentar as expressões oral, gestual e corporal, e, ampliar o relacionamento espacial e sua interação com o mundo. Tudo isso a partir de exercícios — jogos simples, avaliação dos mesmos, até chegar a vivências como: o jogo dramático, intenções do personagem, preparação de cenas e atuação em pequenas peças de criação coletiva (ou não) e também avaliação destes e de todo o processo.

Com esse pensamento e com o apoio das coordenadoras Marlene e Nina, iniciamos, no 2º semestre de 1987 o 1º Curso de Teatro Infantil do Colégio São Vicente de Paulo, de caráter extra-curricular.

Com duas turmas iniciantes, uma composta por alunos de 1ª e 2ª séries e a outra de 3ª e 4ª, não poderíamos imaginar a procura que se instalaria no Colégio por essa nova atividade, tanto que, atualmente, o curso consta de 7 turmas, abrangendo alunos de 1ª a 5ª série com aulas duas vezes por semana.

Vale a pena citar Maria Lúcia R. Tavares que diz:

"O Teatro-Educação insere-se em uma perspectiva mais ampla de Arte-Educação que objetiva utilizar o processo de expressão artística como uma possibilidade a mais de desenvolvimento do ser humano".

Lauro Basile  
Coordenador e Professor do  
Curso de Teatro Infantil



## DÉBORAH

Há um ano, perdemos a nossa querida Deborah Souza Minayo, com 11 anos, aluna da 5ª série e ficamos unidos na sua saudade.

Deborah foi nossa desde a 1ª série do 1º Grau. Excelente aluna, dedicada aos colegas, calma e muito profunda na sua tão pouca idade. Ficou conosco até a hora de seu sepultamento (dia 9 de outubro de 1988), tendo sido velada na Capela do Colégio que, pela 1ª vez, se abriu para este fim.

Para ela, JANAINA BOTELHO GUERREIRO, escreveu a poesia Deborah — Mel, que foi lida na Missa de 7º dia e traduziu o sentimento de todos nós.

### PARA DEBORAH — MEL

de Janaina

*Mel, mel é o doce mais doce.  
E esse doce tão doce que riria neste  
Colégio  
Era o sorriso de quem não podia sorrir,  
mas sorriu.  
Eram olhos brilhantes quase  
fechando-se, não fecharam.  
Era a vida mais linda, mais aproveitada,  
que não pôde ser.  
Eram as flores da primavera que  
murcharam, mas deixaram a raiz.  
Eram abelhas fazendo esse mel tão  
doce!  
O doce mais doce que uma hora se  
amarga,  
Mas deixa para nós um exemplo:  
o mais doce dos doces.*

**DEBORAH**, que em hebraico significa mel,  
em português significa  
**ALEGRIA e FORÇA!**



## NATÁLIA

Por tudo o que já foi escrito e esqueceram de mencionar

Por tudo o que já foi pensado e esqueceram de demonstrar

Por tudo o que já foi vivido e cristalizou-se em tua ausência . . .

Não importa onde estejas agora, nos caminhos do Sinai, tangendo estrelas, ou a dormir num aquário no fundo de um lago; as folhas te outonam, a grama te quer. És vegetal, amiga, e a graça de teu vulto acompanha nossos passos.

Em algum lugar estará acontecendo o teu silêncio, a tua sombra, a tua dúvida. Moves-te blindada em abstrações. Trazes a cabeça enterrada nos ombros, qual escura rosa sem haste. És tão profundamente que irrelevantes as coisas, mesmo do pensamento.

Podes descansar em tua terra, sem mais amores e sem mais saudades, despojada do fardo de tua carne e bem aconchegada no teu sono.

Sabemos que, inclinando graciosamente o corpo sobre o abismo, vigiarás nossa escalada e, no último lance, nos darás a mão. E tu serás para nós a adorável cicerone desse mundo sem som, onde vagas ao sabor da inexistência de tudo, na imensa disponibilidade de quem não tem para onde ir. E nós, talvez possamos escrever no grande quadro negro incolor do espaço, como alunos aplicados, as primeiras palavras imaginárias daquilo que não foi.

Ficaremos sós como os veleiros nos portos silenciosos, e todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas, serão a tua voz ausente, a tua presente, a tua serenizada.

Um dia quando menos esperares, estaremos a teu lado.

Mariana Teixeira e Renata Pereira

# MOMENTOS DE SAUDADE

## PADRE FRANCISCO GUERRA:

### "IN MEMORIAM"

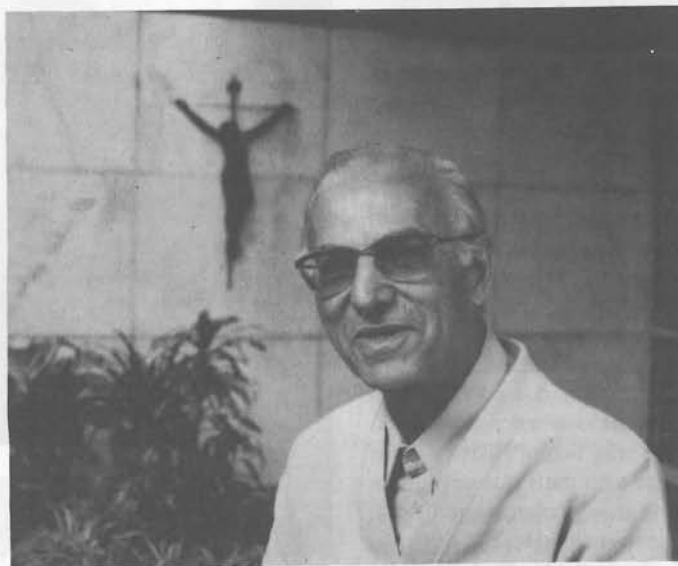
1988 começou triste para o Colégio São Vicente de Paulo. Em São João Evangelista, onde fora passar férias junto aos familiares, falecia, acometido de agudo infarto, nosso inesquecível companheiro, Padre Francisco Xavier do Amaral Guerra, aos 74 anos de idade e 46 de ministério sacerdotal.

Modesto, discretíssimo, amável com todos, ordenado em tudo, estrito observador de exigente regime alimentar, admirador inequívoco do cinema e da televisão, inigualável "bricoleur", familiarizado com toda sorte de aparelhos telefônicos, rádios, relógios, fechaduras e ferramentas que lhe faziam as delícias, nem por isso deixava de lado suas leituras prediletas — REB e outras revistas teológicas, tudo sobre legislação escolar, sem esquecer os periódicos, jornais e revistas, que lia, comentava e, oportunamente, recortava para seus arquivos. Estes abrangem um pouco de tudo: da diabete aos heróis, da religião à política (e como era político!), passando pelo esporte e os filmes da TV . . .

Sentirão falta dele, sem dúvida, seus fiéis da missa cotidiana das nove, em São Judas Tadeu; mais ainda, sua fiel equipe da Secretaria e Administração e nossa pequena Comunidade de Coirmãos, que nos alegrávamos com sua presença silenciosa e irradiante.

O que, pessoalmente eu mais admirava nele era a síntese entre o tradicional udenista mineiro, e o pedagogo carioca, aberto aos novos tempos e às circunstâncias.

De Roma, o Padre Lauro, em carta, assim refletia sobre nossa perda: "Padre Guerra me escrevera, no final do 1º semestre de 87, dizendo que sentia chegar sua hora, embora os outros não o acreditassem.



E dizia do seu esforço para não ficar triste e não causar amolação! Senti o carinho do seu abraço quando nos despedimos no Rio. Padre Guerra, mais que os outros Coirmãos falecidos, é meu protetor, no céu, continuando a ajuda que me deu, no Colégio. Quero-lhe um bem imenso; não me lembro de ter tido o mínimo desentendimento com ele. Para mim, foi de uma ajuda inestimável, sobretudo por duas coisas: pela experiência, não se afogando em copo d'água, não se impressionando pelas dificuldades sobretudo burocráticas, e pela confiança no Colégio, que não acabaria por qualquer crise e que seria sempre capaz de superar os problemas. O que mais me impressionou nele, ao lado da dedicação leal que me tinha e do afeto muito fraternal e paternal ao mesmo tempo, foi seu espírito de fé em relação a mim como Superior da Comunidade. Sei que ele faz muita falta a você e à Comunidade

e a todos no Colégio. Por isto, estou muito unido a vocês, rezando muito por todos, por você em especial".

Em seu 2º número (julho/88) a CHAMATIVA, versão simplificada da CHAMA, faz tributo ao Padre Guerra carinhosa homenagem através da pena de Mirabeau Lopes.

A CHAMA quer, por sua vez, evocar-lhe a abençoada trajetória de 29 anos doados ao São Vicente.

Nestas quase três décadas, mais que um secretário competente e compreensivo, ele foi a própria expressão de afetuosa paternidade espiritual ("Pai Guerra", era chamado na intimidade), do serviço constante e humilde, da total dedicação a esta Casa e Comunidade Educativa, de que foi, silenciosamente, uma das colunas mestras . . .

Padre Guerra, descanse em paz e reze sempre pelo seu Colégio São Vicente de Paulo.

# A INVENÇÃO DO FUTURO

Marçal Versiani

Em janeiro de 1965, um cronista social muito lido veiculava uma nota que certamente lhe fora encomendada. Certas mudanças no Colégio São Vicente de Paulo, dizia tal qual a nota, revelaram problemas existentes naquele estabelecimento, onde estudam filhos de nossas mais conhecidas famílias: alguns professores não se contentam com ensinar, pretendendo também doutrinar; por exemplo, dizendo aos alunos para não tomar Coca-Cola, por ser um produto americano.

A nota levava todos os ingredientes do absurdo (a começar pela boçalidade que imaginava em nossos professores), valendo só como o retrato em negativo de um jornalismo crítico. Mas dava bem a medida das reações que o Colégio teria que enfrentar, caso quisesse evoluir, isto é, continuar a existir segundo a pauta geral dos seres vivos e sobretudo segundo a vocação específica dos seres que fazem História, caso se tencionasse algo mais que as mudanças de rotina que provocaram a nota. A nota era uma intimidação.

Intimidação, entretanto, bem natural. Atribuía-se então ao colégio particular, e em especial ao colégio católico, a função maior (?) de carro forte dos valores dominantes na sociedade. Ou seja, dos valores de suas classes dominantes, que as próprias famílias sentiam dificuldade em preservar, desde que a sociedade brasileira entrou num processo intenso de comunicação. Afinal, o Colégio São Vicente de Paulo é colega de infância dos primeiros fusquinhas nacionais e dos agentes sociais que fizeram do ABC paulista a maior concentração industrial da América Latina e a matriz do sindicalismo que desbancaria o peleguismo. O Colégio São Vicente de Paulo é apenas uns poucos anos mais novo que a televisão brasileira, na mesma medida em que é mais velho que as transmissões em cadeia (origem das redes de hoje) que apresentariam ao público brasileiro tipos ideais ou "heróis" com que pudessem comungar e se identificar, conforme cada gosto e pendor: um Roberto Car-

los, ou um Chico Buarque, na música; um Pelé ou Garrincha, no futebol; um Chico Anísio, no humorismo; um Carlos Lacerda e um Leonel Brizola, na política. O Colégio São Vicente de Paulo nasceu num Brasil que de repente começou a atropelar a História, o Brasil de "50 anos em cinco", proposta ambiciosa de Juscelino Kubitschek, por sinal aluno dos Padres Lazaristas em Diamantina e amigo de seu primo Diretor, Padre Horta.

Sem pedir, o Colégio São Vicente de Paulo nasceu sob o signo da mudança. E livre do peso da tradição, por uma razão aliás bem prosaica: quase nenhum dos que foram convocados para dirigi-lo no início vinham com experiência de trabalho pedagógico em colégios; muito menos num colégio tipicamente urbano e à feição (então) da Zona Sul do Rio de Janeiro — o lugar comum da população afluyente da cidade e a meta dos que embarcavam de

cabeça na competição pela ascensão social rápida e, quanto possível, fácil.

Assim, o Colégio São Vicente de Paulo chegaria, na segunda metade da década de 60, a um quase impasse. Ou melhor, a um duro dilema: ou inventar seu próprio futuro; ou, desobedecendo as suas origens tão próximas, acomodar-se ao Brasil que, em 1964, viu frustrada sua espontaneidade e sua dinâmica sempre afoita (com o indefectível tom de irreverência e molecagem); e se fecharem, cada vez mais, os círculos de decisões.

Inventar o futuro foi então uma forma, de início bastante inconsciente, de resistência. Para abrir caminho para a cultura, sem muito lugar num Brasil que passará a oscilar entre a caserna e o banco; entre os que se arrogaram o direito de fixar os objetivos nacionais e os encarregados da execução, frequentemente aliciados pelo prêmio do proveito pessoal.



Como fazê-lo, porém?

A fórmula encontrada foi somar. Somar, profissionalizando (e desclericalizando) o processo pedagógico no Colégio: professores leigos e, pois, "professores profissionais" assumiram as tarefas de coordenação, em todos os níveis e setores. Com isso, se escapou à rendição que então era praxe, no final de um processo pedagógico de cerca de oito anos, aos cursinhos, julgados os milagres da aprovação no vestibular. Com isso, embora a altíssimos custos financeiros (sendo de cerca de 600 alunos a população total do Colégio, as últimas séries eram de número reduzidíssimo), evitou-se o adestramento do aluno, na época em que mais precisa da automotivação e do exercício da capacidade pessoal de aprendizagem — os primeiros anos na Universidade.

Somar, portanto, apelando para mais, no aluno, que para uma inteligência especializada e superdeterminada. O que fez o Colégio desdobrar-se num centro de reflexões e debates,

despertando para o engajamento pessoal, de que a profissão seria instrumento. Alargou-se o centro e apareceu o movimento do Intercâmbio, ligando São Vicente, Santo Inácio, Zacaria, Sion, movimento não livre de certa ambigüidade e ameaçado de dar num clan conservador. Mas qual a opção concreta que está livre do risco de ambigüidade?

Somar, enfim, trazendo para a Associação de Pais, a disputa eleitoral. Por sinal, numa época em que as eleições diretas caíram em desuso, transformadas em homologação de escolhas já feitas. Homologação e legitimação — a legitimação preciosa com que contavam os que preservaram os rituais da democracia, depois de lhe ter imolado a substância. A disputa fez aparecer o pioneiro das sondagens de opinião, o Paulo Montenegro do Ibope; ou um César Pougy, um lúcido e sagaz empresário, de cuja capacidade de iniciativa os professores mais antigos bem se lembram.

Dessa soma resultou, em bem pouco tempo, um projeto revolucionário de educação. Tão revolucionário que é maior que o Colégio São Vicente de Paulo; maior, mesmo, a meu ver (a ranhete de minhas opiniões pessoais é bem conhecida), que a própria instituição escolar.

Peço desculpas se pareço, neste final, desmerecer o projeto educacional do São Vicente de Paulo, considerando-o uma utopia. Pareço, apenas. Porque creio que a utopia, se jamais se cumpre, é sempre a inspiração imprescindível a qualquer realização digna do homem. Se não tivesse a inspirá-lo uma utopia, certamente o Colégio São Vicente de Paulo teria cedido à acomodação que o ameaçou, faz agora 20 e poucos anos. Ou teria embarcado no gênero de questionamento social ávido também de comando e dominação. Pouco importa que sejam comando e dominação de sinal trocado: continuam comando e dominação negadores do verdadeiro processo social.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O VESTIBULAR

*Professor Cláudio Mário*

Coordenador das 3<sup>as</sup> Séries do 2<sup>o</sup> Grau

Os cursos de Engenharia eram os preferidos pelos alunos das turmas pioneiras do Colégio São Vicente de Paulo, e Matemática, Química e Física as disciplinas as quais dedicavam maiores atenções, em razão de serem as únicas exigidas no concurso a que se submetiam para ingresso no curso superior.

Tal fato levou muitas escolas a terem turmas especializadas desde o início do antigo curso colegial. Além de descumprir a função de formar o aluno para a vida, essa precoce divisão praticamente o impedia de mudar de carreira, depois de ingressar na Universidade, pela exclusão, na sua formação básica, dos estudos das disciplinas de outros grupos de carreira.

Quando a Fundação Cesgranrio foi criada, abrangendo todo o sistema de seleção para as principais Faculdades do Grande Rio, uma relação de carreiras e cursos foi divulgada aos candidatos, dentro das áreas de Ciências Exatas e Tecnológicas, de Artes, de Ciências Humanas, de Ciências Biológicas e de Profissionais de Saúde. Essa maior

divulgação foi o bastante para ampliar a procura de cursos ignorados por um grande contingente de jovens.

Durante vários anos o sistema de seleção da Cesgranrio foi o principal meio de ingresso nos cursos universitários. Suas provas, de todas as disciplinas do Núcleo Comum, eram, até recentemente, apenas de questões de múltipla escolha. Em 1986, as principais Universidades públicas dela se afastaram, dando ênfase a provas de questões discursivas em seu sistema próprio de avaliação de candidatos.

As mudanças do Vestibular só influenciaram a forma de avaliação, nunca o conteúdo, pois os programas continuam praticamente os mesmos, elaborados com a participação de professores do 2<sup>o</sup> Grau, há quase vinte anos. Elas são meramente formais, que trazem benefícios porque não permitem qualquer tipo de adestramento. O sistema de questões de múltipla escolha deixa uma brecha para isso, embora na Cesgranrio as provas exijam muito da capacidade de raciocínio do candidato,

com a vantagem de que o número de questões em cada prova possibilita uma maior abrangência do programa.

Apesar de nem todos os alunos que terminam o 2<sup>o</sup> Grau prestarem o Vestibular, o concurso tem o papel de também traçar o diagnóstico do sistema escolar. Isto porque é o único momento em que são avaliados os onze anos de aprendizado dos cursos Fundamental e Secundário, e porque os seus programas servem como referência para o estudo das diferentes disciplinas.

O 2<sup>o</sup> Grau, entretanto, deve preocupar-se com objetivos mais amplos do que o preparo para o concurso. Sua função está atrelada aos propósitos constantes da educação, que são os de formação do jovem. O Vestibular sim, é que deve adequar-se a essas finalidades, deixando de ser um fim em si mesmo para transformar-se em uma via de acesso ao ensino superior para aqueles que, ao longo do 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> Graus, definiram sua vocação para isso. Não há dúvidas de que estamos no começo dessa transformação.

## CORTES E RECORTES

É aniversário do Colégio São Vicente de Paulo. Trinta anos de luta, objetivando educar para uma sociedade de justiça, fraternidade, liberdade e comunhão entre todos que dela participarem.

Estes trinta anos foram de intensa luta contra as muitas vicissitudes inerentes à lógica de qualquer processo educacional e, contra todas aquelas que emergiram da força do autoritarismo militarizado, que dominou a sociedade civil, a partir de meados dos anos 60 até os anos 80.

Poderíamos, aqui, citar muitos personagens que participaram de episódios e acontecimentos ocorridos na história do Colégio, mas preferimos não fazer isto por várias razões. Em primeiro lugar, para não cometer injustiças, citando uns e correndo o risco de esquecer outros; dando relevância a fatos que não merecem tamanha honra ou realizando a eleição deles a partir apenas dos seus aspectos de maior exterioridade, sem que sua interioridade tenha sido conhecida. Em segundo lugar, porque temos a convicção de que os homens, isoladamente, não fazem história. Um e outro indivíduo até pode ter algum destaque, mas é preciso considerar os demais agentes que estiveram compondo uma dada conjuntura, a partir da qual as relações sociais, as interações e tudo o mais passa a ter sentido.

Mesmo correndo risco inerente à tentativa de periodização, quero assinalar, nesta história de trinta anos, três períodos, que podem ser recortados da seguinte maneira: a) os anos heróicos (da fundação até 1969/70); b) os anos de definição e resistência (1969/70 a 1982/83); c) os anos de redefinição e progresso (1982/83 aos dias atuais).

Tentando elaborar um esboço de análise de cada um dos períodos, algumas de suas características ficam imediatamente visíveis e servem para compreendê-los.

O primeiro período está marcado pela determinação de construir no Cosme Velho um colégio grande e que ainda recebesse alunos em regime de semi-internato.

Todos os agentes deste período dobraram-se, construindo, vivendo a construção e a implantação do colégio, bem como a sua consolidação como escola séria e disposta a uma ação educativa forte, que pudesse concretizar alguns aspectos da doutrina social da Igreja.

O segundo — definição e resistência — também tem suas características marcantes e coincide com o período de maior fechamento da sociedade política à participação popular, quando o AI-5 e o Decreto 477 calavam a Nação e todas as vozes que se faziam ouvir no meio acadêmico, não importava em que nível. Professores, Alunos e Funcionários eram presos e interrogados sob torturas até a morte. A comunidade acadêmica, como um todo, vivia em pânico e sofria com as constantes investidas dos organismos de segurança do regime.

Foi neste contexto, de ditadura militar, que houve a adoção explícita dos documentos de Medellín pelo Colégio. A doutrina social da Igreja e mais estes documentos, interpretados à luz de uma Teologia da Libertação, deram corpo à pedagogia da libertação e à prática educativa do São Vicente. A bandeira da educação para a libertação do povo estava desfraldada em um ambiente nacional que exigia coragem e disposição para viver e sobreviver. Res-

tava, porém, a prática. E ela não tardou.

Durante todos os anos de autoritarismo, discurso e práticas pedagógicas e didáticas denunciaram a opressão. Criticaram o regime que permitia o uso dos instrumentos do poder para enriquecimento de alguns, em detrimento da imensa maioria, que, concretamente sofria com estas ações conscientemente anti-democráticas e discriminatórias. E criaram condições para a vivência democrática com base no diálogo sem censura, na justiça, na solidariedade, na verdade e em outros valores, todos igualmente importantes.

Dois mundos diametralmente opostos e antagonicos. A prática da liberdade no São Vicente, a prática da opressão do Estado sobre a sociedade civil. No Colégio, a expressão; no Brasil, a repressão.

Muitos percebiam, claramente, o que ocorria e representavam o Colégio como uma ilha. Dentro dela, todos elaboravam seus discursos anti-autoritários, bem como suas práticas didáticas que rompiam com aquelas que apresentavam a escola e a sala de aula como reprodutoras ideológicas do estado.

Quando a pressão, realizada por toda a sociedade civil, foi capaz de forçar a abertura do regime militar brasileiro, a chamada "transição" começou a tomar forma. O período da mais intensa repressão ditatorial começava, ainda que debaixo de ameaças constantes de retrocesso, a marchar para o seu fim.

A "ilha" já não estava sozinha na imensidão do oceano. Aliás, a bem da verdade, não havia uma ilha; o que, de fato, existia era a incapacidade de perceber o movimento geral da sociedade

# JORGE LUIZ

civil; quando muito, não se avistava a outra ou as outras ilhas.

O terceiro período, que denominamos de "anos de redefinição e progresso", na verdade não redefiniu a proposta filosófica que orienta as práticas pedagógica e didática do Colégio. Os documentos de Puebla (1979) é que deram mais vigor e sentido à proposta filosófica do São Vicente. Uma vez enfraquecido o regime ditatorial, que impedia a possibilidade de uma sociedade democratizada, os documentos e mais toda a doutrina social da Igreja, de modo sistemático, indicavam as pistas para orientar os movimentos sociais em direção à sociedade fundada em valores universais, que, em última instância, tornam viável a felicidade humana.

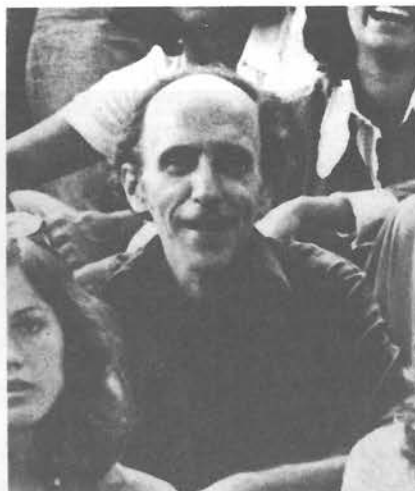
É neste período que estamos. Ora mais ora menos, há avanços filosóficos, pedagógicos e didáticos. As variáveis que interferem no processo educativo são muitas e têm as mais diversas direções. Trabalhar com todas, convergindo-as para um mesmo ponto, é ação extremamente desafiadora; porém, possível. Dialogalmente, ouvindo mais do que falando, participando, dividindo e somando, tem-se a convicção de que há progressos consideráveis.

A cada dia, constrói-se o caminho a seguir, pois não há uma estrada feita, acabada. E todo o caminho tem sido uma construção daqueles que participam do dia-a-dia do Colégio São Vicente.

A todos, nossos parabéns.  
Parabéns, Colégio São Vicente!

Rio de Janeiro, setembro de 1989

Zacarias Jaegger Gama



1966 — Pela primeira vez o Colégio São Vicente de Paulo teria uma turma no 3º ano científico (ou clássico), o atual 3º ano do 2º grau.

O vestibular de então era terrível; os programas exigidos, além de enormes, não continham os objetivos a serem alcançados.

Era necessário que o São Vicente contasse com uma excelente equipe de professores para que os alunos se sentissem seguros e capazes de desenvolver todas as suas potencialidades. Ao coordenador de então, Jorge Luiz, caberia formar esta equipe, capaz de não apenas atingir todos os objetivos educacionais do Colégio, mas também de fazer frente aos colégios tradicionais e aos fortíssimos cursos de vestibular que existiam na época.

Foi aí que uma das características dessa personalidade notável fez-se contar: "Se nossos professores são bons para dar aulas para alunos do 1º e do 2º ano, também são bons para preparar nossos alunos para enfrentar este famigerado vestibular". Mas este líder de equipe (ou diria, de homens) tinha outra faceta importante: era capaz de reconhecer de longe alunos com liderança bastante entre os colegas e que o ajudariam a vencer todos os obstáculos que aparecessem. Nosso querido Sotelinho que o diga.

Veio o vestibular e a sensacional aprovação obtida compensou todos os nossos esforços, nossas aflições, nossas dúvidas e até mesmo, por que não dizê-lo, nossa luta com um duplicador a álcool em que rodávamos exercícios e provas para nossos alunos (na época o Colégio São Vicente de Paulo não tinha o departamento de mecanografia, nem datilógrafas à disposição dos professores).

Jorge não se portava como um coordenador propriamente dito: era o amigo mais velho, mais vivido, mais experiente, capaz de entender nossos erros, nossas faltas, nossa falta de vivência. Era exigente mas capaz de perdoar de uma maneira tão sua que acabávamos achando que nossos erros enormes (sobretudo os de um professor de química que conheço desde o momento em que vim ao mundo), não eram tão grandes assim. Sempre procurei estar ao lado dos professores em tudo. Lembro-me, como se fosse hoje, de uma conversa que tivemos no saguão do 4º andar (não havia ainda a sala dos professores): nós estávamos sempre reclamando do barulho infernal dos meninos do primário durante o recreio e que era praticamente impossível dar aula naquela hora.

Jorge me disse: "Olhe Palhares, vocês reclamavam e eu levava a reclamação à diretoria, mas te confesso que nunca me empenhei muito em resolver o problema. Agora que estou dando aula é que vejo quanta razão vocês tinham". Surgiram então os aparelhos de ar condicionado.

Sinceramente, não sei se consegui passar para a nova geração do Colégio São Vicente de Paulo tudo aquilo que de admiração por este velho amigo tenho guardado dentro de mim. Nem mesmo sei se consegui mostrar o verdadeiro Jorge Luiz, um Educador (com E maiúsculo mesmo). Sei apenas que todos aqueles que com ele conviveram têm marcados em si mesmos os traços da sua personalidade e que o São Vicente tem a "cara" do Jorge Luiz.

Palhares

# POR ONDE ANDARÃO ELES?

1959

## PRÉ-PRIMÁRIO — TURMA PRÉ-1

Prof.: Wilka — Sala 21



	Resp.	Cond.	Nº
1. Augusto Cattoni Neto	João	SA	311
2. Carlos Eduardo de Miranda Ferraz	Oswaldo	SA	152
3. Carlos Eduardo Quartin Barbosa	Carlos	SA	353
4. Charles Wanderley Maia	Clarimar	SA	159
5. Felipe Daudt de Oliveira Filho	Felippe	SC	131
6. Fernando Botelho Villela Neto	Gabriel	SC	66
7. Francisco José da Silva Lobo	Francisco	SA	54
8. Guilherme Pereira de Azevedo	Alberto	SA	346
9. Henrique de Queirós Mattoso	Joaquim	SA	85
10. Joaquim Rasgado Filho	Joaquim	SA	337
11. Luiz Eduardo Mello Machado	José	SA	358
12. Luiz Joaquim Agner Duarte	Manoel	SC	27
13. Marcelo Thomé Caminha	Nicola	SC	12
14. Pedro Affonso Collor de Mello	Arnon	SB	330
15. Pedro Antonio Arraes Pereira	Jarbas	SA	336
16. Pedro Lessa Spyer Netto	José	SB	342
17. Ricardo Xavier de Barros Correia	Rodolfo	SC	148
18. Sergio Luis Fernandes Gélío	Antonio	SA	332



# SÃO VICENTE EM PROCESSO

Wilka Maria Paschal Corrêa de Brito  
O. Educacional

Meu pensamento voa e aterriza há 30 anos atrás. É difícil reviver com fidelidade, cada passo dado neste início do Colégio. As lembranças se misturam, a emoção é grande.

Primeiro dia de aula — 30 de março de 1959: uma escola inacabada, prédio faltando arremate, pátio por fazer, alunos do Pré à Admissão (só meninos), chegando de vários pontos da cidade, trazidos por seus pais ou pelo ônibus do Colégio que, arrebanhava das calçadas, até quem não era nosso. Eu, professora do Pré-Escolar.

Uma missa rezada na Capela, assistida por pessoas ligadas ao Padre Horta, nosso dinâmico fundador e que, com ele, colaboraram no projeto do Colégio, muitas delas oriundas do Caraça, intelectuais e políticos; professores desorientados, conferindo com o querido Padre Guerra e Paula, na Secretaria, a lista dos alunos; crianças pequenas chorando alto em meio à grande confusão; pais pedindo informações ao Padre Nogueira, nosso administrador, e ficando para "ajudar" e ver como tudo acabaria. Enfim, um sufoco, num horário das 7:30 às 17:00h.

Não tínhamos inspetores. Cabia-nos (professores, pessoal da Secretaria, funcionários dos ônibus, todos) acompanhar os alunos nas suas atividades extra-classe.

Nós, os professores, contávamos com a indispensável ajuda do José Eugênio que nos assistia, sempre afável e prestativo, na sala de aula, buscando carteiras, arrumando a Capela, ajeitando de um lado e de outro. No pré-escolar ele era imprescindível porque, tanto as crianças como nós, Oswaldina, Nilda e eu, muito o solicitávamos, apartando uma briga, acalentando um que chorava ou nos ajudando até a banhar e trocar fraldas, uma vez que tínhamos alguns bem pequenos na sala.

No subsolo, um imenso refeitório, uma imensa cozinha com imensas pa-

nelas, mesas de seis lugares, louça marcada com o monograma da Escola; almoço, lanche para todos nós ao mesmo tempo, num mesmo espaço. Comida gostosa, feita pela boa Emília; sempre bem humorada. Éramos uma grande e barulhenta família.

Acompanhando o clima do Colégio e para não aumentar o barulho, utilizava um recurso sonoro para chamar os pequeninos do pré — um pandeiro. Através dele, era localizada e os localizava facilmente.

Após o almoço, o Pré subia para a sala (a minha era a 21), para a sesta. Escurecíamos o ambiente e, ou cantando baixinho ou com o auxílio da vitrolinha, as crianças descansavam e muitos chegavam a dormir. Era incrível como os demais não os perturbavam. Respeitando-lhes o cansaço, trabalhavam silenciosamente (o método empregado então, era o Montessori). Está claro que isto não aconteceu no primeiro dia. Neste, ninguém silenciou.

De uma coisa estou segura: depois de tantos anos, com tantos e tantos alunos e professores a mais do que naquele 30 de março, o São Vicente conservou (e este é um dos seus mistérios) um clima de família, uma certa informalidade que torna as relações mais próximas, mais diretas, menos formais mas, nem por isso, menos questionadoras.

Não poderíamos acreditar então que, naquele remoto dia de 59, estávamos vivendo algo que mais tarde iríamos nos orgulhar, começávamos uma escola grande que foi crescendo, tomando identidade, ficando forte, tornando-se uma grande escola, abraçando uma filosofia libertadora, entrando na maturidade de seus 30 anos, sem perder a jovialidade de quem não parou, de quem está sempre buscando, participando, transformando-se, tropeçando.

Este é o São Vicente em processo, como a vida, como a Educação.

## "O SOE NO SÃO VICENTE"

### Objetivo Geral:

Refletir o processo educativo da Escola como um todo e realizar atividades no sentido de tornar o aluno cada vez mais participante e crítico. Possibilitar o desenvolvimento pessoal em busca da maturidade e da responsabilidade pela construção de sua vida e da coletividade a que pertence, percebendo a importância de uma liberdade partilhada.

### Estratégias:

- Trabalho integrado com o SOP e Coordenações em geral no planejamento global das atividades curriculares.
- Acompanhamento sistematizado junto a professores, alunos, inspetores e comunidade educativa em geral.
- Avaliação contínua e dinâmica tendo em vista a realimentação do processo.

### Atividades:

Respeitando cada etapa do desenvolvimento do aluno, o SOE promove, dinamiza atividades tais como:

- Observações em sala, entrevistas individuais ou em grupo, reunião de pais, eleição de representantes e trabalho integrado com os mesmos, construção de instrumentos de desempenho que facilitem a avaliação do desenvolvimento dos alunos, informação profissional, contato e encaminhamento junto a profissionais de áreas afins, preparação e participação em Conselhos de Classe e Reflexão.

Serviço de Orientação Educacional

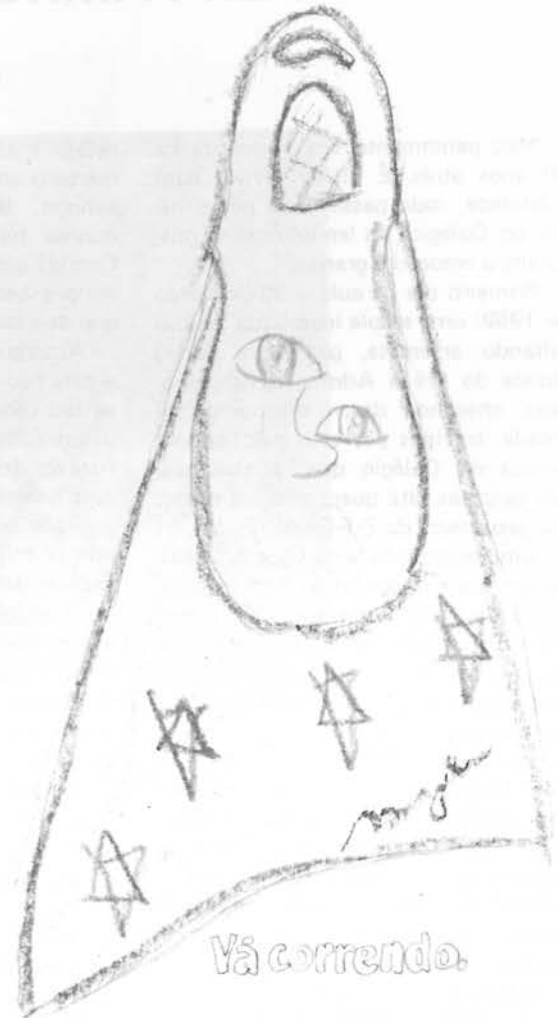
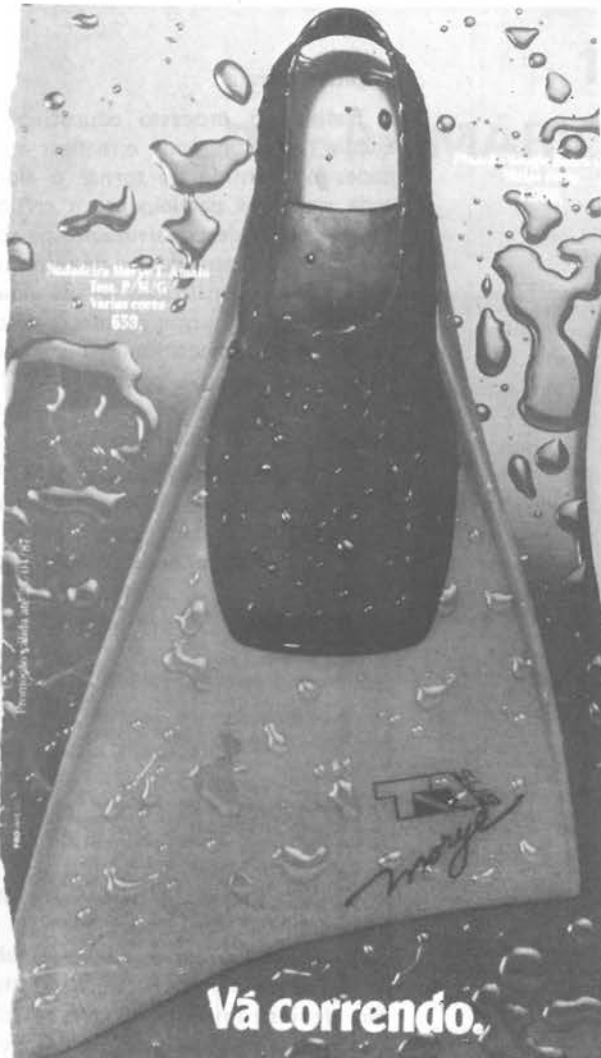
QUANDO SE AMA O TRABALHO,

QUE SE FAZ A CADA DIA,

A VIDA SE TORNA SEMPRE

UM MOTIVO DE ALEGRIA!

# INFORME DA EQUIPE



*A transformação de imagem*

O Ensino de Artes Plásticas no Colégio São Vicente de Paulo existe há mais de uma década, cobrindo da 1ª à 6ª série. No entanto, durante muitos anos, foi desenvolvido sem uma articulação maior entre os professores.

A conquista do espaço para uma coordenação, a partir de 1988, possibilitou a formação de uma equipe inte-

grada. E, como já sentíamos a necessidade de organizar os conteúdos estabelecendo uma continuidade, partimos para a estruturação de um currículo de Artes Plásticas buscando uma educação do olhar: as relações entre o Fazer Artístico, a História da Arte e a Leitura da Imagem. Tentamos também uma aproximação com as outras disci-

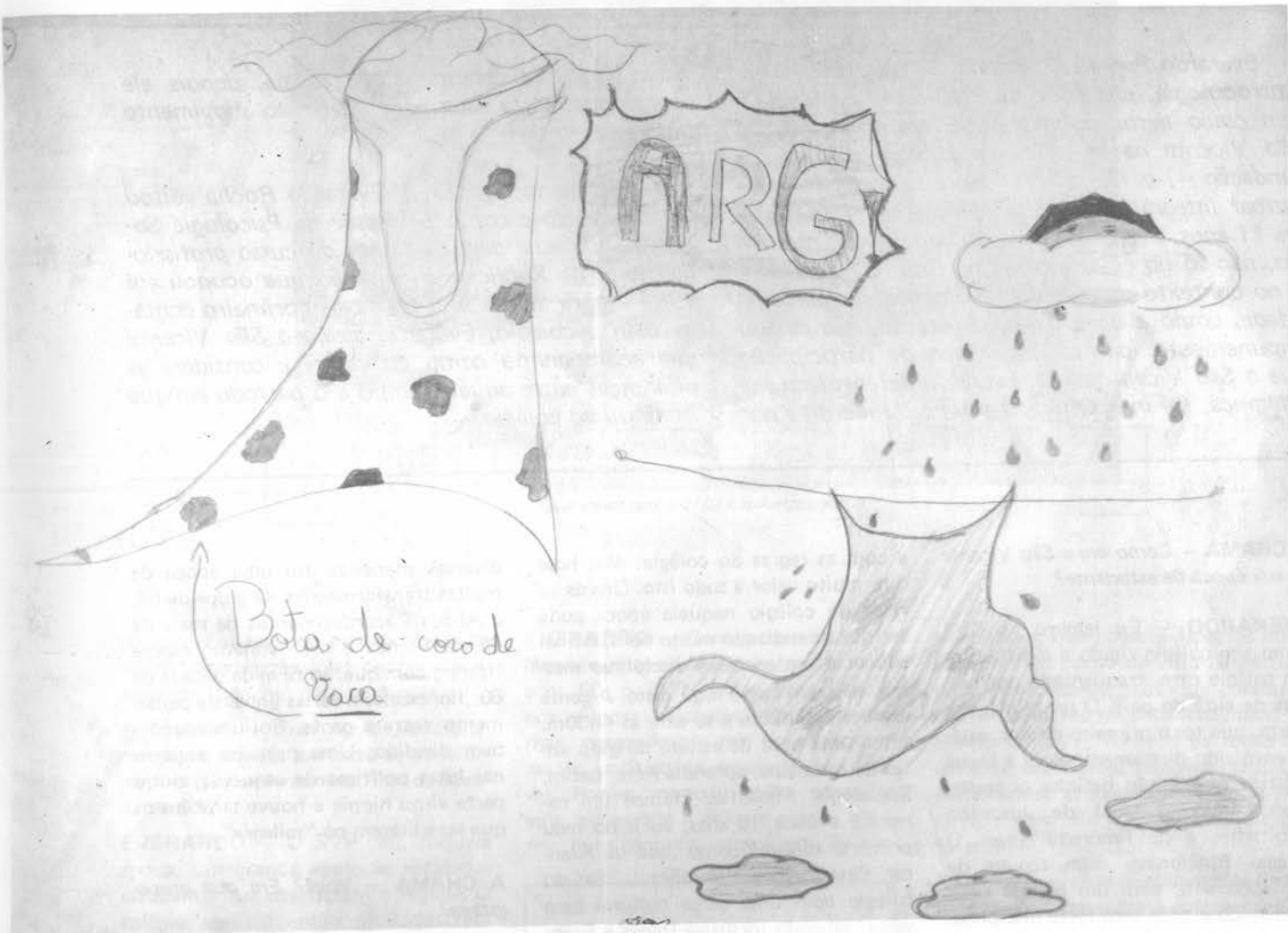
plinas, já que entendemos a educação como um processo global.

Nesse momento estamos com um ante-projeto concluído, sendo testado nas nossas aulas. Pretendemos, no futuro, estender esse processo às demais séries do Colégio.

Em agosto deste ano, a equipe esteve em São Paulo participando do

# DE ARTES PLÁSTICAS

ENCONTRO DO EX-ALUNO  
COM O EX-PROFESSOR



na percepção infantil

3º Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História (realizado na U.S.P.), onde podemos constatar que o nosso trabalho está sintonizado com o pensamento contemporâneo nessa área. E isso nos estimulou a aprofundar nossa pesquisa, iniciando um grupo de estudos.

Outro fato que nos deu grande

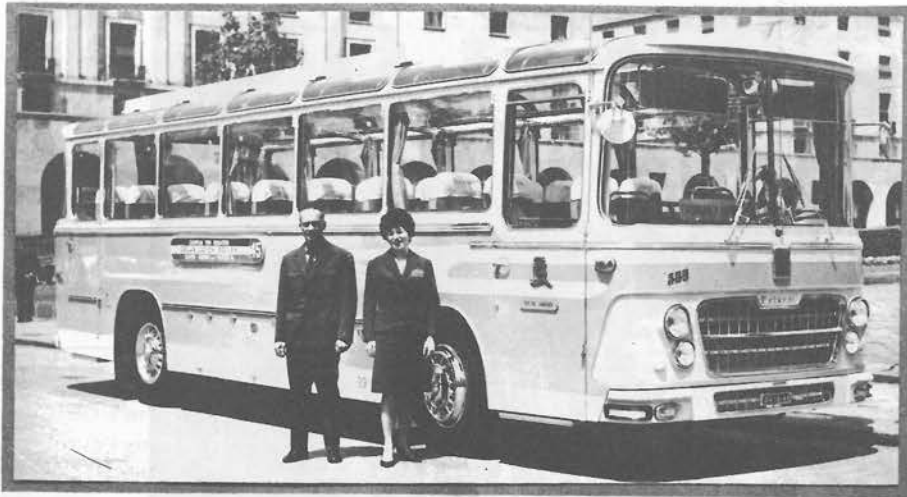
incentivo foi a construção das novas salas de aula, especialmente planejadas para melhor atender às necessidades do nosso trabalho, e que deverão ser inauguradas ainda no próximo mês.

Nossa equipe conta, atualmente, com os seguintes professores: Débora Montano (1ª e 2ª séries); Lauro Basile (1ª, 2ª e 3ª séries); Claudia Marçal (3ª

e 4ª séries); Gisele Pinto Costa (3ª e 4ª séries); Sueli de Lima (5ª série) e Sheila Dain (6ª série e Coordenação).

Não poderíamos deixar de assinalar a indispensável colaboração do nosso servente Darcy Rodrigues.

A Equipe



# Excursões Polvani a Europa

DIPLOMA DE PARTICIPAÇÃO

NA EXCURSÃO A EUROPA. Colegio S. Vicente de Paulo 1964

REV. MIGDON SOUZA

*Edo Polvani*  
MOTORISTA

*Monstobiani*  
GUIA

FORTUNATO POLVANI  
GERENTE GERAL

GENOVA (ITALIA)

*Fortunato Polvani*

*Roberto Luis A. Castro Perez*      *Walter Stumm*      *Odete Siroer. Maria*  
*Fogo Henrique Esmeraldo*      *Gilma Pedrosa*  
*Evaletto Kastner (Bode)*  
*Maria da Graça Fontoura de Carvalho*  
*Genita Maria de Carvalho Kajarama*  
*André de V. Franha (curioso Sousa fernande*  
*Cell 4 C.G. (Voto).*      *Alf. Rogério Di Sille*  
*Edmundo Puy Lourenço*      *Lucia Cecchin*  
*Fica Zizian*      *Carlos Juliano*  
*Américo Galvão Damilha*      *Jose Rubens Pereira*  
*Jose Felício*      *Amadeo Siqueira*  
*Saulo Martins*      *Pig Troop*  
*Filho do*      *Delecenti*

CURIOSIDADE

# O BRASIL

Está pintando a XVII FENART - FEIRA NACIONAL DE ARTESANATO. No Pavilhão de Promoções, de 21 de outubro a 2 de novembro. O melhor do artesanato brasileiro em primeira mão para você.

OS SHOWS DO ANO:

- Chico Anísio - 18/11
- Evandro Mesquita - 16/12

# ESTA FAZENDO

# ARTE EM

OUTUBRO - MÊS DE ANIVERSÁRIO DA CIDADE:

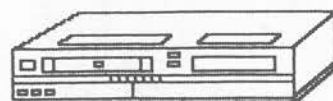
- Bailes ao ar livre
- Shows circenses
- Reis do ringue
- Desfile de Fanfarras
- Bandas e muito mais.

MUDE O CLIMA.  
VENHA PARA MIGUEL PEREIRA.  
3º melhor clima do mundo.

# MIGUEL PEREIRA.

Informações: SECTUR - Secretaria de Turismo de Miguel Pereira - Tel.: (0244) 844285

# V Í D E O ...



SAT VÍDEO  
PRODUÇÕES LTDA

criação & produção

- . CURSOS DE VÍDEO
- . ESTÚDIO PRÓPRIO
- . LOCAÇÃO DE EQUIPAMENTO
- . PRODUÇÃO FILMAGEM EDIÇÃO



ENDEREÇO: Av. Marechal Câmara, N. 160 / 1701  
CEP: 20020 - CASTELO - RJ.  
TELEFONE: 220-9805 - CAIXA POSTAL: 62551



**JANEIRO 90**  
**EXCURSÃO AO**  
**CARAÇA**  
**INSCREVA-SE JÁ**  
**NO COLÉGIO SÃO VICENTE**

